

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
PUC-SP**

**Daniela Santos Aires**

**O fluir de um rio pelas identidades entre línguas:  
um percurso sistêmico-complexo**

**Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem**

**São Paulo  
2022**

**Daniela Santos Aires**

**O fluir de um rio pelas identidades entre línguas:  
um percurso sistêmico-complexo**

**Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maximina Maria Freire.

**São Paulo**

**2022**

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Tese de Doutorado por processos de fotocopiadoras e eletrônicos.

Aires, Daniela Santos

O fluir de um rio pelas identidades entre línguas: um percurso sistêmico-complexo. Daniela Santos Aires, São Paulo: [150 p.], 2022.

Orientadora: Profa. Dra. Maximina Maria Freire.

Tese (Doutorado). Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2022.

1. Identidades. 2. Línguas Estrangeiras. 3. Constelação Sistêmica. 4. Pensamento Complexo. 5. Abordagem Hermenêutico-Fenomenológica Complexa. I. Freire, Maximina Maria. II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. III. O fluir de um rio pelas identidades entre línguas: um percurso sistêmico-complexo.

Banca Examinadora

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maximina Maria Freire  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

---

Prof. Dr. Marcelo Furlin  
Universidade Metodista de São Paulo

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Izabel Cristina Petraglia  
Universidade Metodista de São Paulo

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Karlene do Socorro da Rocha Campos  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Alzira Leite Vieira Allegro  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

**O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Processo 88887.473557/2020-00.**

**This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Process 88887.473557/2020-00.**

## **AGRADECIMENTOS**

Eu sou grata à “Força Gestadora” (ARANY, 2008) da Grande Vida que, com sua infinita sabedoria, amor e mistério, sustenta-me, fortalece, inspira, impulsiona, conduz e fornece os recursos necessários para as minhas realizações, em especial, a desta tese.

Eu sou grata a mim mesma por ter persistido e superado os inúmeros desafios que se apresentaram em minha vida pessoal e acadêmica durante meu percurso no doutorado. Esse autoagradecimento é fruto de um grande aprendizado que levo comigo desse percurso: a importância de me reconhecer, incluir e valorizar em minha própria experiência de vida.

Eu sou grata a tudo, a todas e a todos que contribuíram, direta e/ou indiretamente, para que este sonho se tornasse real, em especial, à Profa. Dra. Maximina Maria Freire, pela orientação, parceria, ensinamentos e trocas desde quando iniciei minha jornada no mestrado, há dez anos.

***“Tudo sempre começa na origem e para ela retorna.”***

**Ramy Arany**

AIRES, Daniela Santos. **O fluir de um rio pelas identidades entre línguas: um percurso sistêmico-complexo.** Tese (Doutorado). Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2022.

## RESUMO

Além de serem vias de comunicação e expressão, os idiomas também podem suscitar a questão identitária, uma vez que são capazes de despertar emoções, sentimentos, crenças, origens, memórias, entre outras fontes de informação importantes a respeito da singularidade de cada ser humano, as quais podem influenciar sua comunicação e aprendizagem, bem como seu processo de desenvolvimento pessoal. Esta pesquisa tem por objetivo descrever e interpretar o fenômeno *movimento das identidades entre línguas em um curso sistêmico-complexo*, desenhado para o ambiente remoto com a finalidade de promover o despertar da consciência e a sensibilização para aspectos não cognitivos que permeiam a comunicação e aprendizagem de línguas, podendo contribuir para a superação de dificuldades nessas áreas do conhecimento. Teoricamente, esta investigação se fundamenta no Pensamento Complexo (MORIN, 2005, 2015c, 2017), que reconhece a importância da subjetividade autoral como elemento integrante da pesquisa em práxis complexa, na Visão Sistêmica (CAPRA & LUISI, 2014) pela via da Constelação Sistêmica (HELLINGER, 2010, 2020) e nas concepções acerca das identidades entre línguas (SERRANI-INFANTE, 2001; REVUZ, 2001; AMANTI-MEHLER, 2005). Metodologicamente, este trabalho é conduzido segundo os pressupostos da Abordagem Hermenêutico-Fenomenológica Complexa (FREIRE, 2010, 2012, 2017), que busca compreender a essência de fenômenos complexos da experiência humana. Inserido no âmbito da Linguística Aplicada (CELANI, 1992), este estudo se desenvolve por meio de um curso desenhado segundo a Abordagem Sistêmico-Complexa, a qual proponho. Os participantes desta pesquisa são seis alunos voluntários que mantêm relações profissionais e educacionais permeadas pela língua inglesa. Por se tratar de uma pesquisa empírica hermenêutico-fenomenológica complexa, assumo o traço subjetivo-objetivo existente nesta experiência investigativa ao me incluir como participante, pesquisadora, autora, mentora sistêmica de idiomas e *designer* do curso em destaque. Os instrumentos utilizados para a geração do material textual são a narrativa linguístico-biográfica, o diário produzido ao longo do curso, as reflexões compartilhadas e a conversa hermenêutica. A interpretação do *movimento das identidades entre línguas em um curso sistêmico-complexo* revela que sua essência é composta por *busca, transcendência, autoconhecimento, pertencimento e descoberta*, detalhados e ilustrados neste trabalho.

**Palavras-chave:** Identidades; Línguas Estrangeiras; Constelação Sistêmica; Pensamento Complexo; Abordagem Hermenêutico-Fenomenológica Complexa.

AIRES, Daniela Santos. **The flow of a river through identities across languages: a systemic-complex course.** Thesis (PhD). Graduate Studies in Applied Linguistics and Language Studies. Pontifical Catholic University of São Paulo, 2022.

## ABSTRACT

In addition to being means of communication and expression, languages can also raise the issue of identity, since they are capable of awakening emotions, feelings, beliefs, origins, memories, among other important sources of information about the uniqueness of each human being, which can influence your communication and learning, as well as your personal development process. This research aims to describe and interpret the phenomenon *movement of identities across languages in a systemic-complex course*, designed for the remote environment, with the aim of promoting awareness of non-cognitive aspects that permeate communication and language learning, which can contribute to overcoming difficulties in these fields. Theoretically, this investigation is based on Complex Thinking (MORIN, 2005, 2015c, 2017), which recognizes the importance of authorial subjectivity as an integral element of research in complex praxis, on the Systemic Vision (CAPRA and LUISI, 2014) through the Systemic Constellation (HELLINGER, 2010, 2020) and on conceptions about identities across languages (SERRANI-INFANTE, 2001; REVUZ, 2001; AMANTI-MEHLER, 2005). Methodologically, this research is conducted according to the assumptions of the Complex Hermeneutic-Phenomenological Approach (FREIRE, 2010, 2012, 2017), which seeks to understand the essence of phenomena of human experience. Inserted in the scope of Applied Linguistics (CELANI, 1992), this study is developed through a course designed according to the Systemic-Complex Approach, which I propose. The participants in this research are six volunteer students who maintain professional and educational relationships permeated by the English language. Because it is a complex hermeneutic-phenomenological empirical research, I assume the subjective-objective trait existing in this investigative experience by including myself as a participant, researcher, author, systemic language mentor and designer of the highlighted course. The instruments used to generate the textual material are the linguistic-biographical narrative, the diary produced throughout the course, the shared reflections, and the hermeneutic conversation. The interpretation of the *movement of identities across languages in a systemic-complex course* reveals that its essence is composed of *search, transcendence, self-knowledge, belonging* and *discovery*, detailed and illustrated in this work.

**Keywords:** Identities; Foreign Languages; Systemic Constellation; Complex Thought; Complex Hermeneutic-Phenomenological Approach.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ecossistema .....	28
Figura 2 - O ciclo da água .....	31
Figura 3 - Cristais de água .....	40
Figura 4 - A formação em “v” no voo dos pássaros .....	41
Figura 5 - Os movimentos das identidades entre línguas .....	62
Figura 6 - Dimensões sistêmico-complexas das identidades entre línguas .....	64
Figura 7 - Representação gráfica do fenômeno .....	109
Figura 8 - Gota-tema BUSCA .....	115
Figura 9 - Gota-tema TRANSCENDÊNCIA .....	117
Figura 10 - Gota-tema AUTOCONHECIMENTO .....	126
Figura 11 - Gota-tema PERTENCIMENTO .....	132
Figura 12 - Gota-tema DESCOBERTA.....	141

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Rotinas de organização e interpretação da AHFC .....	68
Quadro 2 - Síntese do perfil dos participantes da pesquisa .....	81
Quadro 3 – Palavras-síntese .....	86
Quadro 4 - Instrumentos de pesquisa .....	88
Quadro 5 - Ilustração parcial do processo interpretativo.....	90

## SUMÁRIO

<b>A NASCENTE DO RIO .....</b>	<b>13</b>
<b>1 QUE ÁGUAS SÃO ESSAS? .....</b>	<b>23</b>
<b>1.1 O Pensamento Complexo .....</b>	<b>23</b>
1.1.1 Os operadores de religação .....	26
1.1.2 A noção de sujeito .....	32
<b>1.2 A Visão Sistêmica.....</b>	<b>36</b>
1.2.1 A Constelação Sistêmica .....	38
1.2.2 As leis sistêmicas .....	42
1.2.3 A Educação Sistêmica .....	51
<b>1.3 Línguas &amp; Identidades .....</b>	<b>54</b>
1.3.1 As identidades entre línguas .....	56
<b>1.4 Águas que se cruzam .....</b>	<b>63</b>
1.4.1 Dimensões sistêmico-complexas das identidades entre línguas .....	63
<b>2 A CORRENTEZA DO RIO .....</b>	<b>67</b>
<b>2.1 A orientação metodológica .....</b>	<b>67</b>
<b>2.2 O contexto e os participantes da pesquisa .....</b>	<b>73</b>
<b>2.3 Os instrumentos e procedimentos de geração de textos .....</b>	<b>82</b>
2.3.1 A narrativa linguístico-biográfica .....	82
2.3.2 O diário .....	83
2.3.3 As reflexões compartilhadas .....	85
2.3.4 A conversa hermenêutica .....	86
<b>2.4 Os procedimentos de interpretação .....</b>	<b>88</b>
<b>3 O CAMINHO DAS ÁGUAS .....</b>	<b>93</b>
<b>3.1 A Abordagem Sistêmico-Complexa .....</b>	<b>93</b>
<b>3.2 O planejamento e o desenvolvimento .....</b>	<b>96</b>
<b>3.3 O <i>feedback</i> e a avaliação .....</b>	<b>105</b>
<b>3.4 Algumas observações relevantes .....</b>	<b>106</b>

<b>4 DO RIO AO OCEANO .....</b>	<b>108</b>
<b>4.1 Busca .....</b>	<b>109</b>
<b>4.2 Transcendência .....</b>	<b>115</b>
<b>4.3 Autoconhecimento .....</b>	<b>118</b>
<b>4.4 Pertencimento .....</b>	<b>126</b>
<b>4.5 Descoberta .....</b>	<b>132</b>
<b>O OCEANO .....</b>	<b>142</b>
<b>O LEITO DO RIO .....</b>	<b>145</b>

## A NASCENTE DO RIO

*“Um jovem sentou-se à margem de um rio e pôs-se a observar-lhe os torvelinhos e ondas. Sentindo-o penetrar suavemente em seu espírito, perguntou: “De onde virá este rio?” E se foi em busca da fonte”.*

Hunter Beaumont

A fonte de um rio é sua nascente, o local onde se inicia um curso d'água, o fluir da vida que, nesta investigação, apresenta o *movimento das identidades entre línguas em um curso sistêmico-complexo*, fenômeno da experiência humana em foco; caminho pelo qual é potencialmente possível ampliar a consciência para o *si mesmo*, ou seja, para o *ser em essência*, ao longo do percurso de experiências e interações, como o fluir de um rio que desemboca em um oceano de possibilidades, majestoso em sua infinitude ao horizonte.

Compartilho, nesta Introdução, algumas reflexões sobre minha trajetória com as línguas, reconhecendo a importância da subjetividade autoral como elemento integrante da pesquisa em práxis complexa e, assim, revelando meu lugar de fala, perspectiva e experiências relacionadas ao fenômeno investigado para que o leitor compreenda o caminho trilhado que me conduziu e motivou à realização deste estudo, tendo origem a partir da seguinte indagação: *Quem sou eu entre línguas?* Essa é uma pergunta que me tem despertado inquietações, dúvidas, buscas, vivências, sentimentos, emoções, sensações e compreensões complementares e cada vez mais profundas, desde 2010, quando embarquei numa experiência de intercâmbio que mudou minha visão de mundo e a noção de *quem eu sou*.

Tenho um espírito investigador, curioso, ávido por aprender e apaixonado por idiomas. Desde criança, o inglês se mostrava um espaço de descobertas e conexões para mim. Eu comecei a estudá-lo na pré-escola e, de forma complementar, em um instituto de idiomas, aos dez anos de idade. Lembro-me de estar sempre curiosa e animada para aprender a me comunicar e me expressar em inglês. Era um momento no qual parecia que me transportava para outra realidade, onde eu podia experimentar novos sons, modos de me

expressar e me conectar com outras pessoas e culturas. Eu não via o tempo passar quando mergulhava nesse novo universo para mim.

Os anos se passaram e continuei me dedicando à aprendizagem do idioma, avançando por meio de cursos preparatórios para certificações internacionais de proficiência. Eis que a paixão pelos idiomas passou a fazer parte da minha atuação profissional também, como professora de inglês desde 2007, tendo atuado em institutos de idiomas, no Ensino Superior, na Educação Básica e como profissional autônoma.

Em 2010, tive a oportunidade de realizar o sonho de vivenciar uma experiência de intercâmbio, ao morar por cinco meses em Sidney (Austrália), onde participei de um curso preparatório para o *Certificate of Advanced English (CAE)*, exame de inglês avançado da Universidade de *Cambridge*. Nesse curso, na escola internacional, éramos sete alunos: quatro brasileiros, uma holandesa, uma francesa e um colombiano. Uma mistura de culturas, origens, crenças, buscas, bagagens, sentimentos e emoções, com o mesmo desafio de aprender as especificidades do inglês como língua estrangeira e obter êxito no exame.

Aquela foi uma experiência única e muito importante para mim, como um portal que se abriu para a tessitura de novos sentidos e significados em minhas experiências de vida. Parece-me que entrei em contato com meu universo interior e conheci diferentes matizes da *Daniela* naquele contexto entre línguas e culturas. Eu me sentia diferente.

Em meio a autorreflexões, percebo que eu gosto muito de quem eu sou quando falo inglês. É como se eu me sentisse mais aberta para novas experiências, curiosa e conectada a uma força maior que me impulsiona a interagir no mundo das relações. Eu me divirto nesse outro espaço, faço descobertas, experimento novas maneiras de pensar, agir e interagir. Interessante que, por muito tempo, eu me sentia mais à vontade falando inglês do que o próprio português, minha língua materna.

O espanhol surgiu em minha vida na Educação Básica, com uma professora muito querida, a Marie, nascida na Espanha. Percebi que não tive tanta afinidade como com o inglês. Eu sentia o espanhol como uma língua associada à dramaturgia do teatro. Talvez, porque minha primeira professora

estimulava bastante a prática de diálogos e apresentações nesse formato. Por ser mais tímida naquela época, sentia dificuldade em estar naquele papel. Também não guardo boas memórias das aulas com a professora do Ensino Médio, que era extremamente rígida e explorava, principalmente, as estruturas gramaticais em sala de aula.

Pelo idioma francês, sempre tive admiração. O primeiro contato foi por meio do estudo do *ballet* clássico - aos nove anos de idade, outra paixão em minha vida. No entanto, o interesse e a dedicação em aprender a língua foram despertados pela necessidade de realizar o exame de proficiência para o ingresso no programa de doutorado em 2019.

Ao iniciar meus estudos de francês, eu me apaixonei pela sua sonoridade e pela sensação de me transportar para outro lugar, um espaço cultural que se abria para descobertas e novos conhecimentos, articulados com a minha experiência anterior com o *ballet* clássico, que foi terapêutica para mim, pois estimulou minha autoexpressão e comunicação por meio da arte e da linguagem da dança.

Após dois meses de estudo, consegui obter sucesso na prova exigida pelo Programa de Estudos Pós-graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e continuei me dedicando à aprendizagem do idioma por escolha pessoal. Hoje, o francês também faz parte da minha prática profissional como tradutora e mentora sistêmica de idiomas, prática que desenvolvi diante da necessidade observada de ir além das aulas tradicionais de idiomas, pois, na mentoria, trabalho, também, aspectos não cognitivos, como emoções, sentimentos, crenças, memórias pessoais e ancestrais que podem emergir no processo de aprendizagem de línguas, auxiliando na superação de dificuldades na comunicação e aprendizagem.

Minha vida entre línguas nem sempre foi uma calmaria. Conforme o dito popular: “mares serenos não fazem bons marinheiros”. Eu também vivi períodos difíceis, nos quais o mar agitou-se e acabei engolindo bastante água. Momentos de crise surgiram quando eu me percebi *travando* na hora de me comunicar! Mesmo já tendo trabalhado com o inglês por alguns anos, percebi que quando sentia emoções que me abalavam, como a pressão para passar no exame

internacional de inglês, especialmente na prova de *speaking* (produção oral), surgia uma autocobrança pela perfeição na pronúncia e na construção de frases gramaticalmente corretas que bloqueava minha mente e minha capacidade de comunicação e expressão.

Felizmente, durante minha experiência de intercâmbio, tive a oportunidade de estudar com o professor Julian, britânico que morava na Austrália há alguns anos e trabalhava numa escola internacional de inglês. Ele se mostrou sensível à minha questão, bem como às dos colegas, os quais também sentiam, cada um à sua maneira, a pressão para passar no exame. Sua proposta foi a de trabalharmos também com meditação, respiração e alongamento, preparando, assim, não apenas a mente, mas também o corpo e as emoções para a prova. O sucesso da turma no exame foi unânime e a sensação de superação foi transformadora em meu interior. Passei a observar com mais atenção a questão das minhas emoções e das minhas crenças que, por vezes, bloqueavam, principalmente, minha comunicação e expressão.

Ao retornar para o Brasil (em 2011), percebi que eu já não era mais a mesma que havia cruzado oceanos há alguns meses, certamente, pelas experiências vividas e aprendizados realizados, os quais me proporcionaram mais maturidade e desenvolvimento, não apenas profissional, mas também pessoal. No entanto, senti como se eu não pertencesse mais ao Brasil, nem à Austrália, uma sensação de estar *desencaixada*, que me despertou angústia e muitos questionamentos.

Nesse cenário, percebi que trouxe muitas inquietações na bagagem: *O que aconteceu comigo lá? Que nuances da Daniela se revelaram para mim naquela experiência? Onde elas estão agora? Quem sou eu (entre línguas)?* Essas e outras questões motivaram minha busca pelo *autoconhecimento*, de forma consciente e profunda. Iniciei meu processo por meio da Constelação Sistêmica (HELLINGER, 2020), popularmente conhecida como Constelação Familiar, e psicoterapia sistêmico-fenomenológica, participando de diversos cursos e workshops de desenvolvimento pessoal e espiritualidade, dos quais tenho me beneficiado, até os dias atuais, ao ampliar minha compreensão a respeito de mim mesma, do outro e da vida.

Sinto que trilhei meu caminho de autoconhecimento, também, por meio da minha pesquisa de mestrado (AIRES, 2014), na qual investiguei a identidade de professores de língua estrangeira no contexto de intercâmbio. Esse estudo proporcionou-me a compreensão da importância do *aspecto emocional* para as questões identitárias entre línguas, bem como da *busca pelo autoconhecimento*, em especial, para questões relativas ao sentimento de *pertencimento* e à *imersão*, temas que emergiram naquela pesquisa e despertaram, ainda mais, minha curiosidade em aprofundar meus estudos. Alguns anos depois, esse trabalho foi revisitado, adaptado e publicado no formato de livro sob o título: *Quem sou eu entre línguas? Identidade, intercâmbio e complexidade em cena* (AIRES, 2017).

Nesse período, tive a oportunidade de atuar no Ensino Superior, experiência que me possibilitou desenvolver um projeto a respeito das questões identitárias em língua estrangeira com os alunos do curso de Letras – Português/Inglês e perceber a curiosidade e o interesse que emergiam deles, bem como a relevância e pertinência de aprofundar essa questão tanto na formação acadêmica de professores de línguas como na formação continuada, uma vez que a temática promove o desenvolvimento profissional e pessoal, tanto de professores de línguas quanto de aprendizes, por meio do *autoconhecimento* conforme preveem a BNCC (BRASIL, 2017) e a BNC-Formação (BRASIL, 2019).

Percebo que cada aluna(o), assim como eu, na condição de docente, somos parte de um todo complexo, no qual nos relacionamos e ampliamos nossa rede de conexões de forma contínua e ilimitada, como um rio que vai expandindo seus caminhos ao se encontrar com outros rios, adquirindo maior extensão e alcance, diante das infinitas possibilidades de estabelecer novas conexões, bem como cultivar as ligações já existentes.

Em continuidade aos meus estudos sobre as identidades entre línguas, sintonizados com meu propósito de auxiliar aprendizes e usuários de inglês a superarem suas dificuldades de comunicação e aprendizagem, desenvolvi o que nomeio de *Abordagem Sistêmico-Complexa*, inspirada na Constelação Sistêmica (HELLINGER, 2000, 2020) e fundamentada no Pensamento Complexo (MORIN, 2005, 2015c, 2017). Assim, avanço em meu caminho entre

línguas, que segue um percurso de autoconhecimento, nesta experiência inédita de pesquisa que se inicia, a partir da *nascente* deste rio em fluxo.

Com o objetivo de descrever e interpretar o fenômeno *movimento das identidades entre línguas em um curso sistêmico-complexo*, em busca de identificação de seus construtos intrínsecos, de sua essência, com a finalidade de compreender e promover o *despertar da consciência* e a *sensibilização* para os aspectos não cognitivos que permeiam a comunicação e aprendizagem de línguas, podendo contribuir para a superação de dificuldades nesses campos, a questão que fundamenta esta pesquisa é a seguinte:

- Qual a natureza do movimento das identidades entre línguas em um curso sistêmico-complexo?

Para realizar esta investigação, desenhei o curso remoto denominado “*Quem sou eu entre línguas e culturas? Um percurso sistêmico*”, segundo as orientações da Abordagem Sistêmico-Complexa<sup>1</sup>, visando promover um espaço de desenvolvimento para auxiliar na identificação e superação de dificuldades na comunicação e aprendizagem de línguas. Teoricamente, o curso trilhou um caminho sistêmico (HELLINGER, 2000, 2020) e complexo (MORIN, 2005, 2007a, 2015b, 2017, 2020) de expansão da consciência para as questões identitárias.

Seis participantes voluntários, caracterizados por terem relações profissionais e educacionais permeadas pelo inglês, foram os alunos do grupo sob estudo. Assim, o fenômeno investigado emerge da experiência vivenciada pelos alunos do curso em questão e, por se tratar de uma pesquisa empírica hermenêutico-fenomenológica complexa, assumo o traço dialógico subjetivo-objetivo existente nessa experiência investigativa ao me incluir como participante, pesquisadora, autora, mentora sistêmica de idiomas e designer do curso em destaque.

A partir da interpretação do material textual gerado pelos participantes da pesquisa durante o curso, é possível refletir sobre e compreender a proposta

---

<sup>1</sup> Apesar da aparente redundância semântica, escolho nomear como Sistêmico-Complexa a abordagem que desenvolvi para enfatizar as vertentes que a compõem: *a Visão Sistêmica, pela via da Constelação Sistêmica e o Pensamento Complexo*.

Sistêmico-Complexa no processo de ensino-aprendizagem de línguas, contribuindo, assim, para o desenvolvimento humano e autoconhecimento dos participantes, ressaltando que os desenvolvimentos pessoal e linguístico caminham juntos, uma vez que o processo de construção de conhecimento e autoconhecimento encontram-se interligados em essência.

A metáfora do *rio que trilha seu caminho em direção ao oceano* emerge da minha experiência de intercâmbio, a qual me possibilitou cruzar oceanos e perceber o movimento das águas, bem como o fluir de meu ser, emoções e sentimentos nessa vivência, despertando-me à busca pelo autoconhecimento e para o desenvolvimento de minha prática docente. Além disso, o movimento das águas revela-se como um espaço revigorante de cura e introspecção para mim. Busco a natureza das águas, seja do mar, rio, oceano, cachoeira, fonte e, até mesmo, no banho, para um momento de reconexão comigo mesma e com a fluidez da vida, que revela sua grandeza e sabedoria a todo instante. Tecendo essa conexão, utilizo-me da *força das águas do rio que flui em direção ao oceano* para apresentar este percurso investigativo.

Diante do panorama desenhado, esta pesquisa encontra-se inserida no âmbito da Linguística Aplicada (doravante LA), a qual é compreendida como um espaço de trocas e construção que reconhece o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento (CELANI, 1992), o que me permite a criação de novas práticas que possam auxiliar na superação de dificuldades de comunicação e aprendizagem de línguas para além de seus aspectos estruturais. Trata-se, portanto, de um campo de estudos transdisciplinar e de “natureza essencialmente humanista” conforme destaca Celani (1992, p. 21).

Segundo a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), a qual é vinculada ao Ministério da Educação (MEC), várias são as pesquisas que se dedicam a investigar e interpretar, separada ou articuladamente, o ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras e a identidade de usuários desses idiomas. No entanto, entre os trabalhos relacionados, não localizei um que investigasse essas questões a partir do referencial teórico-metodológico que adoto. Contudo, entre as pesquisas recentes realizadas nas áreas de Linguística

Aplicada e Língua & Cultura, que se aproximam da temática identitária no ensino-aprendizagem de línguas, destaco os trabalhos de Silva (2017) e Vieira (2016), por revelarem, em alguma medida, alguma conexão com a minha proposta.

Silva (2017) investiga a forma como ex-participantes do *Ciências Sem Fronteiras* (CSF), primeiro programa brasileiro de mobilidade estudantil internacional promovido pelo MEC, tiveram suas identidades linguísticas em inglês reconstruídas. Vieira (2016) analisa de que forma discussões sobre a temática *identidade* podem suscitar, problematizar e promover impactos nas crenças dos licenciandos do 8º período do curso de Letras/Inglês de uma Universidade pública.

Tais estudos proporcionam reflexões relevantes para a compreensão da constituição das identidades no ensino-aprendizagem de línguas. No entanto, percebo que não se valem da perspectiva complexa moriniana (MORIN, 2005, 2015c, 2017), a qual, pessoalmente, considero poder contribuir de maneira significativa para uma compreensão ampliada dos movimentos que permeiam as identidades entre línguas, conforme abordo na seção dedicada ao pensamento complexo; tampouco da Visão Sistêmica (MATURANA & VARELA, 1972/1995), a qual revela, por meio da Constelação Sistêmica (HELLINGER, 2000, 2010, 2020), princípios importantes capazes de restabelecer a ordem/organização nas relações humanas, os quais também podem contribuir para a superação de dificuldades na comunicação e aprendizagem de línguas estrangeiras.

Considerando as reflexões até aqui compartilhadas, esta investigação revela-se inédita em alguns sentidos: pela proposta de articulação teórica entre o Pensamento Complexo e a Visão Sistêmica, pelo âmbito da Constelação Sistêmica, pelo enfoque à sensibilização para as identidades entre línguas, bem como pela escolha metodológica, a Abordagem Hermenêutico-Fenomenológica Complexa (FREIRE, 2010, 2012, 2017), que contribui, significativamente, com sua perspectiva inovadora, no que tange ao reconhecimento da importância de integrar as dimensões objetivas e subjetivas para a investigação de fenômenos da experiência humana. Essa composição inovadora proporciona a criação de um espaço educacional para a vivência e interpretação *do movimento das identidades entre línguas em um curso sistêmico-complexo*, visando ao.

despertar da consciência e à sensibilização para os aspectos não cognitivos que permeiam a comunicação e aprendizagem de línguas.

Esta pesquisa é orientada, metodologicamente, pela Abordagem Hermenêutico-Fenomenológica Complexa (AHFC), desenvolvida por Freire (2010, 2012, 2017), orientação de cunho qualitativo que compõe a *correnteza* deste *rio em fluxo*, conduzindo suas águas em consonância com os movimentos que articulam, simultaneamente, a Hermenêutica, a Fenomenologia e o Pensamento Complexo para a descrição e interpretação de fenômenos da experiência humana, os quais são, inerentemente, complexos.

Vinculado ao projeto de pesquisa coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maximina Maria Freire, *Ciclos de Formação de Educadores*, este estudo é desenvolvido no âmbito do Grupo de Pesquisa sobre a Abordagem Hermenêutico-Fenomenológica e Complexidade (GPeAHFC/CNPq), pertencente à linha de pesquisa Linguagem e Educação do Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP).

Em relação às pesquisas recentes realizadas pelo GPeAHFC/CNPq, do qual sou integrante, destaco os trabalhos de Muriana (2018) e Costa (2018) dentre os estudos que contemplam o Ensino-aprendizagem de línguas, a Linguística Aplicada, o Pensamento Complexo e a AHFC, pois entendo que eles, em especial, estabelecem um diálogo com a minha proposta. Muriana (2018) investiga os fenômenos aula tradicional, por meio do livro didático, e aula complexa, baseada no Design Educacional Complexo, DEC (FREIRE, 2013), ambos na perspectiva dos alunos, contribuindo para a expansão da compreensão referente ao impacto da proposta complexa no ensino-aprendizagem de línguas.

Costa (2018) descreve e interpreta a vivência em oficina *online* complexa, desenvolvida com base no DEC, como extensão da sala de aula de inglês, na perspectiva dos alunos, oferecendo uma base de estudo na perspectiva do ensino remoto. Ambos os estudos se revelam como produções investigativas que contribuem significativamente para as áreas do conhecimento supracitadas, fornecendo, também, um aporte de conhecimentos para esta pesquisa. No

entanto, a única pesquisa no acervo do GPeAHFC que, até o momento, investiga *questões identitárias* é minha dissertação de mestrado (AIRES, 2014), citada anteriormente, na qual focalizo a constituição da identidade de professores de línguas no contexto de intercâmbio, período em que iniciei meus estudos sobre as identidades entre línguas.

Retomando a metáfora escolhida para apresentar esta tese, *o fluir das águas do rio em direção ao oceano*, ressalto sua presença ao longo do texto, a partir desta Introdução, *A nascente do rio*, na qual descrevo a motivação pessoal que me conduziu à realização desta pesquisa de acordo com minha trajetória entre línguas, apresento e situo esta investigação, revelando, a seguir, o conteúdo de cada capítulo.

Em *Que águas são essas?*, apresento a fundamentação teórica: *as águas* que compõem o movimento teórico que permeia todo este trabalho, em meio às conexões e complementaridades observadas entre o Pensamento Complexo, a Visão Sistêmica e as Línguas & Identidades.

Em *A correnteza do rio*, identifico a orientação metodológica, os participantes, os instrumentos e procedimentos de geração e interpretação dos textos utilizados na pesquisa, segundo a Abordagem Hermenêutico-Fenomenológica Complexa.

Em *O caminho das águas*, descrevo o curso desenvolvido por meio da Abordagem Sistêmico-Complexa que proponho, delineando planejamento, desenvolvimento, *feedback*, avaliação e algumas observações relevantes.

Em *Do rio ao oceano*, interpreto a natureza do fenômeno em estudo, por meio da identificação dos temas hermenêutico-fenomenológicos complexos que revelam sua essência.

Em *O oceano*, apresento as considerações finais emergentes da realização desta pesquisa, dedicando-me a retomar *o percurso do rio* nesta experiência investigativa, tecer reflexões e sugerir possibilidades para pesquisas futuras. Por fim, em *O leito do rio*, apresento as referências bibliográficas utilizadas para a composição deste estudo.

Eis que o *rio* investigado nesta pesquisa já se encontra em fluxo e segue seu percurso, revelando a constituição e articulação de suas *águas*, que se manifestam a partir do capítulo a seguir.

## CAPÍTULO 1

### QUE ÁGUAS SÃO ESSAS?

*“Seguiu o rio até encontrar um braço mais longo que o resto.”*

Hunter Beaumont

Neste capítulo, apresento as *águas* que compõem o *rio em fluxo* nesta investigação, sustentando a fundamentação teórica que articula o Pensamento Complexo, a Visão Sistêmica e as Línguas & Identidades.

#### 1.1. O Pensamento Complexo

O Pensamento Complexo contribui, nesta pesquisa, para o tecer de reflexões, representando as *águas* que promovem as *conexões*, o fluxo em constante movimento de *abertura* na composição dos elementos teóricos e metodológicos que são articulados, em busca da compreensão do fenômeno *movimento das identidades entre línguas em um curso sistêmico-complexo*.

Ao observar a complexidade do conhecimento e da dinâmica de relações que dialoga com o mistério da vida, Edgar Morin (1921- ), filósofo francês que possui mente de cientista e alma de poeta, supera a visão tradicional, a qual é orientada pela fragmentação do conhecimento e o predomínio da objetividade nos estudos científicos, ampliando o escopo ao reintegrar o sujeito ao conhecimento, pois reconhece a importância da participação do próprio pesquisador em seu fazer investigativo, o qual flui em harmonia, assumindo que o *equilíbrio* entre objetividade e subjetividade pode ser considerado como uma utopia, ou ilusão, assim como na relação que estabelecemos com a natureza.

Segundo Morin (2015d, p. 132-133),

o pensamento que nos religa ao cosmo não nos reduz ao estado físico. É um pensamento que nos mostra nossas origens físicas e cósmicas, mas mostra também, que somos *emergências*. Fazemos parte da natureza, mas estamos fora dela em uma relação dialógica. Um pensamento que religa restabelece nossa solidariedade. Assim, nos

dias atuais, a ecologia relembra nossa solidariedade vital com a natureza que degradamos (grifo meu).

Diante dessa colocação, observo que o movimento das identidades entre línguas, assim como o movimento das águas, apresenta-se de maneira fluida, como que em uma dança que nos conecta ao nosso ecossistema de relações, uma *dança das águas/línguas*, em um movimento solidário que permite a interação e o emergir de diversas emoções, crenças, sentimentos e, até mesmo, variações linguísticas, estrangeirismos e neologismos, numa dança capaz de resgatar nossa necessidade intrínseca de comunicação, de expressão e de estabelecer conexões pelo senso de pertencimento.

Há períodos em que as águas se agitam, possivelmente, devido a ventos e precipitações fortes que podem ocasionar tempestades, relâmpagos, entre outros fenômenos naturais, e abalar sua condição de calma, como quando o fenômeno da aculturação é ocasionado naturalmente, diante de interações entre sujeitos de diferentes culturas que se permitem estabelecer uma relação de diálogo e complementaridade, apropriando-se de diferentes costumes, comportamentos e crenças.

Os fenômenos não naturais, ocasionados pela ação humana, também podem gerar a desarmonia da biosfera e, conseqüentemente, alterar sua organização, a qual atua em ressonância com todos os elementos ao seu redor e se auto-organiza, fenômeno percebido por Maturana & Varela (1972/1995) como *autopoiese*: capacidade autônoma inerente a sistemas vivos de se autoconstruírem a partir de seus componentes (estrutura) e das relações estabelecidas entre eles e o meio (organização), por exemplo quando um rio se ramifica, ou até muda sua trajetória, reconstruindo-se a fim de se adaptar às mudanças de seu ecossistema e, assim, sobreviver.

Nesse caso, destaco o fenômeno da aculturação quando o poder e a dominação imperam, ocasionando, muitas vezes, revolta, e até mesmo raiva, diante da nova cultura/língua que se faz imposta, o que trava uma guerra interna no sujeito, o qual tende a rejeitar a cultura/língua estrangeira para se manter fiel à sua cultura/língua de origem.

Tal cenário pode auxiliar numa compreensão da vida, da natureza, do ser humano e de suas relações como uma rede de interconexões que é *tecida junto* (MORIN, 2015b). O termo “ecologia da ação” (MORIN, 2015a, p. 46) denomina a dinâmica existente na repercussão de uma ação que tende a escapar das intenções e da vontade daquele que a iniciou, para entrar em um movimento de “interação e retroação com o meio (social ou natural)” (ibidem), que pode modificar sua trajetória a ponto de alterar sua direção. Portanto, percebo que a incerteza e a instabilidade são inerentes à vida, assim como à noção de identidade, que se constitui pelas interações socioculturais, históricas e culturais. Tais relações podem estabelecer as mais variadas conexões e/ou rupturas, em uma dinâmica de ressonância cujas consequências são imprevisíveis.

O relacionar-se por meio de diferentes línguas pode ser uma situação bastante imprevisível também. Para algumas pessoas, pode se desenvolver de maneira confortável e prazerosa, contribuindo para a ampliação do horizonte de possibilidades e interações. No entanto, para outras pessoas, existe a probabilidade de que sua aprendizagem de línguas seja um desafio que desperte medo, insegurança, dificuldade, a ponto de desistirem de seus objetivos de aprendizagem e comunicação em outros idiomas, o que as limita a um campo restrito de interações no mundo.

Momentos difíceis de decisão, abalo ou crise revelam que um ciclo está terminando para que uma nova ordem possa se estabelecer. Para tal, é necessário que as relações sejam percebidas de forma ampliada e interconectada, resgatando sua complexidade inerente, a fim de compreender sua dinâmica ecológica de interações e aprender a lidar com as incertezas e desafios que surgem em meio às experiências humanas.

Morin (2015c) destaca que as crises acentuam as *incertezas*, estimulam reflexões e busca de novas saídas; mas também podem provocar reações doentias. Portanto, compreendo a necessidade de se desenvolver sensibilidade com relação também às ambivalências e contradições que emergem, de maneira a identificá-las para que se possa transcendê-las e/ou sustentá-las. Viveret (2015c) contribui para essa reflexão ao afirmar que, diante de crises, é necessário encontrar um princípio de esperança que acredite no improvável, nas possibilidades criadoras e na metamorfose. É importante, também, reconhecer

que o mundo flui de forma dinâmica, imprevisível e que revela sua capacidade autopoietica de regeneração em busca da sobrevivência.

No fluxo da Vida, assim como em um curso d'água, os acontecimentos podem caminhar por diversas direções de maneiras imprevisíveis, até mesmo improváveis, como um rio que passa a correr no subsolo em determinados trechos e/ou se divide em mais de um canal, ramificando-se em afluentes para transcender os obstáculos que surgem em seu caminho e continuar seu percurso. Em algum momento, podendo religar-se e/ou se ligar a outros rios e, então, desaguar em um oceano, um lago, ou um mar, cumprindo com seu destino natural.

Diante da moldura reflexiva desenhada até aqui, o Pensamento Complexo emerge não como uma receita pronta, mas como um desafio para se pensar, especialmente em tempos de crise e dilemas, na oportunidade de se religar a ecologia das relações e da consciência de si mesmo, a qual é capaz de resgatar a visão complexa, na busca pela compreensão do ser, da Vida e da existência, no constante movimento de metamorfose e transformação, rumo ao desenvolvimento humano, pessoal, profissional e espiritual.

### **1.1.1. Os operadores de religação**

Morin (2015d) afirma que não basta compreender a importância do Pensamento Complexo, é necessário colocá-lo em ação. Para tanto, o antropólogo, sociólogo e filósofo francês apresenta os princípios ou “operadores de religação” (MORIN, 2015d, p. 109) que contribuem para o movimento de ligar e religar o conhecimento, considerando sua não fragmentação, a partir da orientação epistemológica pautada nas seguintes concepções: a *complexidade* (o tecer junto), a *instabilidade* (inerente à vida), e a *intersubjetividade* (referente às relações entre os sujeitos).

A princípio, Morin (2017) apresenta sete operadores do Pensamento Complexo: *sistêmico ou organizacional, hologrâmico, circuito retroativo, circuito recursivo, autonomia/dependência (auto-organização), dialógico e reintrodução do conhecimento em todo conhecimento*. Posteriormente, Morin (2015b) amadurece sua compreensão e os concebe como desdobramentos, destacando

três operadores: *dialógico, recursão organizacional e hologramático*. Em sua obra mais recente, Morin (2015d) evidencia *quatro* operadores: o *sistema, a causalidade circular, a dialógica e o hologramático*. A partir desse caminho de compreensão, relaciono, a seguir, os *cinco operadores* do Pensamento Complexo que escolhi para contribuir, especialmente, com esta pesquisa, reconhecendo o caminho de origem que oportunizou as reflexões a seguir.

A *reintrodução do conhecimento em todo conhecimento* (MORIN, 2017) ou *reintrodução do sujeito cognoscente* (MORAES; VALENTE, 2008) é o operador que reconhece a importância de se resgatar o sujeito como parte integrante de sua própria trilha de construção de conhecimento, que interage, invariavelmente, com sua bagagem experiencial, contribuindo na práxis complexa ao valorizar a autorreferência e as histórias de vida do sujeito (pesquisador). Conforme afirma Morin (2017, p. 96), esse operador promove

a restauração do sujeito e revela o problema cognitivo central: da percepção à teoria científica, todo conhecimento é uma reconstrução/tradução feita por uma mente/cérebro, em uma cultura e época determinadas.

Tal visão transcende o pensamento tradicional que busca reduzir e, até mesmo, omitir traços de subjetividade, promovendo um movimento de negação que desvaloriza o sujeito cognoscente, numa visão fragmentada frente à construção de conhecimento. A esse respeito, Moraes e Valente (2008, p. 46) afirmam:

Dessa forma, o meio, ou o contexto, não é independente dos sujeitos que nele habitam. Não é algo pré-dado, pré-determinado, na medida em que não podem ser separados do que os organismos são ou do que eles fazem. Consequentemente, em pesquisa, pesquisador/objeto/realidade estão coimplicados e evoluem juntos.

A partir do trecho apresentado acima, destaco a ligação intrínseca existente entre os elementos “pesquisador/objeto/realidade”, os quais podem ser considerados como partes que compõem o sistema de uma pesquisa. Nesse sentido, o *sistema* é o operador de religação que oportuniza a noção de *organização*, ao desenvolver uma percepção ampliada às conexões entre partes e todo, como um rio que não pode ser compreendido de modo isolado de seu

ecossistema. O todo (ecossistema), nesse exemplo, é uma emergência das interações entre suas partes (aspectos químicos, físicos, biológicos e ação humana), como o clima (luz do sol, chuva, umidade etc.) e os elementos que compõem o meio ambiente (geografia, fauna, flora, os pilares de uma ponte, entre outros) conforme ilustra a imagem abaixo:

**Figura 1: Ecossistema<sup>2</sup>**



A partir dessa reflexão, compreendo que a organização orienta um sistema a partir da interação entre seus diferentes elementos, sendo capaz de integrar unidade e multiplicidade, “*unitas multiplex*” (MORIN, 2008, p.180), na compreensão de que o todo é uno e múltiplo, simultaneamente aberto a interações dentro de seu próprio sistema e entre ele e outros, de modo complementar em seus aspectos singulares/únicos, assim como em suas diferenças. Portanto, “o todo se constitui em algo mais e menos do que a mera soma das partes” (MORIN, 2015d, p. 109), uma vez que a interação entre seus diversos elementos favorece o surgimento de *emergências*, ou seja, qualidades novas que retroagem sobre as partes, estimulando suas potencialidades adormecidas.

Ilustrando esse argumento, quando um grupo se reúne com o objetivo de solucionar uma questão e, a partir dessa interação, novas ideias podem surgir e a criatividade pode ser despertada, resultando numa emergência que não existiria se cada participante contribuísse com seu ponto de vista isoladamente. Por outro lado, o todo pode ser percebido como menos do que a soma de suas partes, segundo o exemplo acima, na medida em que algum participante omita

---

<sup>2</sup> Fonte: <https://pxhere.com/pt/photo/1165613>.

sua opinião por se sentir melindrado ou intimidado frente ao grupo, deixando de contribuir ativamente na interação e troca de ideias.

Refletindo a respeito do movimento das identidades entre línguas sob uma perspectiva sistêmica, compreendo que ele se desenvolve, especialmente, na interação com diferentes idiomas e culturas, quando é possível identificar comportamentos, emoções, sentimentos, crenças, capacidades e posicionamentos que, possivelmente, não seriam revelados sem o contato com o outro, numa relação que oferece campo fértil para o emergir do si mesmo entre línguas, bem como de sua autoconsciência enquanto parte de um todo maior.

Por outro lado, o movimento das identidades em interação com determinadas línguas e culturas também pode ocasionar a inibição de certas potencialidades existentes em cada uma, o que acrescenta a percepção de que a soma das partes pode ser *menor* que o todo, como ilustra a situação de um grupo reunido para a solução de uma questão: dependendo da interação entre seus participantes, o melindre, a raiva, a falta de abertura, entre outras emoções e sentimentos, podem inibir, coagir o compartilhar de ideias, a criatividade e o engajamento de algum participante na tarefa em comum; assim como a interação com diferentes línguas e culturas também pode disparar algum tipo de gatilho inconsciente atrelado a memórias traumáticas, por exemplo de *bullying* ou violência que podem revelar o desrespeito com as diferenças culturais.

A noção de sistema, ou de organização (MORIN, 2005), remete à reflexão sobre as possibilidades de interação, ordem, desordem, (re)ligações e interdependência entre as partes e o todo, superando a visão fragmentada do conhecimento, do ser, da existência e da vida. Assim, investigo o movimento das identidades entre línguas, neste estudo, por meio dos fios invisíveis que tecem as experiências interculturais no todo social, o qual também oportuniza o emergir das diferenças.

O operador hologramático explicita a conexão de reciprocidade existente entre as partes e o todo, ressaltando que a parte está contida no todo, bem como o todo está contido na parte, o que, de certa forma, é também abordado nos princípios sistêmico, recursivo e dialógico, pois todos se encontram

intrinsecamente conectados e convergem para o ligar/religar do conhecimento no exercício do Pensamento Complexo.

A relação sujeito/sociedade, citada anteriormente, ilustra, também, a noção hologramática, ao considerar que não apenas o sujeito existe em uma sociedade, como também a sociedade está contida no sujeito, por meio de sua linguagem, crença, valores, costumes, ou seja, sua cultura. Nesse sentido, o sujeito não é mero espelho da sociedade ou do cosmo, mas ele contribui, continuamente, por meio de sua singularidade, para a construção do todo também, o que o situa “na mais ampla religação que possa ser estabelecida” (MORIN, 2015d, p. 117).

O rio em fluxo nessa investigação também pode ilustrar o princípio hologramático na medida em que se relaciona em interconexão com o ecossistema ao qual pertence, refletindo sua ordem, desordem, organização e construção, numa dinâmica interdependente entre partes e todo. Desse modo, qualquer fenômeno que transforme as características de um rio (parte) pode impactar, positiva e negativamente, na harmonia do todo (planeta e cosmo).

Nesse sentido, percebo que os idiomas não são meros códigos linguísticos, eles também são sistemas vivos e partes de um todo maior, que oportunizam a comunicação entre diferentes povos e trazem consigo, em seu campo de informações<sup>3</sup>, o histórico de sua origem, como que ligado a teias que refletem seu percurso de construção linguística, cultural, social, política, histórica, emocional e espiritual. A expansão da consciência para a percepção de que cada idioma traz consigo diversas informações sobre sua origem, como emoções e crenças, é de grande importância na medida em que pode influenciar tanto positivamente, quanto negativamente o ensino-aprendizagem de línguas.

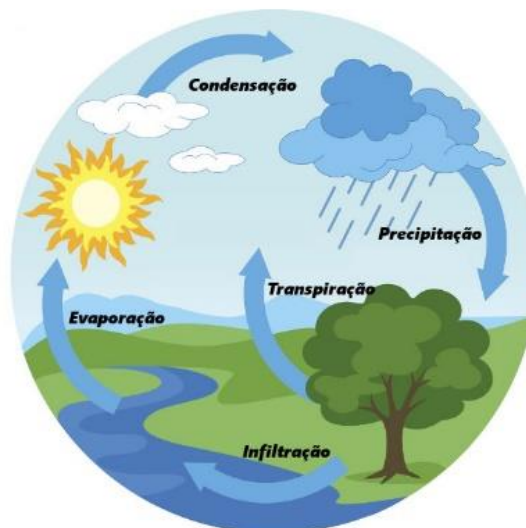
O operador recursivo, por sua vez, revela a circularidade na qual “os produtos e os efeitos são ao mesmo tempo, causas e produtores do que os produz” (MORIN, 2015b, p. 74), concepção que supera a linearidade: causa -> efeito, defendida pelo paradigma tradicional. Para exemplificar esse processo, destaco o ciclo da água, no qual esse elemento muda de estado físico, variando

---

<sup>3</sup> A concepção a respeito dos *campos de informações* está descrita na seção 1.2.1 *A Constelação Sistêmica*.

entre os estados gasoso (evaporação e transpiração), sólido (condensação) e líquido (precipitação). Dessa maneira, a água também interage com o meio em que se encontra e pode se deslocar pela ação dos ventos. Esse ciclo, essencial para a vida no planeta, realiza-se de modo contínuo em auto-organização conforme exemplifica a figura a seguir:

**Figura 2: O ciclo da água<sup>4</sup>**



Refletindo sobre a questão identitária, os sujeitos produzem a sociedade à qual pertencem, manifestando-se, principalmente, por meio de sua cultura e linguagem; sociedade essa que oferece espaço para a constituição dos sujeitos em suas individualidades, as quais retroagem sobre a sociedade, a cultura e a linguagem. Portanto, nessa perspectiva, os sujeitos também são produtos e produtores (MORIN, 2015b) da sociedade em que habitam e constroem em conjunto.

O operador dialógico permite o religar de noções antagônicas ao reconhecer nos opostos sua relação de complementaridade e, assim, possibilitar o sustentar de polaridades, sem a pretensão de superá-las. Retomando a reflexão a respeito do ciclo hidrológico, o processo como um todo é um grande diálogo de estados físicos da água entre os períodos pelos quais um rio pode passar: momentos de cheias, harmonia e secas. Esses fenômenos são partes constituintes do ecossistema de um rio, no qual a ordem e a desordem (cheias

<sup>4</sup> Fonte: <https://jornaldoalgarve.pt/o-segredo-da-agua-de-acordo-com-masaru-emoto/>.

e secas) dialogam e contribuem para sua organização em meio à sua complexidade inerente.

De maneira análoga aos rios, o movimento das identidades entre línguas também pode transitar por diversos períodos, como momentos de *cheia* - talvez quando as emoções invadem e despertam a sensação de transbordamento, pela interação com diferentes línguas e culturas, favorecendo à construção de conhecimento de modo transdisciplinar, bem como à expansão de horizontes pela consciência da existência de possibilidades de trabalhar de forma colaborativa, superando as barreiras geográficas e linguístico-culturais.

Períodos de harmonia também podem ocorrer quando se alcança algum nível de compreensão ou coerência interna, que possibilitem o desenvolvimento de relações entre línguas saudáveis e produtivas e períodos de *seca* – provavelmente, nos momentos em que a impotência, o esgotamento, o medo e o vazio interior reinam, refletindo, possivelmente, a desarmonia nas relações entre línguas e culturas por meio de julgamento, intolerância etc. Tais períodos podem representar diferentes estados emocionais, físicos e, até mesmo, espirituais, capazes de nos atravessar e impulsionar uma mudança no curso do rio de nossas identidades entre línguas e experiências de vida também.

Na sequência, apresento o tecer de reflexões sobre a compreensão do sujeito a partir do Pensamento Complexo.

### **1.1.2. A noção de sujeito**

A compreensão do sujeito demanda o ampliar da consciência para o reconhecimento de sua complexidade inerente, a qual o integra ao conhecimento, à sua natureza biológica e existencial como parte/todo da vida e do cosmo. Assim, o sujeito emerge em reflexão sobre si mesmo, ser em essência, na interação com o outro e com o ambiente em coexistência. Nesse sentido, Morin (2015d) compreende cada ser humano como uma galáxia, em meio à sua multiplicidade interior, que busca pela unidade.

O filósofo observa a necessidade de se conceber o ser humano em sua realidade trinitária: “indivíduo/sociedade/espécie” (MORIN, 2012, p. 51). O indivíduo, na perspectiva biológica moriniana, faz parte da espécie humana

como produto direto de seus pais - e indireto de seus ancestrais acrescento, pelo processo de reprodução, bem como é capaz de se reproduzir e, assim, perpetuar sua espécie no papel de seu (re)produtor. Como explicitado na seção anterior, tanto o indivíduo está contido na sociedade, como a sociedade está, também, contida no indivíduo por meio de diversos aspectos como sua cultura, linguagem entre outros. Assim, as interações entre indivíduos produzem a sociedade, a qual retroage sobre a cultura, a língua, entre outros aspectos, sobre os próprios indivíduos.

Segundo Morin (2012), indivíduo, sociedade e espécie são produzidos e se relacionam em meio a um diálogo que também contempla termos aparentemente opostos que são complementares: aspectos inseparáveis, meios e fins uns dos outros, produtos e produtores, ao mesmo tempo biológicos e culturais, em um processo cíclico de recomeço e regeneração. Nesse sentido, Morin (2012, p. 87) compreende que

(...) na realidade, de certa maneira, *nossos pais e nossos ascendentes estão em nós*; suas marcas, estreitamente associadas em nossos genomas, ressuscitam sem parar a presença deles em nós. Carregamos, de maneira confusa, indistinta, essa multiplicidade de seres que sobrevivem, assim, além da morte. (...). *Nossos ascendentes estão incluídos em nossa identidade* (grifo meu).

Tal argumentação revela a importância da tomada de consciência para a força ou inteligência ancestral que atua sobre nós, fonte de nossa carga genética (DNA), fruto de diversas gerações, em um contínuo processo de desenvolvimento e evolução, o qual compreendo não apenas como biológico, mas também emocional, comportamental, intelectual e espiritual. A esse respeito, Morin (2020b, p. 69-70,) afirma:

(...) vivemos na superfície da nossa memória, sem saber que estamos ligados a nossos antepassados, às espécies animais, ao planeta, ao sistema solar, ao cosmo inteiro, sem ver que nossa inteligência superficial é impregnada pela *inteligência profunda dessa hereditariedade e dessa herança* (grifo meu).

A explicação acima sustenta e amplia a visão que reconhece as conexões e influências exercidas pela ancestralidade, de alguma maneira, sobre o sujeito, o qual contém em si a “inteligência profunda dessa hereditariedade e dessa herança” (ibid.), sabedoria intrínseca e inerente, memória detectada pela

psicologia geracional que se encontra, frequentemente, oculta e adormecida em seu ser.

Tais forças podem conduzir o sujeito, por vezes, “a reviver acontecimentos vividos por antepassados” (MORIN, 2020b, p. 70), replicando comportamentos, sentimentos, emoções e crenças, como, por exemplo, dificuldade, bloqueio, ou aversão, aparentemente inexplicáveis, à comunicação e aprendizagem de inglês. Portanto, observo que a tomada de consciência desses elementos e suas influências por meio do processo de autoconhecimento é essencial para o desenvolvimento da *autonomia* em diversos aspectos da experiência humana, como relacionamentos, questões de identidade, ensino-aprendizagem de línguas, entre outros.

As noções de indivíduo e sujeito relacionam-se por meio de um diálogo em complementaridade, na medida em que a concepção de sujeito parte de uma visão “bio-lógica” (MORIN, 2012, p.74), a qual percebe o sujeito numa lógica de autoafirmação do indivíduo vivo, que ocupa o centro do seu mundo, seu espaço individual, egocêntrico, no qual ele preza pela sua sobrevivência de forma instintiva e inconsciente. Tal lógica incita ainda dois princípios, o de *exclusão* e o de *inclusão*, os quais auxiliam na compreensão do sujeito.

Refletindo sobre o princípio de exclusão, Morin (2012) afirma que o “eu” é único para cada um de nós. Por isso, ninguém pode dizer “eu” no meu lugar, porém todos podem dizer “eu” individualmente. Tal reflexão me remete à questão emocional, uma vez que, de maneira análoga, ninguém pode *sentir* no meu lugar, pois o sentir está conectado ao campo subjetivo da experiência individual, caráter singular de cada sujeito, o qual preenche seu espaço interior com o seu próprio “eu”, lugar intransferível, alicerce de seu egocentrismo e autonomia.

Simultaneamente, a noção de sujeito comporta o princípio de inclusão, o qual revela sua necessidade de se relacionar, amar, *pertencer* a uma família, comunidade, grupo, casal etc. e incluir esse “nós” no centro do seu mundo, desenvolvendo sua comunicação, altruísmo, e despertando sua tendência à dependência. Esse princípio emerge, segundo Morin (2019), desde o nascimento; porém, percebo que sua raiz surge desde a gestação, quando o feto se encontra no útero materno, recebendo acolhimento e nutrição para seu

crescimento, numa relação que forma o primeiro *nós* (*eu + tu [mãe] = nós*), em conexão com suas raízes ancestrais. Assim, compreendo que o sentimento de *pertencimento* é experienciado, primeiramente, na família, estendendo-se, posteriormente, para a vida social por meio das relações construídas em outros contextos como a vizinhança, a escola, o trabalho, grupos de afinidades e interesses diversos etc.

Diante dessa reflexão, o pensador da complexidade (MORIN, 2012, p. 76) conclui que a subjetividade humana é comandada por, praticamente, dois softwares: um que o direciona para o centro de seu mundo: o “para si”, e outro que o une e integra a uma comunidade: o “para nós” e o “para outros”. Conforme o momento e a circunstância, são acionados e dominados ora pelo “eu”, fechado em seu egoísmo; ora pelo “nós”, em seu caráter biológico (pais, filhos, família); ora pelo “nós” em seu caráter sociológico (pátria, partido, cultura etc.); ora pelo “tu”, que representa o outro com o qual se relaciona/interage.

Nessa perspectiva, Morin (ibid.) considera que o sujeito sofre a pressão de duas forças antagônicas e complementares: o egoísmo e o altruísmo, que o impulsionam em suas ações, pensamentos e emoções diante de suas experiências de vida, bem como na busca pela solução de suas questões, chegando a colocá-lo em conflito frente a decisões que possam causar sofrimento ou, até mesmo, paralisá-lo. Morin (2019, p. 13) conclui, assim, que “o ‘eu’ sem o ‘nós’ se atrofia no egoísmo e na solidão. O ‘eu’ precisa pelo menos do ‘tu’, de uma relação de pessoa a pessoa afetiva e afetuosa”.

O autor ainda destaca a necessidade de se construir um diálogo entre o “eu” e o “nós/tu” (re)ligando o “desenvolvimento pessoal à integração em uma comunidade e buscando as condições para que um *eu* floresça em um *nós* e para que o *nós* possa permitir que o *eu* floresça” (MORIN, 2020a, p. 98, grifos do autor).

A subjetividade comporta, assim, a *afetividade*, característica inerente ao ser humano, a qual abarca emoções e sentimentos que podem influenciar o processo de ensino-aprendizagem de línguas, tanto positivamente, facilitando-o, quanto negativamente, gerando dificuldades e bloqueios, aspectos que também

podem impactar a construção das relações humanas, bem como as questões identitárias.

Entre os *softwares* egocêntrico e comunitário (egoísta e altruísta), o sujeito, considerado, primeiramente, como “indivíduo, *momento/elemento* de uma espécie biológica, *momento/elemento* de uma sociedade” (MORIN, 2020b, p.67, grifo meu) revela, a meu ver, um processo de constituição por meio de seu aspecto como parte/todo de sua espécie, família, sociedade, cultura, vida humana e do cosmo; assim como as águas que fluem em um rio e, ao longo de seu percurso, passam por transformações em seus elementos característicos como pH, densidade, temperatura, volume etc., em consequência da qualidade de suas interações com o ecossistema ao qual pertencem.

O Pensamento Complexo contribui, portanto, para a tomada de consciência e compreensão da natureza complexa, una e múltipla (MORIN, 2000) do sujeito ao observar a presença simultânea, antagônica e complementar, de suas características como *homo sapiens* (homem sábio) e *demens* (louco), *empiricus* e *imaginarius* (empírico e imaginário), *prosaicus* e *poeticus* (prosaico e poético), entre outros, como um ser não fragmentado, incompleto, mutidimensional, corpo, mente e espírito em integração, produto e produtor, em um processo permeado por incertezas, desafios e potencialidades que podem emergir de suas interações em sua trajetória pelo vasto rio de suas experiências de vida – e, eu acrescentaria, entre línguas também.

Neste momento, o rio segue seu percurso por meio das águas da Visão Sistêmica, numa composição que enriquece a discussão tecida até aqui.

## **1.2. A Visão Sistêmica**

Desenvolvida a partir do início do século XX, a Visão Sistêmica dialoga com o Pensamento Complexo moriniano nesta pesquisa, contribuindo com as águas da *organização*, ao reconhecer a importância da percepção ampliada que compreende a natureza das relações por meio de configurações específicas, apreendidas em contexto.

A origem etimológica da palavra *sistema* deriva do grego *syn* + *histanai*, que significa “colocar junto” (CAPRA; LUISI, 2014, p. 94), concepção que dialoga

com o Pensamento Complexo moriniano, o qual destaca o aspecto *complexus* (tecido junto) das relações, ou seja, de suas interconexões (MORIN, 2015b).

Nesse sentido, a Visão Sistêmica busca compreender os fenômenos da experiência humana de modo integrado a seu contexto, estudando a qualidade dos princípios de organização de suas relações, uma vez que tais propriedades essenciais de um organismo/sistema vivo são propriedades que emergem do todo em interação, o que inviabiliza a aceitação das partes isoladamente, bem como do todo como uma mera soma de suas partes.

A trajetória de evolução da Visão Sistêmica desenvolve-se a partir dos estudos de biólogos organísmicos, com destaque à Teoria Geral dos Sistemas (BERTALANFFY *apud* CAPRA; LUISI, 2014), que concebe os organismos vivos como sistemas abertos que se abastecem continuamente de matéria e energia extraídas de seu ambiente para a manutenção de sua vida e se relacionam de maneira organizada, como, por exemplo: cada organismo vegetal, animal, microorganismo, assim como o corpo humano, com seus múltiplos sistemas: o sistema nervoso, o sistema respiratório, o sistema digestório etc.

Visão que se aplica também a outras áreas do conhecimento, como na percepção do sistema social (família, sociedade, comunidade escolar etc.), sistema linguístico, sistema/circuito elétrico, entre outros. A esse respeito, Capra e Luisi (2014, p. 113) afirmam que

a visão sistêmica da vida nos ensina que todos os sistemas vivos compartilham um conjunto de propriedades e princípios de organização comuns isso significa que o pensamento sistêmico é inerentemente *multidisciplinar* (grifo meu).

A partir dessa perspectiva, é possível compreender que os sistemas vivos compõem uma teia de relações que compartilham qualidades e princípios de organização comuns, os quais emergem de suas interações (CAPRA; LUISI, 2014). No entanto, considero que a Visão Sistêmica ultrapassa a concepção multidisciplinar, na medida em que flui *entre, através e além das* disciplinas, ampliando seu horizonte de interações, uma vez que considera os sistemas vivos, os quais são abertos, contendo, portanto, o potencial para emergências e criações. Percebo, assim, que a Visão Sistêmica se desenvolve de modo transdisciplinar em meio às experiências da vida.

A Teoria da Autopoiese (MATURANA; VARELA, 1972/1995), na qual *auto* significa próprio, relativo ao eu, e *poiesis*, fazer, criação, ancora-se na Visão Sistêmica e vai além, ao conceber o princípio da *auto-organização* como uma propriedade inerente aos sistemas vivos, que possuem a capacidade de se autorregenerarem, em um constante devir, o que revela sua qualidade autônoma para a manutenção da vida em meio às suas interações.

Mergulhando no âmbito do desenvolvimento humano em articulação com o ensino-aprendizagem, a visão dos sistemas vivos como redes auto-organizadoras que se desenvolvem por meio de uma dinâmica não linear, segundo qualidades e princípios de organização inerentes ao todo em interação instigou Hellinger (2020) a integrar a Visão Sistêmica à sua bagagem de conhecimento em Teologia, Pedagogia, Psicanálise, experiências de vida, bem como à sua prática com a Psicoterapia familiar de grupo, no aprimoramento e aplicação da Constelação Sistêmica como um recurso terapêutico que contribui para o restabelecimento da harmonia nas relações humanas, o que pode influenciar no processo de ensino-aprendizagem, por meio de uma mudança de postura e comportamento, conforme apresento a seguir.

### **1.2.1. A Constelação Sistêmica**

A *Constelação Sistêmica*, também conhecida como *Constelação Familiar*, consiste na Psicoterapia que se desenvolve por meio da abordagem sistêmico-fenomenológica, a qual se utiliza da concepção sistêmica para a compreensão da qualidade das relações humanas de maneira integrada. Com foco no ampliar da percepção para princípios de *organização*, a *Constelação Sistêmica* busca contribuir para a solução de questões e/ou conflitos nas relações humanas, como dificuldades no relacionamento familiar, pessoal, doenças, questões jurídicas, empresariais, bem como na educação.

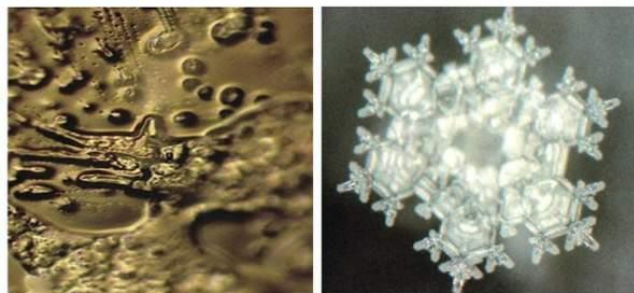
A proposta da Constelação Sistêmica (HELLINGER, 2020) consiste em oferecer um espaço terapêutico para o ampliar da percepção sobre a qualidade das relações humanas e seus princípios de organização, a fim de identificar pontos que apresentam necessidade de reorganização para a solução de uma questão daquele que busca ajuda por meio desse recurso. A linguagem possui um papel importante nesse processo terapêutico, uma vez que se desenvolve,

geralmente, por meio da construção de frases de cura (OLIVEIRA *et al*, 2020) capazes de restabelecer a harmonia nas relações que se revelam em desordem.

A investigação do contexto relativo à questão trazida para ser transformada ocorre por meio de uma dinâmica aparentemente teatral, na qual representantes (geralmente, pessoas voluntárias que participam do grupo terapêutico) manifestam os elementos ligados ao assunto, como por exemplo, as pessoas envolvidas na questão trazida, atuando como canais do sentir que captam e revelam, por meio de enunciados, as sensações que atravessam seu corpo: impressões, crenças, emoções e sentimentos, revelando, assim, a qualidade das relações que permeiam a questão em foco, em ressonância com o campo mórfico dos elementos que representam.

Essa capacidade é possível mediante o que o biólogo britânico Rupert Sheldrake (1981/2016) descreve como *campos morfogenéticos* ou *campos mórficos*: campos de memória coletiva nos quais estão armazenados acontecimentos anteriores, sentimentos, crenças, formas, padrões e estruturas de ordem inerentes a cada espécie, ultrapassando a noção de espaço-tempo e moldando a forma e o comportamento de todos os sistemas vivos, como indivíduos, famílias, sociedades, ecossistemas, organismos, galáxias, moléculas etc.

A esse respeito, Hellinger (2020) ressalta que não herdamos apenas o patrimônio genético familiar, mas também as crenças e padrões comportamentais de nossos ancestrais, os quais exercem grande influência sobre nossas escolhas e ações no momento presente. A fim de ilustrar a atuação do campo mórfico (SHELDRAKE, 1981/2016), apresento um exemplo concreto, por meio das imagens registradas pelo fotógrafo e escritor japonês Masaru Emoto (1999), cujo trabalho revela a influência de palavras proferidas e pensamentos humanos emitidos à água, fazendo com que suas moléculas se comportem de diferentes maneiras, de acordo com a frequência vibracional de cada estímulo conforme ilustra a figura a seguir:

**Figura 3: Cristais de água<sup>5</sup>****ódio****amor**

As experiências de Emoto (1999) são um exemplo da manifestação do campo mórfico, que é responsável pela estruturação singular de cada molécula de água, nesse exemplo, de acordo com o estímulo das palavras “ódio” e “amor”. Para realizar esse experimento, o fotógrafo proferiu as palavras citadas a diferentes frascos com água e, depois de um determinado tempo, congelou essa água a fim de poder capturar a fotografia da formação de cada molécula: a diferença entre as fotos é visível.

Refletindo a respeito do corpo humano, o qual é constituído, essencialmente, por água, é possível deduzir sobre a influência existente das palavras e pensamentos, os quais são capazes de moldar nossas moléculas e interferir, substancialmente, na qualidade de nossas (inter)ações e experiências de vida.

Acrescento, ainda, mais uma ilustração para exemplificar esse fenômeno: trata-se da formação em “v” de pássaros ao voarem como que realizando uma dança coreografada. Pela existência inerente do campo morfogenético que se manifesta através de seu corpo de maneira inconsciente, todos os pássaros mantêm a forma em “v” numa dinâmica extremamente organizada, mesmo estando em movimento conforme demonstra a imagem que segue:

---

<sup>5</sup> Fonte: <https://enpositivo.com/2013/06/los-mensajes-del-agua/>.

Figura 4: A formação em “v” no vôo de pássaros<sup>6</sup>



Sheldrake (1981/2016) ressalta que os campos morfogenéticos armazenam e reforçam padrões de comportamento e formas em todos os sistemas vivos por ressonância, ou seja, pela sua repetição/propagação, sem juízo de valor (certo ou errado); fenômeno que o autor observa, também, na Educação, destacando que é mais fácil aprender algo que já foi aprendido por outras pessoas, uma vez que o conhecimento construído por um indivíduo passa a integrar o campo mórfico (campo de informações) da espécie humana, o qual atua de modo a influenciar seus membros, numa dinâmica que se propaga, também, às gerações futuras.

A partir dessas reflexões, compreendo que, ao entrar em contato com um idioma, podemos acessar, de modo inconsciente, seu campo mórfico, ou seja, o campo de informações que abarca as memórias culturais, históricas, sociais e linguísticas, ou seja, as raízes de origem que constituem a trajetória de evolução dessa língua, a qual é incompleta e complexa no sentido moriniano.

Nessa interação imprevisível, o campo mórfico de nosso sistema familiar pode entrar em diálogo com o campo mórfico do idioma, numa dinâmica estabelecida de acordo com suas características e princípios de organização intrínsecos, tecendo uma relação complexa, a qual pode influenciar a qualidade da comunicação e aprendizagem de línguas.

Tal argumentação pode contribuir para a compreensão de situações nas quais alunos relatam dificuldades, *travas* e bloqueios como, por exemplo, medo de se expressar em inglês, como se não se sentissem autorizados a utilizar o idioma, insegurança na comunicação, com a sensação de estarem

---

<sup>6</sup> Fonte: <https://vejario.abril.com.br/blog/tulio-brandao/biguas-ceu-rio/>.

constantemente *errados*, raiva com relação ao inglês, sem, ao menos, terem tido alguma experiência anterior de contato com o idioma.

Dessa maneira, a visão sistêmica direcionada a questões que superam a dimensão cognitiva no ensino-aprendizagem de línguas permite que a ordem oculta que rege a organização das relações entre línguas seja revelada, possibilitando a identificação dos aspectos em desordem, contribuindo, assim, para a reorganização do sistema do aprendiz de línguas por meio do restabelecimento da ordem e harmonia em suas relações, ocasionando, como consequência, na transformação de crenças e comportamentos para a superação de dificuldades de natureza sistêmica.

A partir dessas reflexões, compreendo que o despertar da consciência para o campo de informações/mórfico que atua sobre cada um de nós é essencial para que possamos desenvolver a percepção e a autonomia necessárias para o sucesso na aprendizagem de línguas, bem como em nossas escolhas de vida e na compreensão sobre nós mesmos em meio as nossas questões identitárias.

Do contrário, seguiremos caminhando por nossas experiências de vida, influenciados por padrões comportamentais e crenças de nossos sistemas de origem e social, como sonâmbulos que se desconhecem, vagando sem rumo pela vida, podendo tropeçar continuamente nas mesmas pedras e, até mesmo, cair, repetidamente, nos mesmos buracos...

A fim de oportunizar o ampliar da percepção para a tomada de consciência do ser humano perante sua realidade, Hellinger (2000, 2010, 2020) destaca três leis naturais da vida, as quais estão presentes na natureza das relações humanas e são imprescindíveis para sua harmonia, conforme descrevo na seção seguinte.

### **1.2.2. As leis sistêmicas**

As leis sistêmicas não pretendem impor regras, nem normas de conduta social. Elas são fruto da observação, estudo e trabalho de Hellinger (2020), que desenvolveu esse conhecimento, nomeando, primeiramente, as três leis (as quais descrevo adiante) como “ordens do amor” (HELLINGER, 2010), as quais

são princípios que organizam as relações mediante movimentos naturais da vida. A esse respeito, Hellinger (2020, p. 137) revela:

Minha realização foi reconhecer quais leis influem nos sistemas familiares. A compreensão essencial das ordens das relações humanas só me ocorreu aos poucos, passo a passo, em um longo caminho de conhecimento, que percorri de maneira puramente fenomenológica, ou seja, orientando-me apenas por aquilo que sempre aparecia e se verificava nas constelações. Essas leis nada têm a ver com ética ou moral, tampouco se orientam pela compreensão. Quando são infringidas, provocam sofrimentos emocionais, mas também físicos. Trata-se de leis universais e férreas, que chamei de “ordens do amor” (grifo do autor).

Para ilustrar sua perspectiva a respeito das ordens do amor, Hellinger (2000, p. 1) utiliza-se da metáfora do jarro com água, afirmando que “o amor preenche o que a ordem abarca”. Nesse exemplo, o amor é representado pela água, que tanto pode saciar a sede, quanto causar a morte, seja pelo seu excesso, como em um afogamento, ou pela sua escassez. O jarro representa a ordem, uma maneira de organizar a água. Nesse sentido, as ordens atuam sobre nós, seres humanos, apesar de nossas vontades, pensamentos, desejos, sentimentos, objeções ou medos, pois a ordem preexiste ao ser humano. Assim, o autor (ibidem) conclui que “a ordem precede o amor”.

Posteriormente, Hellinger incorpora a sugestão de sua esposa, Sophie, ao renomear as ordens do amor de “princípios básicos da vida” (HELLINGER, 2020, p. 143), e, atualmente, elas também são conhecidas como *leis sistêmicas*, por estarem relacionadas à visão sistêmica. Conforme ressalta Hellinger (2020), tais leis são responsáveis por nossa felicidade, sucesso, saúde e ainda por questões de vida e de morte, em atuação inconsciente e complementar para estabelecer a harmonia nas relações. O filósofo acrescenta que a compreensão das ordens do amor foi precedida por outro conhecimento igualmente importante: a diferenciação das consciências. Para Hellinger (2020), existem três tipos de consciência: *pessoal, coletiva e espiritual*.

A consciência pessoal manifesta a necessidade de pertencimento à família e/ou a um grupo e teme a exclusão, ou seja, ela se revela como uma consciência restrita e dependente, uma vez que não se permite experimentar algo diferente pelo vínculo do amor e pelo medo de ser excluída e perder a

proteção que possui, na garantia de sua sobrevivência. Assim, em nome da consciência pessoal, muitos são os que reproduzem a cultura, o pensar e o agir das famílias e grupos aos quais pertencem, levantam muros e delimitam fronteiras, separando povos, culturas e línguas, bem como promovendo discórdia, crueldade e guerra, ações que manifestam desrespeito e não aceitação perante as diferenças e singularidades de cada nação, como destaca Hellinger (2020).

Expandindo essa concepção, percebo que a consciência pessoal também pode exercer influência sobre a comunicação e aprendizagem de línguas, considerando que ela atua de forma a sustentar e reproduzir a cultura familiar e/ou do grupo ao qual se pertence. Dessa maneira, ela tende a se manter restrita também, às línguas que cada família e/ou grupo utiliza para se comunicar e, substancialmente, à língua materna, como se a língua estrangeira fosse um espaço proibido, fonte de conflito cultural e de motivo potencial para a exclusão.

Refletindo sobre a primeira língua com a qual o indivíduo entra em contato em sua experiência de vida, considero-a como uma extensão do primeiro vínculo afetivo humano, o qual é, inegavelmente, materno, fato que pode revelar a razão pela qual ela também é conhecida como *língua materna*. Essa língua pode ser compreendida como uma via pela qual conhecemos o mundo, realizamos nossas primeiras descobertas, nomeamos os primeiros sentimentos e experiências a partir do útero materno, onde entramos em contato com uma língua pela primeira vez, por meio da voz daquela que nos oferece seu ventre para a gestação.

Sendo assim, considero que a primeira língua ocupa um espaço importante no interior de cada ser humano, o qual secreta registros importantes tanto de experiências vividas, quanto de suas raízes ancestrais, e pode despertar sentimentos, emoções e crenças, ou seja, a cultura de sua origem familiar, atendendo à sua necessidade de pertencimento, o que pode gerar sensações de conforto, bem-estar, segurança, apego e, até mesmo, rejeição, ao que se apresenta como diferente de sua primeira referência cultural e linguística.

Sob outro enfoque, percebo que a comunicação e aprendizagem de línguas demanda o transcender dos limites da consciência pessoal, numa postura de abertura frente às diferentes culturas, por meio da expansão da consciência ao reconhecer que não é *errado* ser diferente e que, por isso, o

sujeito não será excluído de sua família e/ou grupo. Dessa maneira, sinto que o primeiro passo numa jornada de autocompreensão é se observar, identificando suas diferenças com relação à sua própria família e, assim, desenvolver a autoaceitação por ser diferente em qualquer aspecto, no reconhecimento de sua singularidade, o que pode ser um caminho para a construção da autoconfiança, sentimento que pode contribuir para o sucesso na comunicação e aprendizagem de línguas.

A consciência coletiva, conhecida também como consciência de clã (HELLINGER, 2020), é uma consciência de grupo, mais extensa e forte que a consciência pessoal, uma vez que busca assegurar o pertencimento de todos os membros de uma família ou grupo, defendendo os excluídos pela consciência pessoal (com a qual entra em conflito), sua sobrevivência, integralidade, lealdade ao sistema e perpetuação da espécie.

Destaco, ainda, que a consciência coletiva atua na preservação das tradições, costumes, *língua materna*, entre outros aspectos relacionados à cultura de uma família/grupo. Hellinger (2020) afirma que, por atuar de modo inconsciente no ser humano, os efeitos da consciência coletiva podem ser constatados por meio do conhecimento das leis sistêmicas, ou ordens do amor.

A consciência espiritual, por sua vez, manifesta o amor e a conexão entre tudo e todos, na percepção de uma força maior que não se restringe a nenhuma religião. Nesse sentido, Hellinger (2020) compreende a dimensão espiritual como uma inteligência inerente à vida, que se expressa, através do ser humano, por meio dos movimentos do corpo e da alma, despertando profunda paz, amor e aceitação diante de tudo e todas(os), pois nela, não há exclusão nem rejeição, não há distinção entre o bem e o mal, nem entre o melhor e o pior, ou seja, não há julgamento.

Nessa perspectiva, quando existe algum tipo de exclusão, o sistema familiar e/ou de um grupo entra em desordem, causando um bloqueio no fluxo da vida, o qual tende a ser manifestado pelo corpo de seus integrantes, por meio de sensações como inquietação, vazio interior, fraqueza, desconexão, doenças, sentimento de abandono e, até mesmo, uma falta de sentido ameaçadora. Assim, por meio dos movimentos do corpo e do espírito, trabalhados na Constelação Sistêmica (HELLINGER, 2020), o sistema é conduzido ao restabelecimento de sua harmonia.

Diante dessas reflexões, o autor considera que a consciência espiritual é capaz de unir o que a consciência pessoal exclui e ilustra, como exemplo, a situação na qual povos saem de uma guerra devastados e passam a chorar, juntos, pelas mortes de ambos os lados, pois partilham da mesma natureza de luto e dor. Assim, a consciência espiritual concebe cada ser humano como parte do todo, que extrapola os limites de seu sistema familiar e, simultaneamente, como parte da humanidade, do planeta e do cosmo, independentemente de sua nacionalidade ou condição social.

A Constelação Sistêmica revela-se, também, como um caminho que transcende as fronteiras entre os povos (HELLINGER, 2020), o que me permite compreendê-la como uma trilha de ampliação do limiar entre diversas línguas e culturas, na percepção de que cada povo é igualmente parte integrante da humanidade e tece os fios que compõem as tramas de sua língua e cultura, assim como é pigmentado por seus matizes, os quais podem assumir nova coloração mediante as interações por meio da comunicação e aprendizagem de línguas.

Ancorado pela compreensão e diferenciação das consciências, Hellinger (2020) apresenta as três leis sistêmicas ou ordens do amor: o *pertencimento*, a *hierarquia* e o *equilíbrio entre dar e receber*. A primeira lei sistêmica identificada pelo autor é “o direito ao pertencimento” (HELLINGER, 2020, p. 144). Pertencer é uma necessidade humana, que desperta a sensação de proteção e bem-estar, e assegura, instintivamente, a sobrevivência segundo a consciência pessoal.

Na perspectiva da consciência coletiva ou de clã, o *pertencimento* considera o sistema familiar como um todo, de modo a atuar na preservação da integridade desse grupo. Assim, de acordo com a consciência coletiva, na obra mencionada anteriormente, a primeira ordem ou lei sistêmica considera que “todo membro da família tem igual direito de pertencimento” (HELLINGER, 2020, p. 145), na qual a palavra “família” pode ser compreendida, também, como qualquer grupo de pessoas.

Contudo, em muitas famílias e/ou grupos existe a tendência de se recusar esse direito aos seus membros, os quais podem ser excluídos, especialmente, por suas diferenças, guiados pela consciência pessoal, ao sentir que têm prioridade de pertencimento em relação aos outros membros. Desse modo, a consciência coletiva atua assegurando o pertencimento de todos os membros;

caso alguém seja excluído, outro membro tomará seu lugar, inconscientemente, repetindo seu destino para que o excluído possa ser visto e ter seu lugar reconhecido, oportunizando, assim, a reorganização do sistema.

A segunda lei sistêmica é a *hierarquia*, que se relaciona ao “tempo de pertencimento” (HELLINGER, 2020, p. 152) de cada membro em seu sistema, ou seja, a hierarquia destaca a importância da *ordem de precedência*, a qual é assegurada pela consciência coletiva, ao garantir que cada membro tem o seu lugar de direito no sistema, o que não se refere à relação de subordinação sucessiva comumente atribuída a esse termo. Por exemplo, os antepassados têm precedência sobre as gerações seguintes, seus descendentes, o que revela sua posição anterior em relação aos que chegaram depois no sistema familiar; lugar inerente, que não pode ser disputado nem suprimido, pois revela a organização natural da origem de cada sistema, que deve ser reconhecida e respeitada.

Caso esse direito seja violado, o que ocorre principalmente de modo inconsciente, o sistema pode reagir por meio do fracasso e até da morte de quem desrespeitar a hierarquia/tempo de pertencimento conforme revela o autor na obra referida anteriormente. Assim, a Constelação Sistêmica é capaz de revelar a desordem na hierarquia de um sistema e restaurar sua harmonia, “pré-requisito espiritual para o sucesso na vida” (HELLINGER, 2020, p. 156), mediante a mudança de postura daquele que constela sua questão, o qual é responsável por suas próprias escolhas e ações.

Na articulação entre hierarquia/tempo de pertencimento e aprendizagem de línguas, percebo que a língua materna tem precedência sobre as demais, o que revela o seu lugar de pertencimento como primeira referência linguística e cultural, a qual não deixará de pertencer nem de ter seu lugar de importância para que se aprenda outra língua. Em consonância com esses princípios, observo a afirmação de Molloy (2018, p.15) na compreensão de que “cada idioma tem seu território, seu tempo, sua hierarquia”. Dessa maneira, entendo que abordagens que inferiorizam ou excluem a língua materna dos aprendizes de línguas caminham contra as leis sistêmicas, especialmente no que se refere ao pertencimento e à hierarquia, bloqueando o fluxo da construção de

conhecimento, autoconhecimento e das interações na comunicação e aprendizagem de línguas.

Refletindo sobre a *hierarquia, tempo de pertencimento ou precedência entre línguas*, compreendo que a língua materna pode ocupar um espaço que se relaciona ao vínculo emocional estabelecido entre mãe e filho, desde a vida intrauterina, por meio do qual a criança desenvolve sua primeira relação, além de ser sua primeira referência linguístico-cultural, ao nomear suas primeiras experiências no mundo, descobertas, um lugar que oportuniza a construção da noção de quem é em essência e se revela como um espaço de veracidade, pois é por meio da língua materna que expressamos nossas emoções instintivas como, por exemplo, a raiva por meio de xingamentos, os diálogos e reflexões introspectivas em momentos de prece, cálculos mentais etc.

Destaco, ainda, as visões de Pennycook (2006, p. 80) e Signorini (2006, p. 182) ao compreenderem a comunicação e expressão por meio de diferentes idiomas como “performance” uma vez que manifestamos ações e intenções como que representando diferentes papéis que entram em ressonância com as diferentes culturas e suas singularidades.

A esse respeito, tendo como base o tecer de meus estudos (AIRES, 2017) por meio das contribuições de Morin (2015d, 2017, 2020b), Hellinger (2004, 2020), Capra & Luisi (2014), Molloy (2018), Serrani-Infante (2006) e Signorini (2006), em diálogo com minhas experiências entre línguas e culturas como aprendiz e docente, ressalto que os idiomas também podem despertar e revelar emoções, crenças e origens, ao reconhecê-los como organismos vivos, incompletos, em constante mutação, sistemas complexos que abarcam os universos linguístico, histórico, sociocultural, bem como a questão identitária, na construção da noção de quem sou, no diálogo de opostos complementares que atravessa diferentes línguas e culturas, memórias ancestrais, momentos de vida, experiências e faces de meu ser.

Dessa maneira, compreendo que cada língua com a qual me relaciono pode se revelar como uma parte de um todo maior, capaz de manifestar nuances de meu *ser-estar-agir* no mundo, transcendendo a visão que considera as línguas como conjuntos de símbolos a serem decodificados. Nesse sentido, percebo a língua estrangeira como um espaço de distanciamento em relação ao

referencial da língua materna, o qual pode proporcionar aos aprendizes uma experiência de confronto frente à sua primeira referência linguístico-cultural.

Percebo que a aprendizagem de língua estrangeira se desenvolve de maneira mais analítica e comparativa do que a aprendizagem de língua materna pois, ao aprendemos outro idioma, já temos uma base de referência ancorada pela língua materna, o que não acontece quando aprendemos nossa primeira língua. Assim, o idioma estrangeiro é capaz de oferecer um diferente referencial de possibilidades para a vivência de diversas experiências linguísticas, socioculturais e, também, emocionais, o que pode despertar o senso de identidade em nossas interações e percepções diante de nós mesmos, do outro e do mundo; movimento que requer uma postura de abertura e aceitação das diferenças, orientado pela consciência espiritual, ao reconhecer nossa conexão com tudo e todos, como cidadãos planetários que somos.

Diante das reflexões em fluxo, tecidas até aqui, ancoradas pelo Pensamento Complexo moriniano em articulação com a Visão Sistêmica (CAPRA; LUISI, 2014) e a Constelação Sistêmica hellingeriana, compreendo que cada idioma ocupa um lugar e desperta emoções, sentimentos, origens ancestrais e crenças diferentes dentro de cada um de nós, os quais podem ter influência em nossa comunicação e aprendizagem de línguas. Assim sendo, percebo que somente quando reconhecemos que cada idioma ocupa um lugar diferente dentro de nós, temos a força para viver entre línguas.

A terceira lei sistêmica, nomeada como *o equilíbrio entre dar e receber* (HELLINGER, 2020), não se trata de um equilíbrio cartesiano, mas sistêmico, que se refere à harmonia nas relações; por isso, opto por me referir a ela como *a dinâmica entre dar e receber*, ou *a dinâmica de trocas*. Tal movimento se orienta por meio da consciência humana, que funciona por compensação e busca a harmonia nas relações, como, por exemplo, quando recebemos algo de alguém: sentimo-nos na obrigação de retribuir de maneira correspondente e, quando o fazemos, sentimos alívio pelo *dever cumprido*. Nesse sentido, a dinâmica de trocas estabelece uma harmonia e ambos se sentem livres para seguir seu caminho em meio às experiências da vida, sem dívidas pendentes que podem manifestar certo *peso na consciência*.

Existe ainda uma dinâmica na qual, por amor, cada um entrega um pouco mais do que recebeu, o que pode aprofundar a relação e, até mesmo, gerar uma

desordem, na impossibilidade de uma das partes continuar a restituir nessa mesma cadência, culminando em um rompimento. Na obra utilizada como referência, Hellinger (2020) afirma que quando a restituição é insuficiente, aquele que entregou espera receber algo e aquele que recebeu sente-se em dívida com o primeiro. Dessa maneira, a relação continua a existir, porém numa dinâmica de *credor/devedor*. A dinâmica de compensação também pode ocorrer no sentido negativo (não saudável) quando alguém faz algo de ruim para outra pessoa e, em resposta, a vítima planeja vingança, círculo vicioso que nunca se acaba, numa compensação que vai se agravando com o tempo.

Refletindo a respeito do ensino-aprendizagem de línguas, percebo que os movimentos de ensinar e aprender também podem ser considerados por meio dessa dinâmica de trocas, ao observar esse processo pela perspectiva na qual o professor entrega algo a seu aluno: atenção, acolhimento, afetividade, tempo etc., na possibilidade de criar oportunidades de aprendizagem, despertar o interesse, a construção de conhecimento e a ampliação da consciência, e o aluno também entrega algo ao professor, ao oportunizar a troca de experiências, construção de conhecimento e o exercício da docência.

No entanto, Hellinger (2020) ressalta que, a partir da visão sistêmica, nós apenas recebemos de nossos pais e mestres/professores, uma vez que não temos condições de restituir, na mesma medida, a nossos pais pela vida que recebemos, nem a nossos mestres pelos aprendizados construídos. Assim, o filósofo referido acima afirma que a compensação entre dar e receber é anulada somente nesses dois casos, ilustrando essa dinâmica por meio da imagem da cachoeira, na qual a força da gravidade conduz a água para a queda, num movimento que mantém a continuidade de seu fluxo, não sendo capaz de correr pelo sentido contrário.

Dessa maneira, reconheço que, a partir da *hierarquia sistêmica* que compreende a força atuante de acordo com o tempo de pertencimento de cada integrante de um sistema, é fato que o professor, assim como os pais, precede o aluno em seu caminho de vida e de construção de conhecimento e, por isso, pode contribuir para seu desenvolvimento de uma maneira que não pode ser retribuída em equivalência, de maneira que “conhecer a ordem é sabedoria, e segui-la com amor é humildade” (HELLINGER, 2020, p.159).

Refletindo a respeito da interação pela comunicação oral, Hellinger (2005, p.18) ressalta que “a palavra está a serviço da troca, consiste em dar e receber”, numa dinâmica inerente às relações, por meio do compartilhar de ideias, experiências pessoais e, até mesmo, revelar algo que estava oculto ao outro, podendo estabelecer ligações profundas. O autor destaca que, mais importante de o *que* se diz, é *como* se diz algo, considerando que a palavra pode revelar em si um conjunto de aspectos que incluem o olhar, tom, gesto, expressão etc., elementos sensoriais que contribuem para que ela não seja apenas ouvida, mas também vista e sentida, uma vez que a palavra falada pode vibrar algo em nós, sendo capaz de nos atravessar e introduzir no próprio processo que descreve. Dessa maneira, a palavra demanda tempo para ressoar, para que o que foi dito atinja a alma, principalmente uma palavra de peso emocional como, por exemplo, *morte*.

Seguindo nessa argumentação, percebo que as palavras ditas em outros idiomas também são capazes de ressoar de maneiras diferentes dentro de nós, considerando que emitem vibrações, sons, expressões e gestos distintos de nossa língua materna. Reforço a compreensão de que cada idioma é capaz de despertar diferentes sentimentos, emoções e crenças em cada um de nós, na percepção de que esses fenômenos podem ocorrer devido ao *campo mórfico* inerente a cada idioma, o qual contém em si informações correspondentes a cada universo cultural e linguístico, bem como origens e caminho de desenvolvimento, que podem influenciar a comunicação e aprendizagem de línguas.

A partir das reflexões tecidas até aqui, numa visão que dialoga com as concepções de ambos os teóricos, Morin e Hellinger, ao compreenderem a existência humana em meio a uma teia ou sistema de relações em contínuo processo de construção, compreendo que estamos todos conectados por fios invisíveis, os quais nos atravessam e se manifestam por meio dos movimentos e sensações do corpo, sintonizando-nos de acordo com a nossa frequência vibratória, permeando todas as nossas relações, inclusive no ensino-aprendizagem de línguas, aspecto discutido na seção seguinte.

### **1.2.3. A Educação Sistêmica**

A Educação Sistêmica, também conhecida como Pedagogia Sistêmica (VIEIRA, 2018), foi introduzida por Marianne Franke-Gricksch (2005), educadora alemã que encontrou na abordagem sistêmico-fenomenológica um novo sentido para a sua prática docente, inspirada pela Constelação Sistêmica (HELLINGER, 2020), formação que proporcionou o ampliar de sua percepção na compreensão de seus alunos como partes integrantes de seus sistemas familiares em interação com o ambiente escolar.

Reconhecendo que estamos todos entrelaçados aos destinos de nosso grupo familiar de modo profundo e inconsciente, Franke-Gricksch (2005) exemplifica que não havia apenas 22 alunos em sua sala de aula, mas 22 famílias, ou, no mínimo, 66 pessoas - contando com o pai e mãe de cada aluno, além de sua própria família (filhos e o pai de seus filhos). Tal fato revela uma das principais causas de conflitos nas escolas: invadir o espaço do outro, perspectiva que ressalta a importância de atribuir a cada membro de cada sistema seu lugar de direito, numa postura que assegura a ordem das relações e se revela por meio do uso devido da linguagem, como destaca Hellinger (2020).

Nesse contexto, Franke-Gricksch (2005) percebeu que o comportamento e nível de desenvolvimento de cada aluno é influenciado pela sua força plena de realização, a qual se manifesta somente quando ele está em seu próprio lugar em todos os sistemas em interconexão (familiar e escolar), bem como quando o lugar dos pais é reconhecido como o primeiro no sistema-escola. A partir da revelação proporcionada pelas leis sistêmicas (vide seção 1.2.2.), a autora pôde identificar as ordens que regem as relações entre a escola, a família e os professores, bem como as dinâmicas de pertencimento e lealdade de seus alunos aos seus respectivos sistemas familiares de origem.

Desse modo, Franke-Gricksch (2005) passou a trabalhar com as Constelações Sistêmicas na escola, a fim de promover a integração da vida familiar ao processo de ensino-aprendizagem, o que gerou muito interesse e curiosidade em seus alunos ao vivenciarem e discutirem as práticas propostas, numa experiência que possibilitou seu desenvolvimento pessoal e socioemocional, como senso de coletividade, autopercepção, autoconsciência, convivência social, solidariedade, assim como seu engajamento e dedicação às atividades escolares.

Nessa nova postura educacional em relação aos seus alunos e comunidade escolar (demais professores, diretora, pais, entre outros), a educadora encontrou soluções inusitadas e criativas para problemas cotidianos na experiência docente, como dificuldades de aprendizagem, conflitos entre os alunos e entre eles e os professores, comportamentos agressivos, além de outros, pois Franke-Gricksch (2005, p.13) compreende que

(...) as crianças conseguem suportar mais facilmente a insegurança que advém desse novo campo, escola, assim como através do aprendizado em si, quando são reconhecidas por tudo o que trazem consigo. Então, a escola não é uma melhor alternativa do que a vida em casa, mas um enriquecimento do que já existe.

A partir dessa argumentação, a autora considera que o reconhecimento das leis sistêmicas é capaz de orientar os alunos ao sucesso em qualquer atividade realizada, ao despertar sua *segurança* e *autoconfiança* com relação ao mundo e às suas famílias, as quais atuam em conjunto com a escola, numa integração que contribui para a construção de uma nova relação, também, entre pais e professores, os quais são percebidos como aliados na tarefa educacional, não inimigos.

Interessante destacar que Franke-Gricksch (2005) iniciou seu trabalho sistêmico com uma turma de sexto ano, na qual havia 50% de alunos imigrantes, de diferentes nacionalidades, com suas diversas culturas, costumes, crenças, línguas etc., como *mares* que se encontram advindos de diferentes direções, com potencial para conflitos na convivência. Porém, esse contexto foi conduzido como uma fonte rica de construção de conhecimento e trocas por meio da visão sistêmica, a qual despertou a sensibilidade e o respeito às diferenças.

Refletindo sobre a aprendizagem de línguas, a autora revela que, em sua experiência com alunos estrangeiros, percebeu que aqueles que tinham um bom domínio e sentiam alegria em falar sua língua materna, tinham facilidade em aprender o alemão, pois se valiam de uma “rede de segurança emocional”, ou seja, “uma base a partir da qual poderiam entender de modo bem mais diferenciado a nova língua e a nova cultura” (FRANKE-GRICKSCH, 2005, p. 27).

Franke-Gricksch (2005, p. 28, grifo da autora) considera que “falar nossa língua materna é uma parte da ‘reverência perante os pais’, a preservação de nossos sentimentos iniciais mais profundos”, numa colocação que me desperta

para a reflexão de que a língua materna pode representar nosso berço familiar, um elemento que nos traz segurança, integração e pertencimento à nossa origem, aspectos importantes para a construção da noção de *quem somos* em meio às experiências entre línguas conforme descrevo na próxima seção deste capítulo que segue pelo caminho das águas deste rio em investigação.

### 1.3 Línguas & Identidades

Ao contemplar os movimentos de um rio, a partir de sua superfície, é possível perceber a beleza e a harmonia singulares que emergem da interação com seu ecossistema. Numa perspectiva mais detalhada, existe outro universo acontecendo simultaneamente, além do que os olhos conseguem alcançar: embaixo d'água há uma realidade diferente e complementar, um sistema vivo de relações, composto por diversos elementos subaquáticos, como animais e plantas que interagem e podem promover, assim, emergências de natureza complexa, influenciando, de inúmeras maneiras, o ecossistema ao qual pertencem; mistérios ainda não revelados, que carecem de compreensão, assim como o diálogo estabelecido entre as línguas em conexão com as questões identitárias de acordo com as reflexões a seguir.

Além de serem consideradas como vias de comunicação e expressão, as línguas também podem promover espaços que suscitam questões identitárias, uma vez que “a linguagem é condição *sine qua non* de constituição do sujeito”, conforme Chaiderman (2001, p. 55). Nesse sentido, percebo que oportunizam a manifestação do ser humano em constituição, por meio da expressão de pensamentos, emoções, sentimentos, crenças, memórias e origens ancestrais, entre outras fontes de informação importantes a respeito da singularidade de cada sujeito, as quais podem influenciar o movimento das identidades, bem como sua comunicação e aprendizagem de línguas.

A esse respeito, compreendo que

(...) tais concepções dialogam quanto ao processo de construção das múltiplas e indefinidas identidades do indivíduo pós-moderno, as quais coexistem, muitas vezes, de maneira antagônica, e que estão em contínua formação e transformação, permeadas pela influência da língua(gem) e de fatores emocionais (...) (AIRES, 2017).

Essa percepção contribui para minha caminhada investigativa em busca de aprofundamento acerca do movimento das identidades entre línguas, permitindo-me seguir adiante na compreensão de que as línguas podem ser capazes de atravessar nosso ser: corpo, mente, emoções e espírito, em um movimento que favorece à tessitura das identidades entre línguas conforme destacadas: “múltiplas e indefinidas (...), as quais coexistem, muitas vezes, de maneira antagônica”, permeadas por experiências em meio a diferentes línguas e emoções.

Tais aspectos podem despertar, por exemplo, os sentimentos de pertencimento e o medo da exclusão, uma vez que possibilitam o tecer de relações e da autopercepção. Nesse sentido, a afirmação de Revuz (2001, p. 217) vem ao encontro de minhas observações, iluminando-as: “muito antes de ser objeto de conhecimento, a língua é o material fundador de nosso psiquismo e de nossa vida relacional”.

Diante dessas reflexões, penso que a concepção contemporânea de línguas supera a ótica tradicional que as concebe como conjuntos de símbolos a serem decodificados ou meros instrumentos de comunicação, uma vez que podem atravessar nosso ser, influenciar nossa autopercepção e interagir com nossa bagagem vivencial e ancestral, atributos que podem caracterizá-las como sistemas complexos em interconexão com os movimentos das identidades permeadas pela comunicação e aprendizagem de línguas.

Para Serrani-Infante (2001, p. 247), “ao tomar a palavra, de fato, somos tomados pela língua”, perspectiva que contribui para minha compreensão de que cada palavra se encontra intrinsecamente ligada ao campo de seu idioma, como em uma teia construída por meio de fios provenientes de múltiplas naturezas: linguística, social, familiar, histórica, emocional e cultural. Assim, quando utilizamos uma língua estrangeira, acessamos essa teia/campo de informações, despertando aspectos intrínsecos de cada ser humano e influenciando o seu processo de desenvolvimento pessoal, o movimento de suas identidades entre línguas, bem como sua performance na comunicação e ensino-aprendizagem como apresento a seguir.

### **1.3.1 As identidades entre línguas**

Na discussão a respeito do fluxo pelo qual as *águas* das identidades entre línguas podem se movimentar na galáxia interior de cada ser humano, influenciando seu processo de ensino-aprendizagem de línguas, considero os espaços internos ocupados pela língua materna (LM) e pela(s) língua(s) estrangeira(s) (LE) em interconexão, a partir da seguinte questão: *Quem sou eu?* Essa é uma indagação que tem estimulado a humanidade à autorreflexão e aos estudos das questões identitárias em diversas áreas do conhecimento, como na Sociologia, Antropologia, Psicanálise, Filosofia, Educação e Linguística Aplicada. No entanto, sua definição ainda é um mistério pela sua característica intangível, que revela a complexidade de sua composição em constante movimento de vir a ser.

Hall (2002a) compreende o senso de identidade como representação social, na percepção de que ela é utilizada a fim de exteriorizar aspectos constituintes do sujeito, características capazes de distingui-lo dos demais em meio sociocultural, ressaltando que o sujeito pós-moderno vive em meio à sua própria fragmentação e incertezas, na coexistência de suas múltiplas identidades, que são assumidas em diferentes momentos, de maneira efêmera.

Nesse sentido, resgato o mito de Babel, metáfora que ilustra a diversidade linguística por meio de uma dispersão e fragmentação do ser humano frente à ruptura com sua língua única, o que provoca caos e um grande desafio à comunicação, expressando, também, “a felicidade laboriosamente adquirida com sofrimento daquele que consegue o enriquecimento de sua própria linguagem criativa através da reunião dos fios das várias línguas que o habitam” (AMANTI-MEHLER et al., 2005, p. 48).

Tal argumento pode revelar a necessidade humana de expansão da consciência para o autoconhecimento e autocompreensão frente às relações entre línguas, em primeira instância, a partir do seio familiar, refletindo-se no ambiente social, para a construção das perspectivas una e múltipla, que permitem ao sujeito situar-se em seus mundos interior e exterior, reconhecendo a complexidade (MORIN, 2015c) inerente que abrange suas múltiplas dimensões: biológica, mental, emocional e espiritual e revelam sua natureza transitória e incompleta.

A concepção de identidade, segundo Erikson (1972), consiste no senso a respeito de si mesmo, que pode ser construído de modo consciente, na busca pela identificação de seus próprios objetivos de vida, crenças, valores, sentimentos e comportamentos. Nesse movimento de autopercepção, o sujeito é capaz de alcançar a existência de sua natureza una e múltipla, o que pode gerar estranhamento e desconforto, ocasionando, até mesmo, uma crise identitária por meio de uma percepção fragmentada, na incapacidade de compreender sua natureza complexa, no sentido moriniano.

No entanto, Erikson (1972) utiliza o termo *crise de identidade* de maneira positiva, ao contrário do que muitos atribuem como caos e desajustamento, referindo-se a ele como um momento crucial de mudança que se faz necessário para o desenvolvimento humano, o qual pode ser salutar, benéfico e inerente à trajetória de vida.

Essa discussão me remete a dois momentos marcantes em minha vida entre línguas: o primeiro, numa dimensão individual/interior, quando tive a oportunidade de realizar um intercâmbio em Sidney (Austrália), experiência de imersão linguístico-cultural que despertou questionamentos internos e busca pelo autoconhecimento por meio da pergunta que se fez presente em minha jornada: “*Quem sou eu entre línguas?*”. Lembro que tive muitos momentos de reflexão por meio da minha língua materna e outros tantos, também, em inglês, por meio de um diário que escrevi durante aquela viagem.

O segundo momento, que abarca a dimensão individual/coletiva de meu ser, teve início em 2020, com o advento da pandemia do COVID-19, período de isolamento social, caos, incertezas e insegurança que propiciou minha interiorização, contribuindo com o desejo, já antigo, de aprender francês, deixado de lado pelo excesso de compromissos e pela falta de priorizar o que, de fato, era importante para mim; movimento que me auxiliou a entrar em contato comigo mesma em autorreflexão, também, por meio da escrita de um diário que realizei no idioma francês.

Em meio a reflexões em busca pela compreensão dos caminhos percorridos que me conduziram àquele momento de vida, pude questionar minhas crenças, posturas e escolhas feitas anteriormente, como que uma

observadora externa, que descrevia tudo em francês. Assim, pude me distanciar da situação vivida e ampliar minha consciência diante de outras possibilidades e direções a seguir.

De fato, concordo que “toda tentativa para aprender uma outra língua vem perturbar, questionar, modificar aquilo que está inscrito em nós com as palavras dessa primeira língua” (REVUZ, 2001, p. 217). Esse argumento me instiga a refletir sobre a existência de um *movimento de confronto* das identidades entre línguas quando o ser se expressa por meio da LE, confrontando o conhecido de si mesmo, estabelecido pela LM (crenças, cultura e ancestralidade), com o desconhecido de si mesmo, aspectos que podem emergir por meio da LE pois, diante das divergências apresentadas pelas diferentes línguas e culturas, o ser pode entrar em conflito interno, perturbando-se com questionamentos ao colocar sua LM e a LE frente a frente. A esse respeito, Amanti-Mehler *et al.* (2005, p.33), afirmam que

(...) como a experiência psicanalítica confirma - no interior da mente de cada um de nós podem conviver áreas psíquicas “estrangeiras” entre si, veiculadas, por vezes, pela língua, por outras, apenas por diferentes contextos linguísticos, em uma dimensão de potencial incomunicabilidade (grifo dos autores).

Refletindo sobre o multilinguismo, parece-me que quanto mais idiomas experienciamos, maior é a extensão do campo de informações, perturbações e questionamentos estabelecidos entre a língua materna e línguas e culturas estrangeiras, assim como a capacidade de ampliarmos a consciência para os diferentes modos de ser, estar e agir no mundo.

A expansão de possibilidades e descobertas em meio a um *movimento de encontro* com o desconhecido de si mesmo, também pode despertar a resistência diante da aprendizagem de LE, que traz consigo um novo campo de informações em interconexão. Diante disso, concordo com Serrani-Infante (2001, p. 256) quando afirma que “o encontro com segundas línguas talvez seja uma das experiências mais visivelmente mobilizadoras de questões identitárias no sujeito”.

Compreendo que o caminho entre línguas também pode proporcionar o sentimento de estranhamento, pois, frequentemente, o sujeito se percebe como

um outro, frente a si mesmo, quando se expressa por meio de diferentes línguas como ressalta Revuz (2001, p.224) a seguir:

Esse estranhamento do dito na outra língua pode tanto ser vivido como uma perda (até mesmo como uma perda de identidade), como uma operação salutar de renovação e de relativização da língua materna, ou ainda como a descoberta embriagadora de um espaço de liberdade.

Em meio à complexidade que permeia as identidades entre línguas, seus movimentos podem revelar o confronto estabelecido entre LE e LM, bem como a abertura para a vulnerabilidade e renovação do ser diante do desconhecido e de novas possibilidades que podem emergir desse confronto. No entanto, o movimento de encontro com o desconhecido de si mesmo por meio da LE também pode despertar a consciência para a conexão intrínseca que mantemos com nossa LM, em um *movimento de reencontro* com o conhecido de si mesmo. O “estar-já-aí” (REVUZ, 2001, p. 215) da LM é inegável e sua onipresença pode apresentar grande influência nos movimentos das identidades entre línguas.

A seguir, apresento uma reflexão de Régine Robin, traduzida por Serrani-Infante (2001, p. 231) que revela importantes indagações na busca pela compreensão dos lugares que os idiomas podem ocupar dentro de cada um(a) de nós:

Eu amo minha língua. Mas, o que é minha língua? Ter uma língua própria como se tem o próprio quarto. Ter uma língua e que é antes uma língua materna, uma língua natal. Língua da mãe, língua dos ancestrais, da família, língua do romance familiar? E as línguas outras, as outras línguas, a língua dos outros, o outro da língua, o outro na língua? (...) Hoje seria mais (...) a disneylíngua (Tradução da autora).

O excerto acima resgata a hierarquia/precedência existente entre as línguas, ao apresentar a importância da primeira língua com a qual entramos em contato, desde a vida intrauterina, primeira referência linguístico-cultural, aquela que nos oferece abrigo, um espaço/lugar familiar como nosso próprio “quarto”, idioma, a partir do qual podemos nos situar, desenvolver e descortinar as experiências no/do mundo, nomear os primeiros objetos, pessoas e emoções, oportunizando a comunicação, autoexpressão, afetividade, senso de segurança e de pertencimento, revelando um movimento de encontro do ser consigo mesmo e o conhecido de si mesmo em essência, permeado pelo espaço interno já conhecido ocupado pela LM.

O movimento de encontro com o si mesmo, ou seja, do ser com sua natureza essencial, pode emergir do laço primário estabelecido com a LM antes mesmo do nascimento, desde a vida intrauterina, na qual, por meio da audição, o bebê registra a fala da mãe, principalmente, associando a LM a uma base de segurança emocional, por meio da qual constrói suas crenças e valores culturais bem como a noção de quem é, a partir de um espaço interno afetivo de acolhimento que se desenvolve naturalmente por meio de experiências permeadas pela *língua da mãe*.

Diante dessa reflexão, percebo que podemos construir a noção de quem somos, primeiramente, por meio da língua materna, no exercício constante do vir a ser, que tem suas bases estabelecidas a partir do seio familiar, nosso sistema de origem, ocupando o primeiro lugar em nossa memória emocional e psíquica, o qual pode influenciar nossas experiências entre línguas, bem como o ambiente sociocultural que nos circunda. A pretensão de tomar o lugar já ocupado pela língua materna acarretará, fatalmente, em fracasso no ensino-aprendizagem de línguas, uma vez que poderá estimular um *movimento de confronto* interno entre a base referencial já estabelecida e “as outras línguas, a língua dos outros, o outro da língua, o outro na língua”.

A partir do diálogo estabelecido entre os estudos identitários realizados por Hall (2002a), Erikson (1972), Serrani-Infante (2001) e Revuz (2001) e as concepções desenvolvidas por Morin (2020b) e Hellinger (2020), emerge a importância de se valorizar a língua materna, resgatando a base emocional e o sentimento de pertencimento referentes à origem ancestral, uma vez que podem ser consideradas como fontes de informações que nos impulsionam a fluir, ou não, dependendo da qualidade das crenças e relações estabelecidas em nossas experiências de vida e no ensino-aprendizagem de línguas, bem como no movimento das identidades entre línguas.

Parece-me que a utilização de diferentes línguas e culturas para a comunicação e expressão do sujeito pode oportunizar a manifestação de diferentes identidades, possibilidades de ser no mundo interno e externo em integração, pois abre espaço ao transcender a LM e incluir outros idiomas, estabelecendo uma conexão consigo mesmo, com o outro e com o todo,

ampliando o senso de pertencimento planetário ao oportunizar o movimento das identidades entre línguas e culturas em integração.

O *movimento de reencontro* com o si mesmo, ou seja, do ser/sujeito com sua natureza essencial, proporcionado pela LM é necessário para que se caminhe ao encontro de novas experiência entre línguas, possibilitando a ampliação da consciência para a dupla, tripla e, até mesmo, para a múltipla nacionalidade, ao reconhecer o *pertencimento planetário* que se desenvolve por meio de uma postura de abertura diante das diferenças, permitindo-se transitar entre diversas línguas e culturas, incluir e transcendê-las.

Percebo que a *crise de identidade* contemporânea pode revelar a fragmentação do sujeito diante do desconhecimento de si mesmo em essência, em meio à sua natureza complexa, e pertencimento à vida planetária, de maneira interconectada ao todo, o que pode restringir suas possibilidades de autoexpressão e comunicação por meio de diferentes línguas.

Nesse sentido, compreendo que as identidades entre línguas fluem também por meio de um *movimento de desencontro* de si mesmo – do ser em essência, uma vez que “aprender uma língua é sempre, um pouco, tornar-se um outro” (REVUZ, 2001, p. 227). Sendo assim, o contato com a LE pode despertar o movimento de desencontro do ser de sua natureza essencial, ao se reconhecer como um outro, diferente daquele constituído por meio da LM, espaço interno já conhecido.

Essa distância proporcionada pelo encontro com a LE pode provocar o medo da exclusão, do exílio e da perda do direito ao pertencimento, muitas vezes de modo inconsciente, numa “tensão dolorosa entre dois universos” (*Ibidem*, p. 226), que pode culminar numa experiência de ruptura com a base de referência afetiva e perda de identidade; simultaneamente à descoberta e apropriação de outra língua e cultura, que pode colocar à prova a relação de lealdade inconsciente às bases de origem construídas na LM.

A esse respeito, Revuz (2001, p. 227) afirma que “quanto melhor se fala uma língua, mais se desenvolve o sentimento de pertencer à cultura, à comunidade de acolhida, e mais se experimenta um sentimento de deslocamento em relação à comunidade de origem”.

Ampliando a rede de considerações até aqui apresentada, volto a Serrani-Infante (2001, p. 257), quando observa que “um fator básico que está presente, (...), é o de se estar ou não pronto para a experiência do estranhamento”, circunstância que revela a necessidade de se desenvolver fatores não cognitivos que podem influenciar o processo de ensino-aprendizagem de línguas por meio da autopercepção frente ao contato com a LE, no ampliar da consciência para os sentimentos que podem emergir dessa interação, como, por exemplo, o de não se sentir autorizada(o) a utilizar “a língua do outro”, sentir vergonha de seu próprio sotaque, insegurança de experimentar esse novo espaço de autoexpressão.

Tal reflexão vai ao encontro da perspectiva de Kristeva (1991, *apud* SERRANI-INFANTE, 2001, p. 257) ao afirmar que “o estrangeiro habita em nós: é a face oculta de nossa identidade”. Dessa maneira, o autoconhecimento pode contribuir para o processo de construção da noção de quem somos ao longo de nossas experiências entre línguas e culturas, perante os sentidos e significados que atribuímos a elas, considerando que somos “espaços vivenciais” (DE LUCCA, 2008), nos quais a percepção do sentir é singular e intransferível.

Considerando as reflexões tecidas nesta discussão, compreendo que as águas das identidades entre línguas podem fluir por meio dos *movimentos* de *encontro*, *desencontro*, *reencontro* e *confronto* do ser com *si mesmo*, ou seja, sua natureza essencial, conforme ilustro por meio da imagem a seguir:

**Figura 5: Os movimentos das identidades entre línguas**



Fonte: Elaborada pela autora

Apresento, a seguir, uma tessitura que busca integrar as perspectivas consideradas anteriormente, descrevendo as diferentes dimensões pelas quais interpreto que as identidades entre línguas podem se revelar.

#### 1.4 Águas que se cruzam

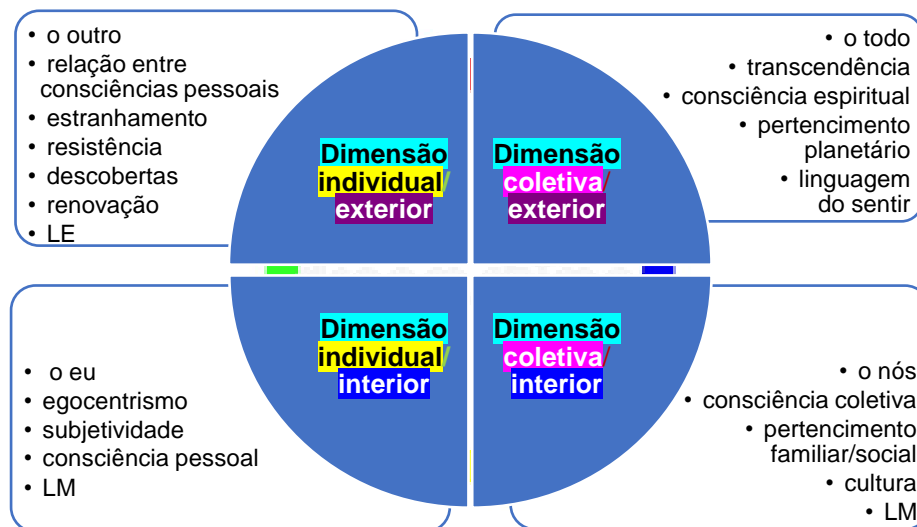
O encontro das *águas* que fundamentam teoricamente esta pesquisa – o Pensamento Complexo, a Visão Sistêmica e as Línguas & Identidades – proporciona uma experiência única ao contribuir para a compreensão do *movimento das identidades entre línguas em um curso sistêmico-complexo* que visa promover o despertar da consciência e a sensibilização para aspectos não cognitivos que permeiam a comunicação e aprendizagem de línguas. Nessa composição singular que se desenvolve de maneira transdisciplinar, destaco as principais articulações que observo neste capítulo.

##### 1.4.1 As dimensões sistêmico-complexas das identidades entre línguas

Refletindo a respeito das conexões entre as concepções teóricas que integram a investigação do fenômeno em foco nesta pesquisa, destaco as principais dimensões que considero contribuir para o ampliar da compreensão das identidades entre línguas. Dessa maneira, proponho uma fusão de tais perspectivas por meio do diagrama a seguir, a fim de oferecer uma base de conhecimento que oportunize a compreensão de aspectos inerentes às

identidades entre línguas por meio das dimensões interior, exterior, individual e coletiva conforme ilustro adiante:

**Figura 6: Dimensões sistêmico-complexas das identidades entre línguas**



Fonte: Elaborada pela autora

Na figura apresentada, a *dimensão individual/interior* representa o *eu* na perspectiva de seu espaço egocêntrico, colocando-se no centro de seu mundo, expressando sua subjetividade, o que pode revelar a percepção focada em suas próprias emoções, sentimentos, valores e crenças, diante dos movimentos de reencontro com o conhecido de si mesmo e de encontro com o desconhecido de si mesmo.

Essa dimensão também pode ser propícia para a manifestação da consciência pessoal (HELLINGER, 2020), aquela que atua com o objetivo de garantir sua sobrevivência por meio da proteção que recebe ao se manter pertencente aos sistemas de relações dos quais participa, sendo o primeiro deles o sistema familiar, pois teme a exclusão, o exílio e a perda do direito ao pertencimento. Por isso, tende a manifestar lealdade ao seu sistema familiar, mantendo-se restrita à comunicação em LM, que remete ao primeiro vínculo afetivo.

A *dimensão individual/exterior* simboliza o outro, lugar ocupado, também, pela LE, que pode manifestar um movimento de desencontro do ser consigo mesmo, por meio do distanciamento da base de referência construída pela LM. Essa dimensão pode despertar a insegurança, o estranhamento frente às diferenças e perda de identidade, bem como, de maneira dialógica, uma oportunidade de renovação e liberdade para realizar descobertas e experimentar outras maneiras de ser-estar-agir no mundo.

Por outro lado, a interação com diferentes consciências pessoais pode gerar um movimento de confronto entre LM e LE, que pode ocasionar resistências no ensino-aprendizagem de línguas e conflitos pela intolerância às diferenças, que demandam uma postura de abertura e compreensão de questões culturais.

A dimensão *coletiva/interior* corresponde ao nós e faz referência ao sentimento de pertencimento, que tende a se manifestar, primeiramente, no meio familiar e, depois, no meio social e cultural. A consciência coletiva (HELLINGER, 2020) assegura o direito de pertencimento a todos os membros de um grupo/família/sociedade, os quais se comunicam por meio de sua LM, idioma intrinsecamente conectado à sua cultura. Considerando essas reflexões, a cultura emerge como um sistema complexo, desenvolvido e partilhado, em meio coletivo, por meio de seu campo de informações (campo mórfico), o qual pode influenciar e ser influenciado mutuamente, os modos de ser, estar, agir, pensar e sentir de seus integrantes.

A *dimensão coletiva/exterior* das identidades entre línguas reflete o todo das relações e possíveis conexões estabelecidas entre diferentes pessoas de diversos países e culturas por meio da comunicação, considerada com um instinto inerente ao ser vivo.

Essa dimensão atua por meio da consciência espiritual (HELLINGER, 2020), que engloba e transcende as consciências pessoal e coletiva, ao superar o movimento de confronto entre LM e LE, reconhecendo a história e importância de cada língua/cultura e de todas em integração, numa postura que estimula o pertencimento planetário e torna possível a comunicação por meio de uma linguagem universal, a linguagem do sentir, que pode ser captada pelas

emoções e sensações no corpo, em ressonância com a frequência vibratória emanada pela sonoridade de cada idioma. Nessa perspectiva, a linguagem universal é capaz de transcender códigos, símbolos e conectar pessoas de diferentes línguas e culturas.

Navegando pelo cruzamento das *águas* que fundamentam teoricamente esta investigação, o diagrama que apresento na Figura 6 oferece uma ilustração que separa, para fins didáticos, as concepções observadas, mas que as une por meio das setas que indicam o movimento de união das dimensões sugeridas. Nesse sentido, destaco que essa é uma representação possível das dimensões sistêmico-complexas das identidades entre línguas, com suas interconexões e os contínuos movimentos que as atravessam, de maneira fluida e interligada, não sendo possível, de fato, separá-las.

Uma vez que as *águas* que compõem o *rio em fluxo* nesta investigação foram descritas e articuladas, o rio segue seu percurso, por meio da apresentação da *correnteza* que orienta a busca pela compreensão do *movimento das identidades entre línguas em um curso sistêmico-complexo*, segundo a metodologia escolhida para conduzir esse fluxo, como detalho no capítulo seguinte.

## CAPÍTULO 2

### A CORRENTEZA DO RIO

*“(...) mergulhou no rio e deixou que a corrente o arrastasse.”*

Hunter Beaumont

O movimento próprio das águas deste *rio* sob investigação é constituído pela sua *correnteza*, representada pelo capítulo metodológico desta pesquisa, organizado em cinco momentos: justificativa da escolha metodológica, menção ao contexto da pesquisa (detalhado no capítulo seguinte), apresentação do perfil dos participantes, identificação dos instrumentos de geração de textos e descrição dos procedimentos de interpretação do fenômeno *movimento das identidades entre línguas em um curso sistêmico-complexo*.

#### 2.1 A orientação metodológica

A Abordagem Hermenêutico-Fenomenológica Complexa (AHFC) é um caminho metodológico que orienta pesquisas qualitativas com o objetivo de descrever e interpretar fenômenos complexos da experiência humana, a fim de buscar a compreensão de sua essência, por meio da identificação de temas hermenêutico-fenomenológicos complexos, os quais revelam sua natureza, sua essência, seus aspectos intrínsecos e singulares (FREIRE, 2010, 2012, 2017).

Desenvolvida pela Profa. Dra. Maximina M. Freire, a AHFC constitui-se da conexão entre duas vertentes filosóficas: a Hermenêutica e a Fenomenologia, em articulação com o Pensamento Complexo (MORIN, 2005, 2015c, 2017), uma tríade que se relaciona de maneira complementar e única, proporcionando a investigação de um fenômeno “sob a perspectiva dos indivíduos que o vivenciam, percebem intuitivamente, interpretam e a ele se referem” (FREIRE, 2010, p. 20), característica singular da abordagem que reconhece a existência e influência tanto da objetividade como da subjetividade do(a) pesquisador(a) no processo investigativo.

A proposta interpretativa de Freire (2017) pode ser articulada com o Pensamento Complexo (MORIN, 2015c, 2008), conforme ressalta a autora, pois evidencia o caráter *recursivo*, que oportuniza idas e vindas no processo investigativo, o caráter *hologramático*, ao trabalhar, sistemicamente, com o todo (textualização) e suas partes (tematização), desvendando a tessitura do fenômeno sob estudo, nas articulações entre temas, subtemas, sub-subtemas etc., os quais podem emergir de maneira antagônica, porém dialogicamente complementar.

A identificação desses aspectos revela uma percepção não fragmentada, não linear e não hierárquica de pesquisa, ao oportunizar uma atividade investigativa que contempla o fenômeno em foco de maneira viva, sistêmica, articulada, *tecida em conjunto*, ou seja, complexa no sentido moriano.

Nesse sentido, o processo de interpretação na AHFC é realizado por meio de rotinas de organização em duas etapas complementares (textualização e tematização), as quais revelam as relações tecidas em conjunto, contribuindo para o fluir sistêmico, hologramático, dialógico e recursivo na investigação de um fenômeno da experiência humana, a fim de oferecer espaço para a emergência de sentidos e significados conforme o quadro a seguir:

**Quadro 1: Rotinas de organização e interpretação da AHFC (FREIRE, 2010, p. 25)**

TEMATIZAÇÃO				
TEXTUALIZAÇÃO	REFINAMENTO: IDENTIFICAÇÃO DAS PRIMEIRAS UNIDADES DE SIGNIFICADO	REFINAMENTO E RESSIGNIFICAÇÃO	REFINAMENTO E RESSIGNIFICAÇÃO	DEFINIÇÃO DE TEMAS, SUBTEMAS,...
	CICLO DE VALIDAÇÃO			
Transcrição literal dos textos que capturam as experiências vividas pelos participantes e as informações por eles fornecidas.	Primeiras leituras e início da identificação das primeiras unidades de significado (as mais claramente perceptíveis).	Releituras, questionamento da relevância das unidades de significado já estabelecidas e estabelecimento das primeiras articulações entre elas. Esse procedimento pode incluir a identificação de novas unidades de significado ou a exclusão de unidades anteriormente indicadas.	Novas releituras e maior refinamento com possibilidade de confirmação/descarte das unidades de significado e/ou articulações definidas anteriormente. As abstrações obtidas vão sendo nomeadas por meio de substantivos.	A partir da confirmação dos refinamentos e abstrações obtidos anteriormente, identificação da relação temática entre as nomeações resultantes. A partir delas, definição dos temas, subtemas, sub-subtemas, sub-sub-subtemas,...

A primeira etapa do processo investigativo descrito acima é a *textualização*, na qual os textos produzidos pelos participantes de uma pesquisa são transcritos, integralmente, na primeira coluna do quadro acima. Os textos são submetidos, em seguida, à etapa de *tematização*, na qual “o texto é interpretado e reinterpretado, várias vezes, até que dele emergjam os temas que compõem a essência da experiência em foco” (FREIRE, 2017, p.174). Portanto, essa etapa consiste na busca pela compreensão do que está contido nas entrelinhas dos textos, revelando ações e intenções emergentes da manifestação do fenômeno investigado.

Na etapa de tematização, iniciam-se os procedimentos de *refinamento* e *ressignificação* (FREIRE, 2012), realizados a partir de diversas leituras e releituras dos textos produzidos pelos participantes da pesquisa. O refinamento consiste na identificação das *unidades de significado* e percepção da sua relevância em relação do fenômeno investigado, por meio da observação dos termos que melhor expressam ou se referam ao fenômeno, suas características fundamentais.

A ressignificação é um procedimento diretamente ligado ao refinamento e se baseia no confronto contínuo das unidades de significado verificadas no texto, oportunizando que as escolhas iniciais sejam confirmadas, descartadas ou transformadas continuamente. Dessa forma, a ressignificação das unidades refinadas se processa, até que não se possa mais fazê-lo, ou seja, até que se chegue às menores unidades de significado: aquelas que não poderão mais ser refinadas e ressignificadas, sendo indicadas por substantivos. Eles, então, nomearão os temas, subtemas, sub-subtemas etc. conforme destaca Freire (2010, 2012, 2017).

Segundo van Manen (1990, p.87-89), a identificação dos temas não é uma tarefa simples, pois exige aprofundamento, sintonia e um olhar sensivelmente atento e minucioso do intérprete para captar o que existe de mais essencial e intrínseco à natureza do fenômeno. Diante dessa colocação, é importante destacar que esses procedimentos exigem um “mergulho interpretativo”, como proposto por Freire (2012), cada vez mais denso e intenso por parte do pesquisador, devido à recorrência dos procedimentos de refinamento, ressignificação e a necessidade de realização de um *ciclo de validação*:

“movimento circular de idas-e-vindas no texto, conectando, contrastando e/ou descartando unidades de significado, até que temas surjam e sejam confirmados e/ou descartados” (FREIRE, 2017, p. 177). Portanto, os sucessivos movimentos e interconexões proporcionados pelas etapas descritas acima permitem confirmação, “(...) legitimando as descobertas e, em alguma medida, abarcando a subjetividade interpretativa, que é inerente à abordagem” (FREIRE, 2012, p.24).

A *correnteza* que orienta o *fluxo das águas* nas pesquisas realizadas pela AHFC é constituída, portanto, por *três movimentos singulares*, conforme descritos a seguir, os quais se fundem de modo complementar e indissociável, originando a orientação metodológica escolhida para a condução deste percurso investigativo.

A *Hermenêutica* contribui com o *movimento interpretativo* nesse estudo, na medida em que busca compreender experiências do ser no mundo e se vale do material textual para a interpretação do fenômeno em foco. Transliteração originária do verbo grego “*hermeneuein*”, a palavra “hermenêutica” significa “expressar em voz alta, explicar ou interpretar, e traduzir” (SCHMIDT, 2012, p. 18). A palavra grega traduzida para o latim é “*interpretatio*”, raiz de “interpretação” em português.

Para Heidegger (2006), a compreensão é uma estrutura ontológica fundamental do ser humano, na medida em que estamos em constante processo interpretativo como seres que experienciam a vida. Desse modo, experienciar é estabelecer significados, compreender a partir da bagagem experiencial única de cada ser no mundo, constituída por tradições familiares, sociais, históricas e culturais de crenças, comportamentos, emoções bem como sentimentos que contribuem, também, para a constituição do sujeito.

Gadamer (1975/1996) renomeia como *preconceitos* as estruturas prévias da compreensão, conceituadas anteriormente por Heidegger, atribuindo uma conotação neutra intencionada, de modo a revelarem tudo o que o sujeito conhece consciente e inconscientemente, sem juízo de valor (positivo ou negativo). Assim, “toda compreensão parte de nossos preconceitos. O caráter arremessado da compreensão implica que todos os nossos preconceitos são

herdados de nosso passado no processo da aculturação” (SCHMIDT, 2012, p. 147).

No entanto, Gadamer (1975/1996, p. 290) adverte que “devemos pensar a *compreensão não como um ato subjetivo, e sim como a participação num evento de tradição*, um processo de transmissão em que o passado e o presente são mediados constantemente”. Desse modo, apreendo a postura hermenêutica como um movimento que atravessa uma gama de possibilidades de compreensão e diálogo entre as multidimensões do ser, perpassando sua trajetória de experiências, origem e o mundo que o precede e o cerca.

Nesse sentido, Schmidt (2012, p. 145) destaca a compreensão como uma “projeção arremessada”, na medida em que “a compreensão trata das possibilidades futuras do ser humano e culmina na autocompreensão”, o que me permite observá-la como um caminho rizomático, pois se trata de um movimento aberto e reflexivo que se desenvolve em meio a um horizonte linguístico, uma vez que “como a linguagem é o meio e o objeto da experiência hermenêutica, ela é a base ontológica da compreensão” (GADAMER *apud* SCHMIDT, 2012, p. 187).

A partir dessa reflexão, o texto se torna o meio pelo qual experiências, pensamentos e sentimentos são (de-)codificados pela linguagem e tomam a forma escrita, passando pelo crivo de nossas crenças e valores, bem como preconceitos. Trata-se de um processo bastante importante tanto para a materialização do objeto investigativo, quanto para a expressão do ser em essência; um instrumento que captura um momento, um recorte do fenômeno, de um ser em constituição, contínuo estado de impermanência e transformação.

Refletindo a respeito do papel dos textos na AHFC, Freire (2010, p. 21-22) considera que

(...) a *textualização* de experiências (ou o registro escrito de manifestações de um fenômeno da experiência humana) permite o desenvolvimento de uma atividade investigativa mediada, que não apenas captura experiências vividas, mas que pode também levar pesquisador e pesquisado(s) a retomá-las, na sua versão mais original, inúmeras vezes, e refletir sobre elas, chegando, potencialmente, a outras interpretações e reinterpretações.

Portanto, o texto materializa a manifestação do fenômeno em estudo, o que permite sua investigação de modo retrospectivo. Ele, porém, não é capaz de capturar o *todo* da experiência investigada, pois cada fenômeno apresenta-se, também, em contínuo estado de impermanência no tempo-espaço.

A Fenomenologia, por sua vez, contempla a AHFC com o *movimento descritivo*, na busca pela compreensão de manifestações da experiência do ser no mundo, o *dasein: ser-aí* (HEIDEGGER, 2006, p. 215), aquele em constante fluxo ante suas possibilidades futuras, seu devir. Desse modo, fenômenos da experiência humana são descritos, no nível da aparência, e interpretados com o objetivo de se aproximar de sua essência, ou mesmo de se alcançar sua natureza essencial. A esse respeito, Cerbone (2012, p. 13) revela a importância de se lançar um olhar atento à experiência ao invés de àquilo que é experienciado, o que se revela como uma postura fenomenológica.

Portanto, essa vertente filosófica ressalta a importância de se ampliar o olhar para os fenômenos da experiência humana, numa situação como a de alguém que sobe um monte para observar *o fluir de um rio* numa perspectiva expandida, contribuindo, assim, para sua compreensão, pelo olhar de quem os vivencia, com suas próprias observações, sensações, crenças, bagagem e “*continuum* experiencial”, conforme destaca Dewey (1976). O autor ainda ressalta que o ser humano é transformado pelas suas experiências vividas, as quais também influenciam a qualidade de suas experiências posteriores, como ilustra a frase atribuída a Heráclito: “Ninguém pode banhar-se duas vezes no mesmo rio, pois na segunda vez, o rio já não é o mesmo, nem tão pouco o homem”.

O *Pensamento Complexo*, conforme descrito no capítulo anterior, contempla a AHFC por meio dos *fiões invisíveis* que tecem a Hermenêutica, a Fenomenologia e as diversas relações que abarcam a construção de conhecimento nesse percurso investigativo singular, o qual contempla um fenômeno da experiência humana, bem como da Vida em seus movimentos de construção.

Em meio à tessitura observada entre a Hermenêutica, a Fenomenologia e a Complexidade, Freire (2017) destaca os momentos de *ordem* e *desordem*

revelados no processo investigativo, caracterizados por “certezas, incertezas, rupturas, coerência, conflitos, incoerências, imprevisibilidade e organização” (p. 182). Dessa maneira, o Pensamento Complexo enriquece a AHFC com o *movimento de conexões e abertura*, contribuindo para a ampliação do olhar investigativo lançado ao fenômeno em foco em um processo de construção de conhecimento rizomático - como uma raiz que origina múltiplos ramos, sem respeitar uma subordinação hierárquica estrita.

No campo da Linguística Aplicada, o qual oferece espaço para composições transdisciplinares como essa, Freire (2010, p. 23) revela que “a AHFC busca elaborar uma descrição detalhada de um fenômeno, sem perder de vista que esse fenômeno é, em si, muito mais intrincado do que qualquer interpretação textual possível”. Nesse sentido, busco oferecer uma possibilidade de investigação para o fenômeno em foco nesta pesquisa, sem a pretensão de o esgotar, pela compreensão de que sua complexidade vai além do que é possível capturar pela percepção humana.

Diante do caminho construído até aqui, o qual apresenta a orientação metodológica escolhida para o desenvolvimento desta pesquisa, por meio das etapas envolvidas em uma investigação agaéfico-complexa: *textualização* e *tematização* (detalhados adiante) e *ciclo de validação*, a *correnteza* segue seu curso por meio da descrição do ambiente remoto desenhado para investigar o *movimento das identidades entre línguas em um curso sistêmico-complexo*, cuja realização foi homologada pela Plataforma Brasil, via Comitê de Ética para pesquisas com seres humanos<sup>7</sup>.

## 2.2 O contexto e os participantes da pesquisa

O contexto no qual esta pesquisa se desenvolve foi desenhado, especialmente, para essa investigação no ambiente remoto. Trata-se do curso intitulado: *Quem sou eu entre línguas e culturas? Um percurso sistêmico*, o qual é descrito, detalhadamente, no capítulo 3: *O caminho das águas*.

---

<sup>7</sup> Processo de aprovação número: 5.323.170

O fenômeno *movimento das identidades entre línguas em um curso sistêmico-complexo* emerge da experiência vivida por mim, pesquisadora/mediadora, e pelos seis alunos do curso em questão, que manifestaram seu interesse em participar da pesquisa mediante convite individual, em sua maioria, a exceção de uma das participantes que entrou em contato comigo por meio da divulgação realizada via redes sociais. Os participantes convidados individualmente foram selecionados de acordo com seu interesse e atuação profissional por meio de língua estrangeira (em sua maioria, com predomínio do idioma inglês) e alguns relataram estar em busca de superar suas dificuldades na comunicação e aprendizagem de línguas.

Apresento, a seguir, os seis alunos participantes, descrevendo sua relação e história com as línguas, informações importantes para a compreensão do fenômeno em questão sob os parâmetros da AHFC. Destaco que seus nomes foram intencionalmente modificados para preservar sua identidade.

*Sandro*, brasileiro de 29 anos, mora na cidade de São Paulo. É graduando do curso de Administração de Empresas e trabalha como auditor hoteleiro em nível Brasil. Ele tem contato com o inglês e o espanhol no seu dia a dia, bem como com hóspedes de diversas culturas, que viajam pelo mundo. O participante destaca que, quando estava aprendendo inglês, sentia que tinha uma “trava” com o idioma, pois não conseguia se expressar, na maioria das vezes. Acrescenta que sentia “medo” do inglês no começo de seu contato com a língua inglesa. No entanto, com o passar dos anos, afirma que se apaixonou pelo idioma.

Em experiência de intercâmbio na Inglaterra, em 2016, Sandro relata que, junto com os estudos de inglês, jogava futebol, o que foi um fator motivador para o seu desenvolvimento pois, para poder participar de um campeonato, precisou alcançar a nota mínima (9,0) no exame de inglês e perder o medo de falar. Felizmente, conseguiu alcançar seus objetivos: superou seu medo e dificuldade com o inglês, conseguindo construir e manter uma comunicação fluente. Hoje, reconhece a importância de ter vivido essa experiência e se sente satisfeito e realizado por ter tido a oportunidade de jogar futebol e estudar inglês na Inglaterra, duas paixões em sua vida.

*Fabiano*, brasileiro de 39 anos, é empresário há quase 20 anos e mora na cidade de São Paulo. Kursou MBA em Engenharia de Produção e, hoje, administra empresas no ramo de importação e distribuição de peças de reposição e suprimentos compatíveis para impressoras e copiadoras. Em sua rotina diária, lida com fornecedores de vários países do mundo, especialmente, China, Taiwan, Singapura e Estados Unidos, e o idioma internacionalmente falado por todos é o inglês quando se comunicam pessoalmente, por e-mail, telefone ou mensagens. O participante também viaja, com certa regularidade, para visitar os fornecedores nos Estados Unidos e na Ásia, bem como recebe seus parceiros comerciais em visita às suas empresas aqui, no Brasil.

Em relação à aprendizagem do inglês, relata ter estudado em várias escolas de idiomas no Brasil, durante diferentes períodos de sua vida. Com algumas, o participante se identificou mais e percebe que, por isso, aprendeu mais; já com outras, identificou-se menos e sente que aprendeu menos, reconhecendo, também, que viveu momentos de vida nos quais ele pôde se dedicar mais aos estudos e, em outros, não pôde se dedicar tanto.

Seu foco é aprender inglês comercial por causa de seu trabalho, visto que percebe conseguir manter algum nível de diálogo, mas não se sente “como um nativo”. Não se considera uma pessoa que fala inglês fluente, pois percebe que não tem domínio da cultura, não conhece bem a geografia dos Estados Unidos, nem tem vocabulário suficiente para se comunicar e acrescenta que ainda não pôde realizar o sonho de morar fora do país ou de ter uma experiência de intercâmbio.

O participante comenta que vivencia momentos em seu cotidiano, comunicando-se em português e, de repente, o inglês surge por meio de mensagens ou e-mails. Então, ele se sente um pouco “perdido”, com a sensação de estar no todo e não pertencer a lugar nenhum, pois essa troca de idiomas acontece, muitas vezes, de forma rápida em sua mente, em outras, mais lenta, dependendo do seu nível de estresse no momento e da dificuldade da questão que tem para resolver, o que lhe causa cansaço mental.

Fabiano ainda acrescenta que percebe que sua mente o leva, quase que automaticamente, para o idioma no qual ele se sente mais confortável (o

português) e que, quando precisa “virar a chave”, não se sente mais à vontade para falar inglês.

Nesse sentido, o participante destaca a importância de desenvolver seu autoconhecimento para encontrar harmonia em sua vida entre línguas, estando no Brasil, onde se comunica em português, e tendo que lidar com pessoas em inglês, ao mesmo tempo. Ao observar essa “dualidade”, ele reconhece, mais uma vez, a importância do autoconhecimento para não se perder, na expectativa de que o curso possa ajudá-lo a encontrar seu lugar, localizar-se e se situar em suas relações entre línguas.

*Michele*, brasileira, habitante de Belo Horizonte (Minas Gerais), tem 28 anos e atua como gestora de Saúde Suplementar há cinco anos. Estudou inglês por muitos anos e, atualmente, estuda francês com a intenção de ir para o Canadá, em breve, para cursar o mestrado. Mesmo tendo estudado inglês há algum tempo, percebe que não perdeu o conhecimento que construiu e, assim, faz uma analogia dizendo que foi como “aprender a andar de bicicleta”, pois ela destaca que não se esqueceu do conteúdo que aprendeu.

No entanto, não percebe o mesmo movimento com o francês, pois sente que tem bastante dificuldade para falar e se expressar, apesar de conseguir compreender com facilidade, e acrescenta que ainda não conseguiu perceber o motivo desse fato. A respeito dessa sua questão entre línguas, acredita, fielmente, na importância do autoconhecimento para seu desenvolvimento com as línguas, bem como em todas as áreas de sua vida.

Consciente da singularidade de cada ser humano em seu processo de aprimoramento, a participante também buscou formação em *Coaching* com os objetivos de compreender melhor a mente humana e a si mesma. Ressalta que cada pessoa possui tanto habilidades, quanto bloqueios diversos, que podem ser trabalhados por meio do autoconhecimento.

Nesse sentido, destaca uma experiência que vive, no trabalho, com colegas vindos do sul do país, os quais têm um dialeto bem específico, percebendo que, a partir dessa interação, começou a utilizar o vocabulário e até a incorporar nuances do sotaque deles. Interessante sua observação ao notar

que eles não costumam utilizar os regionalismos mineiros, apesar de estarem em Minas Gerais há bastante tempo.

Michele ainda destaca o fato de que passou a fazer aulas a distância em virtude da pandemia pelo COVID-19<sup>8</sup>, pois nunca acreditou que conseguiria concentrar-se para estudar por meio de um computador. Dessa maneira, se redescobriu nessa modalidade pela possibilidade de ter acesso a conteúdos gravados e, assim, retomar as aulas quando necessário, pela praticidade de acessá-las a seu tempo e, também, pela redução do valor de investimento nos cursos. Por isso, hoje, se sente satisfeita em poder ter acesso a oportunidades de construção de conhecimento sem sair de casa, circunstância que a permitiu, também, participar do curso em foco nessa pesquisa.

Refletindo sobre a troca de idiomas na comunicação entre falantes de duas ou mais línguas, a participante considera essa questão uma “dualidade” e cita como exemplo o Canadá, país bilíngue aberto ao turismo internacional, no qual ambos os idiomas inglês e francês são considerados oficiais. Ela afirma que tem a intenção de passar pelo desafio de se colocar à prova nessa experiência entre línguas, a qual considera como uma possibilidade de se redescobrir nesse novo cenário, o que pode gerar uma mudança interna e cultural bastante significativa em sua vida.

Quanto ao curso em foco nessa pesquisa, sua expectativa é de que ele possa contribuir em sua preparação para a futura vivência no Canadá, ressaltando que, quanto mais preparada mentalmente estiver para essa experiência entre línguas, mais saudável será para ela, considerando seu processo de autoconhecimento.

A participante *Clarissa*, tem 33 anos, é brasileira, tradutora e intérprete de português/inglês, tendo trabalhado, também, como revisora e assistente editorial. Em 2018, mudou-se para Toronto (Canadá), onde realizou um curso de especialização por um ano, em editoração de livros, revistas e eletrônicos. Hoje, trabalha em um grupo de futebol brasileiro, o qual tem um escritório em Toronto,

---

<sup>8</sup> A pandemia ocasionada pelo coronavírus (COVID-19) corresponde a uma infecção respiratória, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e disseminação global, cuja fase mais aguda, no Brasil, estendeu-se de meados de 2020 a início de 2022.

com toda a operação do clube e dos torneios em Portugal. Ela é responsável pela área de comunicação da empresa, tanto entre os funcionários, quanto com os fornecedores portugueses.

Comentando a respeito da questão de “virar a chavinha” quando precisa mudar o idioma rapidamente na comunicação, Clarissa afirma que, mesmo em um país estrangeiro, sente esse impacto. Além disso, acrescenta que, em Toronto, como em todo lugar no mundo, há muitos brasileiros e, por isso, ficou receosa e na dúvida se deveria se juntar à comunidade brasileira ou não, um dilema ativado pelo medo de prejudicar o seu desenvolvimento no inglês.

A participante afirma que não tinha a intenção de se comunicar frequentemente com brasileiros, mas também não estava fechada para interagir, apesar de ter sofrido esse tipo de comportamento por parte de outros brasileiros lá. Ela pensa que não existe uma postura certa ou errada, pois a escolha vai depender das circunstâncias e objetivos de cada pessoa.

Segundo Clarissa, para alguém que tenha investido em uma viagem por um mês, talvez não seja tão interessante se comunicar apenas com brasileiros; porém, caso o plano seja uma estadia mais longa como a dela, para construir uma vida no país estrangeiro, não há razão para deixar de interagir com pessoas da sua própria cultura, conexão essa que se desenvolve naturalmente, afirma a participante.

Por outro lado, ela acredita que conhecer pessoas de outras culturas também é interessante e observa, curiosamente, que percebe semelhanças entre, por exemplo, os indianos e os brasileiros, ao notar algumas características e comportamentos em comum, como a alegria e a simpatia. Clarissa revela ter grande interesse em participar dessa pesquisa na medida em que os temas identidade, cultura e autoconhecimento apresentam grande relevância para ela no momento.

Seguindo com a apresentação dos participantes da pesquisa, *Bianca* tem 31 anos, mora na cidade de São Paulo e trabalha como compradora de calçados infantis e licenciados para uma empresa multinacional, plataforma de comércio eletrônico (*e-commerce*), há alguns anos. Formada em têxtil e moda, com pós-

graduação em Administração, ela está cursando graduação em Engenharia de Produção.

A respeito de sua experiência com idiomas, estudou inglês e espanhol no colégio, porém apenas o inglês, por muitos anos, em uma escola de idiomas. Ela percebe que não tinha tanta afinidade com o espanhol: gostava, mas não avançou nos estudos como fez com o inglês, que continuou a se dedicar até realizar um exame internacional (*First Certificate in English – University of Cambridge*).

A participante relata que, quando começou a faculdade, trabalhou como professora de inglês e gostou bastante da experiência, que lhe proporcionou leveza e diversão. Acrescenta que nunca teve *travas* com idiomas; ao contrário, sempre teve muita facilidade para aprender línguas, até mesmo as que ela não conhecia, como o francês e diversos dialetos regionais e sotaques.

Bianca revela uma percepção atenta em suas relações entre línguas ao relatar sua experiência de trabalho numa loja de departamento como assistente de compras de produtos importados femininos. Em sua jornada diária, se expressava inglês com fornecedores chineses e indianos, principalmente por escrito e, algumas vezes, por telefone. Destaca que notava um sotaque acentuado na fala de ambos ao se comunicarem em inglês, apesar de ser a língua comum entre eles; também observou que a língua materna aparecia na fala de cada um, o que ocasionava ruído na comunicação pela falta de compreensão, especialmente no contato por telefone, o que era um desafio para todos.

Em um intercâmbio estudantil na Universidade de Lisboa, em Portugal, ela se surpreendeu ao perceber certa dificuldade na comunicação, apesar da proximidade das línguas (português do Brasil e de Portugal). No entanto, com o passar do tempo, afirma que se acostumou com o outro idioma, ciente do fato de que estar imersa na cultura tenha sido uma vantagem à sua rápida aprendizagem e desenvolvimento de sua habilidade comunicativa. Bianca acrescenta que não se sentiu pertencente ao local e estava ansiosa para voltar ao Brasil, mesmo tendo cidadania portuguesa em decorrência da nacionalidade de seu pai.

Outra experiência cultural que ela revela foi a de ter morado no nordeste brasileiro (Natal, RN) por, aproximadamente, um ano, observando que, apesar de ser uma região que utiliza sua língua materna (o português brasileiro), trata-se de uma variação linguística com a qual ela também passou por um período de adaptação e, após certo tempo, notou que havia adotado o sotaque local naturalmente, bem como expressões da linguagem regional. Diferentemente da experiência em Portugal, ela se sentiu adaptada e pertencente ao local, a ponto de despertar sua intenção de morar naquela cidade.

Interessante destacar que sua mãe e avó materna são nordestinas, o que pode ter influência em seu sentimento de pertencimento, abertura e adaptação à linguagem e cultura daquela região. Em sua vivência em Natal, percebeu que suas colegas de trabalho, que também foram transferidas pela empresa, de São Paulo para o nordeste, não se adaptaram à cultura, nem incluíram o dialeto em seu vocabulário. Ela observou um certo preconceito, por parte das colegas, com relação à linguagem e cultura nordestina e, considera, de fato, que esse comportamento não contribuiu para a adaptação delas no contexto da região, as quais, posteriormente, retornaram para São Paulo.

Bianca considera que buscar seu autoconhecimento é relevante para que compreender as possíveis relações das línguas com o seu *eu*, informações importantes que podem contribuir para a ampliação de sua consciência na percepção de si mesma.

*Cristina*, 39 anos, é coordenadora de Recursos Humanos e mora na cidade de São Paulo. Formada em Psicologia, com pós-graduação em Gestão de Pessoas e MBA em Gestão Empresarial, o inglês sempre foi um desafio, desde que começou a se dedicar ao estudo do idioma aos 17 anos. A participante revela ter estudado, anteriormente, em diversas escolas de idiomas, bem como com professores particulares; porém, percebe que não consegue falar inglês, pois sente que tem um bloqueio que não a permite fluir na comunicação.

Ela relata que, em seu ambiente de trabalho, nunca houve situações nas quais ela fosse exposta à necessidade da utilização do inglês. Contudo, quando buscou mudanças em sua carreira, surgiu uma oportunidade para a realização de um projeto interessante em outra empresa, o qual demandava inglês fluente

e, pela falta dessa habilidade, não foi contratada. Após essa experiência, a necessidade de aprender inglês despertou sua motivação para voltar a estudar.

No entanto, percebe que, novamente, quando surgem situações nas quais precisa falar inglês, como, por exemplo numa entrevista de emprego, sente que algo *trava* sua comunicação como um bloqueio que a impede de fluir e traz a sensação de que esqueceu tudo o que já havia aprendido antes. Cristina reconhece que existem questões relacionadas ao seu jeito de ser e outras que deseja descobrir, na expectativa de que o curso possa revelar quais são esses bloqueios e a razão pela qual não consegue evoluir na comunicação e aprendizagem de inglês, apesar de estudá-lo há bastante tempo, tendo perdido oportunidades importantes para seu crescimento profissional.

Em relato de sua experiência de intercâmbio, durante o qual passou um mês estudando em Vancouver (Canadá), afirma que teve a sensação de não querer voltar mais para o Brasil, pois se sentiu bem lá, como se estivesse descobrindo/conhecendo um novo aspecto de si mesma. No entanto, para ela, um mês passou muito rápido, pois, quando começou a se soltar, o período programado terminou e teve que retornar ao Brasil, concluindo que essa experiência foi válida, mas não o suficiente para ela se desenvolver como gostaria.

Para retomar as principais informações apresentadas pelos participantes, as quais revelam seu perfil, na trilha que percorre o caminho *do rio ao oceano* nesta pesquisa, apresento, a seguir, um quadro síntese:

**Quadro 2: Síntese do perfil dos participantes da pesquisa**

Participantes	Sandro	Fabiano	Michele	Clarissa	Bianca	Cristina
Idade	29 anos	39 anos	28 anos	33 anos	31 anos	39 anos
Atividade profissional	Auditor hoteleiro	Empresário de importação e distribuição	Gestora de Saúde Suplementar	Tradutora e Intérprete (Português/Inglês)	Compradora de calçados infantis para <i>e-commerce</i>	Coordenadora de Recursos Humanos

<b>Relação com as línguas</b>	No início, tinha <b>medo de falar inglês e dificuldade</b> para <b>aprender</b> . Depois de sua experiência de <b> intercâmbio em Londres</b> , onde <b>superou seus medos</b> .	Uso do inglês no <b>trabalho</b> . <b>Não</b> se considera <b>fluyente</b> em inglês por <b>falta de vivência e conhecimento cultural</b> (vocabulário etc.). Tem o sonho de <b>morar/fazer intercâmbio nos Estados Unidos</b> .	Já <b>estudou inglês</b> e está <b>aprendendo o francês</b> , língua que sente estar com certa <b>dificuldade</b> para <b>falar</b> . Planeja fazer seu primeiro <b> intercâmbio</b> .	Sente-se <b>confortável</b> na utilização do inglês. <b>Trabalha</b> com o português e o inglês em seu cotidiano e realizou o sonho de se mudar para <b>Toronto (Canadá)</b> há dois anos.	Sente que tem <b>facilidade</b> para <b>aprender diferentes línguas e sotaques</b> . Tem experiência de <b> intercâmbio em Lisboa (Portugal)</b> , local com o qual <b>não se identificou</b> .	Já <b>estudou</b> inglês, mas sente que tem alguma <b> trava</b> , um <b>bloqueio</b> , pois, quando precisa, <b>não consegue falar inglês</b> . Tem experiência de <b> intercâmbio no Canadá</b> , local com o qual <b>se identificou</b> .
<b>Língua(s) estrangeira(s) em foco</b>	Inglês	Inglês	Inglês e francês	Inglês	Inglês	Inglês

Fonte: Elaborado pela autora

Após detalhamentos dos participantes, descrevo os instrumentos e procedimentos de geração do material textual utilizado para a interpretação desta experiência sob investigação.

### 2.3 Os instrumentos e procedimentos de geração de textos

O fenômeno *movimento das identidades entre línguas em um curso sistêmico-complexo* é investigado a partir do material textual produzido pelos alunos apresentados anteriormente. Conforme orienta a AHFC, os registros textuais são fundamentais para a realização de pesquisas sob esse enfoque, pois registram a vivência de fenômenos da experiência humana. Dessa maneira, detalho e justifico, a seguir, os instrumentos e procedimentos de geração de textos escolhidos para a realização dessa investigação.

#### 2.3.1 A narrativa linguístico-biográfica

A narrativa linguístico-biográfica tem por objetivo oferecer espaço para o resgate de memórias e proporcionar reflexões a respeito da trajetória de experiências dos participantes do curso entre suas línguas materna e estrangeira(s) no período que abarca desde sua infância, até o momento do

curso conforme solicitado, via plataforma *Moodle*, por meio das seguintes instruções:

- Descreva sua trajetória de experiências com as línguas nativa e estrangeira, desde sua infância até o momento presente.
- Todos os detalhes são muito importantes: suas memórias, percepções, sensações, impressões, exemplos, sentimentos, emoções, dificuldades e/ou facilidades com as línguas.

Desse modo, a narrativa linguístico-biográfica oferece espaço para que os participantes possam entrar em contato com suas histórias de vida, sob a perspectiva de suas experiências entre línguas, e perceber como elas se manifestam em seu universo interior e podem influenciar suas interações por meio da comunicação e aprendizagem de línguas. o que pode ser de grande valia para auxiliar na compreensão do fenômeno em questão.

### 2.3.2 O diário

O diário é o instrumento que escolhi para ser o *companheiro de viagem* de cada participante na trilha percorrida ao longo do curso. Sua utilização permite o livre tecer de reflexões, a descrição de percepções, o manifestar de dúvidas, descobertas, sensações, sentimentos e emoções que podem surgir a cada encontro. Para tanto, solicitei a escrita do diário segundo as instruções veiculadas através da plataforma *Moodle* conforme descrevo a seguir:

- Escreva suas percepções sobre o encontro de hoje:
  - O que mais chamou sua atenção?
  - Quais foram suas principais reflexões e descobertas?
  - Como você está se sentindo?

O diário se revelou um instrumento rico em reflexões, por meio do qual os participantes se permitiram aprofundar em um mergulho interior, que proporcionou um diálogo aberto consigo mesmos, estendendo-se às discussões em grupo, o que os auxiliou no processo de desenvolvimento no curso, ao compartilharem suas descobertas, dúvidas, percepções e experiências. O diário se tornou um material de apoio para a pesquisa uma vez que se articula, de modo recursivo e complementar, com os demais instrumentos, os quais revelam,

também, a manifestação do fenômeno em investigação conforme orienta a AHFC, não havendo, assim, a necessidade de tematizar todos os textos produzidos pelos participantes da pesquisa.

Interessante mencionar que o diário refletiu o andamento do processo de autoconhecimento de cada participante, a ponto de revelar, também, suas resistências e dificuldades, bem como muitas das reflexões que foram comentadas no momento da conversa hermenêutica. Por exemplo, alguns dos participantes relatam que não conseguiram escrever os diários referentes a determinadas aulas no período estimado, o que impactou na necessidade de estender o prazo de entrega, pois o assunto trabalhado demandou mais tempo para ser processado e refletido, gerando sentimentos de fracasso e culpa pelo não cumprimento do prazo.

Percebo, assim, que os assuntos abordados no curso tocaram a natureza profunda das relações entre línguas dos participantes, cada um à sua maneira, e o diário proporcionou o movimento de entrar em contato com tais questões, que ressoaram em suas estruturas psíquicas e emocionais, reverberando em seu processo de escrita, o que foi trazido e discutido no início de cada encontro, no momento de acolhimento de cada participante com tudo aquilo que reverberou dentro de si, diante de suas reflexões e a escrita do diário.

Resgato, nesse sentido, os elementos destacados por Morin (2005) como essenciais para a compreensão dos diálogos internos e externos entre o ser, a Vida (em sua compreensão ampliada como existência) e o mistério do Universo, os quais se relacionam de modo simultâneo e contínuo: ordem/ interação/desordem/(re)organização. Considerando que cada participante chega ao curso e se faz presente, a cada encontro, trazendo seu próprio “tetragrama da complexidade” (MORIN, 2005, p. 204), ou seja, sua própria *ordem* (coerência interna e externa de sensações, sentimentos, emoções, crenças, origem etc.), a *interação* com os demais participantes e o tema trabalhado em cada aula pode ocasionar uma *desordem*, gerando, por vezes, desconfortos, surpresas, dúvidas e, até mesmo, lágrimas de emoção, os quais o conduzem ao seu processo de *(re)organização*, em que novos aprendizados, descobertas e uma nova ordem/coerência interna é estabelecida, mesmo que momentaneamente, numa constante busca por sentidos.

Compreendo, assim, que esses movimentos internos e externos de interação propiciam oportunidades para a (re)organização da coerência interna, bem como da percepção da identidade de cada aluno, que se manifesta por meio do diário, em um momento de (re)construção de conhecimento, autoconhecimento e ampliar da consciência, o qual se processa no tempo kairós, no momento adequado e oportuno para cada ser, ao invés de acontecer no tempo cronológico, previsto pelo calendário de planejamento e andamento do curso.

O diário se revelou como um instrumento que pode contribuir para o processo de construção de conhecimento, tanto pelos participantes/alunos do curso, quanto por mim, professora/*designer*/pesquisadora, que também escrevi meu próprio diário e o utilizei como material de apoio para investigar o *movimento das identidades entre línguas em um curso sistêmico-complexo*.

### **2.3.3 As reflexões compartilhadas**

As reflexões compartilhadas foram produzidas oralmente pelos participantes do curso em interação nos momentos finais de cada encontro, revelando o que mais havia chamado sua atenção diante das percepções dos colegas. Elas foram tecidas em conjunto, portanto, *complexas* (MORIN, 2015c), visto que expressaram as percepções das conexões, descobertas, sensações, sentimentos, pensamentos e conhecimento construído pelos participantes do curso em questão e, também, por mim, professora/*designer*/pesquisadora.

Percebo, nesse instrumento, uma composição recursiva, pois retoma e religa os assuntos discutidos a cada momento, de forma complementar, bem como dialógica, hologramática e sistêmica, articulando as percepções individuais de modo a ampliar para a dimensão coletiva e proporcionar oportunidades de construção de sentidos e significados. Nesse sentido, as reflexões compartilhadas são instrumentos que atuam como material de apoio nesta pesquisa na medida em que pode auxiliar na compreensão do fenômeno em questão, sem a necessidade de serem tematizadas.

Durante cada aula do curso, houve momentos pré-determinados para o tecer das reflexões compartilhadas, porém, o espaço para as manifestações dos

participantes manteve-se sempre aberto para acolher suas colocações e dúvidas.

Após os exercícios práticos realizados ao longo do curso, os participantes trouxeram suas percepções individuais a respeito da experiência vivida e, em seguida, compartilharam suas reflexões a respeito das conexões observadas nas falas e percepções dos colegas e, ao final de cada encontro, os alunos foram convidados a realizar o encerramento por meio de uma *palavra-síntese* que representasse seu aprendizado ou o que mais chamou sua atenção naquele encontro conforme compartilho a seguir:

**Quadro 3: Palavras-síntese**

Encontro x Participante	1: Eu no mundo da aprendizagem de línguas	2: Entre culturas	3: Entre línguas	4: Eu e o outro	5: Quem sou eu?	6: Afinal, quem sou eu entre línguas e culturas?
<b>Bianca</b>	memórias	ancestralidade	neutralidade	autopercepção	origem	gratidão
<b>Cristina</b>	memórias	descoberta	“se joga”	<i>soft</i> (suave)	gratidão	gratidão
<b>Sandro</b>	felicidade	emoção	coragem	sabedoria	-	gratidão
<b>Fabiano</b>	empatia	consciência	respeito	equilíbrio	descoberta	gratidão
<b>Clarissa</b>	reencontro	conexão	missão	expectativa	autoconheci- mento	gratidão
<b>Michele</b>	conexão	dúvida	procura	leveza	resposta	gratidão
<b>Daniela</b>	conexão	alegria	sentir	leveza	singularidade	gratidão

**Fonte: Elaborado pela autora**

### 2.3.4 A conversa hermenêutica

A conversa hermenêutica é um instrumento de pesquisa típico da AHFC (FREIRE, 2012), pois oportuniza que participantes e pesquisadora compartilhem percepções, reflexões e construam sentidos e significados em conjunto, a respeito do fenômeno em questão, da experiência vivenciada em comum, com o objetivo de compreender a sua essência.

Essa concepção emerge dos estudos de Gadamer (1975/1996), que observa a conversa hermenêutica como um *diálogo interpretativo*, o qual é genuíno quando seus participantes se engajam, verdadeiramente, no fluir da interação de modo imprevisível e, nessa troca, o todo se revela maior que suas partes, numa composição complexa que supera as percepções individuais de

cada participante, o que pode contribuir para o ampliar da consciência na compreensão do fenômeno em investigação.

Segundo Gadamer (1996, p. 383, grifos do autor), “dizemos que *conduzimos* uma conversa, mas quanto mais genuína ela for, menos a sua condução repousa na vontade de qualquer um dos interlocutores.” Utilizei a conversa hermenêutica em minha pesquisa de mestrado (AIRES, 2014) e ela se revelou um instrumento de grande auxílio para a geração de material textual, na medida em que a interação ocorreu de modo natural e permitiu aos participantes sua livre expressão.

Observo que os participantes se sentem à vontade para compartilhar suas percepções e vivências quando envolvidos em uma conversa hermenêutica, o que contribui para uma troca fluida de reflexões, bem como para a construção de conhecimento pertinente acerca da experiência vivida. Conforme revela Gadamer (1975/1996, p.383):

Ninguém sabe, com antecedência, o que *surgirá* na conversa. (...). Tudo isso mostra que uma conversa tem a sua própria *alma* e que a língua na qual é conduzida tem a sua própria verdade – isto é, ela permite que algo “emerja” e que, dali para frente, exista (grifos do autor).

Interessante notar que o autor destaca a questão da “língua” como um elemento diferencial para a conversa hermenêutica, de modo que é capaz de manifestar sua “verdade”, compreendida como sua realidade, princípios, crenças, ou seja, traços intrínsecos de sua natureza sócio-histórica e cultural, oportunizando a interação por meio de um espaço que se mostra disponível para o tecer de reflexões e construção de conhecimento. Assim, compreendo que cada língua possui sua singularidade e pode contribuir de modo único para a construção de conhecimento, a partir de sua própria perspectiva, em uma relação, principalmente, dialógica, complementar e sistêmica com outros idiomas.

Diferentemente da conversa hermenêutica, a entrevista focaliza um questionamento pontual, roteirizado por uma lista de perguntas feitas por parte do entrevistador, como uma forma de checagem ou solicitação de informações, o que, de certa forma, restringe a expressão de seus participantes que assumem o papel de entrevistados e contribuem, de modo pontual, para a compreensão

do fenômeno pesquisado, pois tendem a fornecer ao pesquisador apenas as informações solicitadas.

A fim de oferecer espaço para a troca de percepções e negociação de sentidos e significados a respeito da experiência em investigação, nesta pesquisa, a conversa hermenêutica foi realizada no último encontro do curso em destaque e orientada a partir dos tópicos descritos abaixo que desencadearam os seguintes aspectos, pertinentes para o diálogo no decorrer da interação:

- A experiência de participar do curso
- A autopercepção a cada encontro
- Reflexões, sensações e sentimentos ao final do processo

A conversa hermenêutica, com duração de 110 minutos, foi gravada em áudio e vídeo, posteriormente transcrita a fim de gerar o material textual utilizado na investigação do fenômeno em foco, conforme descrevo na próxima seção. Na sequência, apresento um quadro com a síntese dos instrumentos de geração de textos utilizados nesta pesquisa:

**Quadro 4: Instrumentos de pesquisa**

<b>Instrumento</b>	Narrativa linguístico-biográfica	Diário	Reflexões compartilhadas	<b>Conversa hermenêutica</b>
<b>Utilização</b>	Material de apoio	Material de apoio	Material de apoio	<b>Tematizada</b>

**Fonte: Elaborado pela autora**

## **2.4 Os procedimentos de interpretação**

Após a aplicação dos instrumentos e procedimentos de geração de material textual para esta pesquisa, a *correnteza* deste *rio* em investigação seguiu seu movimento por meio das rotinas de organização e interpretação sugeridas por Freire (2017a), traço diferencial da AHFC, abordagem metodológica que orienta este estudo, como detalhado na seção 2.1.

Os textos destinados às etapas de *textualização* e *tematização* consistem, neste estudo, nos textos gerados a partir da conversa hermenêutica, realizada pelos participantes no último encontro do curso em foco. Os textos produzidos

pelos demais instrumentos de pesquisa utilizados nesta investigação: a narrativa linguístico-biográfica, o diário e as reflexões compartilhadas foram utilizados como materiais de apoio para iluminar e ampliar a compreensão de algum ponto que se fez necessário no percurso interpretativo.

A narrativa linguístico-biográfica e a apresentação dos alunos no primeiro encontro do curso trouxeram informações importantes sobre os perfis dos participantes, bem como as especificidades de suas relações com as línguas conforme descrito na seção 2.3. Nesse sentido, a AHFC reconhece tanto o caráter subjetivo, quanto objetivo do processo interpretativo, ao considerar que a investigação é realizada a partir da bagagem experiencial e subjetividade do(a) pesquisador(a) e de seus participantes (FREIRE, 2010).

O ato interpretativo em si foi desafiador, de modo que mergulhar nos textos, experiências, vozes e percepções dos participantes em interconexão com as minhas, sem afundar nem me afogar, demandou bastante sensibilidade, pausas, aproximação, distância, muito fôlego e atenção para manter o fenômeno investigado sempre à vista, conforme ilustro no Quadro 4, apresentado adiante.

Identificar temas, subtemas e seus desdobramentos também foi um desafio interpretativo uma vez que as emergências que caracterizavam a essência do fenômeno em foco encontravam-se intrinsecamente conectadas, ou seja, foi uma tarefa desafiadora conseguir separá-las para fins de apresentação do fenômeno, para juntá-las, posteriormente, na interpretação. No entanto, essa também foi uma vivência prazerosa, de intensa ligação com a natureza do fenômeno investigado, o que proporcionou grande alegria em poder ampliar minha perspectiva e compreensão dos significados que emergiram de sua essência nesta pesquisa.

À medida em que a interpretação progrediu, tive maior clareza do fenômeno investigado, o qual, no início da pesquisa, considerei como *as identidades nas relações entre línguas em um curso sistêmico-complexo*. A essência do fenômeno revelou-se, gradativamente, quando entrei em contato com os textos e mergulhei em sua interpretação, o que me despertou para a compreensão do fenômeno como *o movimento das identidades entre línguas em um curso sistêmico-complexo*. Quando me aproximei, de fato, do fenômeno

investigado, entregando-me ao ampliar da percepção e à sensibilidade diante este rio em fluxo interpretativo, consegui identificá-lo com maior clareza.

Para exemplificar o processo realizado, compartilho um trecho correspondente à interpretação agaéfico-complexa do fenômeno em foco conforme as etapas relacionadas no quadro a seguir:

**Quadro 5: Ilustração parcial do processo interpretativo**

	TEMATIZAÇÃO			
TEXTUALIZAÇÃO	Primeiras unidades de significado	Refinamento & ressignificação	Refinamento & ressignificação	Definição de temas, subtemas, sub-subtemas...
	<b>CICLO DE VALIDAÇÃO</b>			
Eu quero falar então. Para mim, essa experiência de participar desse curso... muito mais do que...olhar línguas, eu consegui...é... foi uma ... um curso de...de autoconhecimento ...e ...para mim as... a questão das línguas me trouxe a... a minha <b>origem...a minha ancestralidade</b> e...eu consegui identificar...ok, eu trago isso da minha <b>ancestralidade, mas eu trago isso que também é meu, que é próprio meu.</b> Então, acho que, para mim, foi o principal. Foi o que conectou todo... em todas as ... em todos os encontros eu tinha insights disso.	experiência de participar desse curso  muito mais do que olhar línguas  curso de autoconhecimento  a questão das línguas me trouxe a... a minha <b>origem...a minha ancestralidade</b>  consegui identificar/trago isso da minha <b>ancestralidade,</b>  mas eu trago isso que é meu, próprio meu    conectou todos os encontros eu tinha insights	experiência curso  ir além de/ transcender línguas/idiomas  autoconhecimento  línguas minha <b>origem ancestralidade</b>  consciência de ter características ancestrais em si <b>ancestralidade</b>  consciência da diferença características próprias  insights	experiência curso  <b>transcendência idiomas</b>  <b>autoconhecimento</b>  línguas/idiomas origem <b>ancestralidade</b>  <b>consciência</b> características comuns <b>identificação</b> com a <b>ancestralidade</b>  <b>diferenciação</b> do si mesmo <b>singularidade</b>  insights	<b>TRANSCENDÊNCIA</b> IDIOMAS <b>autoconhecimento</b> <i>ancestralidade si mesmo</i>  <b>AUTOCONHECIMENTO</b> CONSCIÊNCIA <b>ancestralidade</b> <i>identificação si mesmo singularidade</i>

**Fonte: Elaborada pela autora com base em Freire (2010, p. 25)**

As rotinas de organização e interpretação (FREIRE, 2010, 2017a) foram as orientações-base que me permitiram mergulhar nos textos e desenvolver o

processo interpretativo, o qual realizei por meio de meu computador portátil em alguns meses de trabalho. No entanto, ainda me sentindo um pouco distante dos textos, resolvi imprimi-los para tê-los às mãos, numa necessidade de poder manuseá-los, fazer mais anotações, utilizar marca-textos para colorir um pouco mais, estabelecendo um tipo de relação mais próxima, sensação que tive ao tocar os papéis, podendo adicionar reflexões e estabelecer conexões de um modo mais pessoal e informal, como que numa oportunidade de tecer um diálogo íntimo com os sentidos e significados que emergiram para mim em interação com o fenômeno por meio do material textual, no papel.

Dessa maneira, senti que a interpretação fluiu e consegui aprofundar ainda mais minhas percepções por meio de um diagrama que elaborei com cada tema identificado e seus desdobramentos, seguindo as orientações da AHFC, o qual me auxiliou na percepção do fenômeno, como se revelou para mim, de uma forma visualmente organizada, contribuindo para ampliar minha compreensão das relações estabelecidas.

Conforme apresento no Quadro 4, a palavra “ancestralidade”, mencionada diversas vezes, contribui para a compreensão do fenômeno ao emergir como um desdobramento do tema **TRANSCENDÊNCIA**, e, simultaneamente, um desdobramento do tema **AUTOCONHECIMENTO**, revelando, também, a intrínseca relação entre os temas na construção desta teia interpretativa, a qual demonstra as ligações em rede existentes nesta manifestação da essência do fenômeno investigado como um holograma que revela as partes no todo e o todo nas partes.

A escolha dos substantivos que indicadores da essência do fenômeno em investigação foi realizada mediante a contribuição de cada unidade de significado que foi refinada e, muitas vezes, ressignificada, na medida em que se fazia necessário encontrar um substantivo que capturasse a intenção do que foi compartilhado pelo participantes sem, necessariamente, reproduzir o que por ele foi dito como ilustro, por exemplo, com o trecho retirado do Quadro 4: “mas eu trago isso que também é meu, que é próprio meu”, excerto do qual emergiu, sob minha perspectiva, a palavra **singularidade**, desdobramento de **AUTOCONHECIMENTO**, capturada pela interpretação da manifestação do fenômeno no curso *Quem sou eu entre línguas e culturas? Um percurso sistêmico* conforme descrevo no capítulo a seguir.

Refletindo sobre o processo de interpretação que desenvolvi nesta pesquisa, compreendo que, em meio a diversos rascunhos, lendo e relendo os textos em mãos, os diários, retomando as reflexões compartilhadas e as narrativas linguístico-biográficas, passei a me sentir uma parte cada vez mais conectada à teia interpretativa construída. A compreensão da essência do fenômeno foi tomando forma e se concretizou na medida em que elaborei a representação gráfica que me ajudou na redação do texto referente à interpretação do fenômeno conforme apresento no capítulo 4: *Do rio ao oceano*.

Diante do fluxo investigativo desta *correnteza* que organizou e orientou a realização desta pesquisa, sigo rumo ao capítulo seguinte, intitulado *O caminho das águas*, no qual será detalhado o curso que desenhei para o ambiente remoto, em busca da compreensão do *movimento das identidades entre línguas em um curso sistêmico-complexo*.

## CAPÍTULO 3

### O CAMINHO DAS ÁGUAS

*“Já em casa, as pessoas pediam-lhe para repetir a história de sua jornada e descoberta.”*

Hunter Beaumont

Neste capítulo, apresento o curso remoto pelo qual as águas trilham seu fluxo nesta investigação: *Quem sou eu entre línguas e culturas? Um percurso sistêmico*, por meio da descrição da Abordagem Sistêmico-Complexa, seu planejamento, desenvolvimento, critérios de avaliação, *feedback* e algumas observações relevantes.

#### 3.1 A Abordagem Sistêmico-Complexa

A Abordagem Sistêmico-Complexa foi desenvolvida a partir da relação de complementaridade existente entre os princípios que tecem a *Constelação Sistêmica* (HELLINGER, 2000, 2020) em articulação com o *Pensamento Complexo* (MORIN, 2007, 2005), a qual orienta o desenho do curso em foco nesta pesquisa. A princípio, essa nomeação pode sugerir uma redundância visto que a complexidade é sistêmica; no entanto, intenciono destacar as duas bases de sustentação distintas que articulo para a composição do curso em questão.

O Pensamento Complexo moriniano contribui para a constituição dessa abordagem no que tange ao reconhecimento da complexidade, não fragmentação, não linearidade, imprevisibilidade e instabilidade inerentes à construção de conhecimento e constituição do sujeito, assim como a multiplicidade de suas relações entre línguas, compreendendo-os em meio a uma rede de interconexões que inclui o contexto das interações entre seus elementos, ambiente, questões subjetivas e objetivas.

A Constelação Sistêmica hellingeriana contribui para a ampliação da consciência na compreensão dos princípios de organização que conduzem as relações humanas, a partir do sistema familiar de origem de cada sujeito, estendendo-se para suas relações sociais (educacionais, profissionais e

peçoais), as quais tendem a refletir as dinâmicas e comportamentos aprendidos e perpetuados de maneira transgeracional.

Refletindo sobre o desenvolvimento da trilha de aprendizagem proposta pelo curso por meio da Abordagem Sistêmico-Complexa, o aspecto objetivo da construção de conhecimento é trabalhado por meio de assuntos relevantes e sintonizados com as necessidades e interesses dos alunos, considerando suas relações entre línguas. O aspecto subjetivo é desenvolvido por meio de exercícios práticos como meditações guiadas e dinâmicas, que promovem o despertar de sensações, emoções, sentimentos, crenças, origens e memórias, das quais podem emergir informações a respeito do universo interior de cada aluno que podem estar influenciando sua comunicação e aprendizagem de línguas, tanto de forma positiva, auxiliando o processo, quanto de forma negativa, gerando bloqueios e, por vezes, até traumas.

Dessa maneira, essa abordagem promove, em especial, o ampliar da consciência, ao desenvolver a autopercepção para as experiências entre línguas em ressonância com a origem ancestral dos participantes do curso, oportunidade que possibilita o estabelecimento/restabelecimento da organização de seu sistema, seu fluir na vida, bem como na comunicação e aprendizagem de línguas.

Destaco o diálogo entre a Abordagem Sistêmico-Complexa e os elementos constituintes do “Tetragrama da complexidade” (MORIN, 2005, p.204), mencionados anteriormente: *ordem, interação, desordem e organização*, num movimento retroativo contínuo de desenvolvimento e reorganização, que demanda uma postura de abertura e aceitação diante do que se revela a partir das interações e dinâmicas propostas, as quais oportunizam emergências de diferentes qualidades, bem como novos conhecimentos e aprendizados, despertando potencialidades dos alunos ao estimular sua capacidade de ampliar a percepção para estabelecer conexões e articulações entre os elementos que compõem sua vida entre línguas.

Por outro lado, pode haver interações que, ao invés de estimularem emergências positivas, como as citadas, despertam o sentimento de repressão, promovendo que algum participante não se sinta à vontade para compartilhar

suas experiências e perspectiva com os demais, bem como o sentimento de medo de falar algo *errado* em inglês, o que pode bloquear sua comunicação e aprendizagem pois, assim, gatilhos emocionais relacionados às suas crenças e sistema de origem podem ser disparados, reprimindo sua comunicação em meio a interações que toquem espaços em desordem em seu universo interior.

A percepção de que muitas das dificuldades na comunicação e aprendizagem de línguas consistem em bloqueios - de acordo com a linguagem das Constelações Sistêmicas, “desordem” (HELLINGER, 2020, p. 149), termo também utilizado pelo Pensamento Complexo (MORIN, 2005) - no caminho de construção de (auto)conhecimento, o que revela para mim a necessidade de se restabelecer a harmonia das relações no sistema familiar de origem de cada sujeito, por meio de um olhar atento e sensível às dinâmicas de suas manifestações. Dessa maneira, a *Abordagem Sistêmico-Complexa* é capaz de contribuir para o restabelecimento da harmonia nessas relações, bem como para o fluir das relações entre línguas, em conexão com questões de natureza identitária.

A Abordagem Sistêmico-Complexa busca desenvolver um olhar atento e sensível às conexões entre os participantes, suas relações com os idiomas, assim como sua conexão com a professora do curso, valorizando e estimulando sua participação em seu próprio processo de construção de conhecimento, autoconhecimento e de expansão da consciência para suas questões entre línguas, numa perspectiva que considera os diversos fios que tecem as relações e compõem a singularidade de cada participante em seu contexto sócio-histórico e cultural.

Dessa maneira, compreendo que a aprendizagem de línguas não comporta, somente, conhecer outro idioma, mas também perceber o *sentir* quando se fala outra língua, reconhecendo que cada idioma ocupa um espaço interior diferente e desperta emoções, sentimentos e crenças que podem influenciar a comunicação e aprendizagem de línguas.

Refletindo sobre os papéis atribuídos a cada participante no processo de ensino-aprendizagem de línguas, a Abordagem Sistêmico-Complexa compreende que tanto alunos quanto professores são partes integrantes desse

processo de construção de conhecimento e de autoconhecimento; não havendo, portanto, protagonistas, uma vez que o ensinar/aprender é tecido junto e que cada elemento tem o seu devido lugar, igualmente relevante, contribuindo, à sua maneira, para o desenvolvimento desse processo como um todo, numa visão sistêmica e complexa.

A seguir, apresento a organização do curso, desenhado, exclusivamente, para esta investigação, sob a orientação da Abordagem Sistêmico-Complexa.

### **3.2 Planejamento e desenvolvimento**

Com o objetivo de proporcionar uma vivência do fenômeno *movimento das identidades entre línguas em um curso sistêmico-complexo*, visando promover o despertar da consciência e a sensibilização para aspectos não cognitivos que permeiam a comunicação e aprendizagem de línguas que, posteriormente, seria descrito e interpretado, esta pesquisa desenvolve-se no contexto do curso: *Quem sou eu entre línguas e culturas? Um percurso sistêmico*, apresentado a seguir.

O título do curso ressalta, intencionalmente, seu aspecto sistêmico, uma vez que o caminho trilhado a cada encontro se orienta pelas conexões observadas entre as leis sistêmicas (pertencimento, hierarquia e dinâmica de trocas), a aprendizagem de línguas e questões identitárias, por meio de discussões e vivências trabalhadas com os participantes do curso a fim de desenvolver encontros dinâmicos que possibilitem a integração entre teoria e prática. De maneira igualmente relevante, o Pensamento Complexo é o fio invisível que promove o tecer dessa experiência de curso, estabelecendo as conexões em movimento de abertura e construção de conhecimento e autoconhecimento para a compreensão e superação de dificuldades na comunicação e aprendizagem de línguas.

Esse curso, desenhado para o ambiente remoto, foi ministrado via plataforma *Zoom*<sup>9</sup> e planejado para se desenvolver no período de cinco semanas, com um encontro síncrono semanal no período de duas horas. Porém,

---

<sup>9</sup> Plataforma virtual que permite a realização de reuniões através de videoconferências.

diante da necessidade apresentada pelos próprios participantes de estender sua duração, uma vez que não foi possível seguir o cronograma planejado, devido à profundidade de cada encontro, o curso se desenvolveu no decorrer de seis semanas, totalizando 15 horas em interação *online*.

A plataforma *Zoom* foi escolhida para ser o ambiente virtual síncrono para os encontros remotos referentes a cada módulo do curso. A plataforma *Moodle*<sup>10</sup>, vinculada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, foi o lócus digital definido para as atividades assíncronas (diário e narrativa linguístico-biográfica) do curso, cujos participantes foram seis alunos voluntários, os quais mantinham relações profissionais e educacionais permeadas, principalmente, pela língua inglesa, como descrito no capítulo anterior.

Destaco, a seguir, os principais *objetivos do curso*:

- Despertar a consciência para os aspectos que permeiam as experiências do *ser entre línguas* por meio do sentir;
- Descobrir o que subjaz a relação de cada participante com a LM e a LE;
- Identificar, para que se possa superar, dificuldades e bloqueios na comunicação e aprendizagem de línguas.

O andamento de cada encontro do curso se desenvolveu por meio dos momentos de *acolhimento, apresentação e discussão do assunto escolhido, vivência, feedback individual, reflexão compartilhada e encerramento* conforme descrevo a seguir.

O *acolhimento* é o primeiro momento do encontro, espaço dedicado a receber cada aluno, que oferece abertura para que compartilhe como se sente, suas expectativas para aquele encontro, assim como dúvidas e questões significativas que possam ter emergido de suas reflexões e/ou vivências naquela semana ou dia. Dessa maneira, o *acolhimento* possibilita uma primeira manifestação do campo de informação latente em cada participante, no momento de sua chegada ao encontro, e uma oportunidade, também, para a percepção das primeiras conexões entre todos os participantes.

---

<sup>10</sup> Acrônimo de *Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment*, plataforma de apoio à aprendizagem, executado num ambiente virtual.

O momento seguinte é de *apresentação e discussão do assunto* selecionado previamente, de acordo com o planejamento do curso por meio da trilha de aprendizagem que desenvolvi especialmente para conduzir o percurso investigativo nesta pesquisa e que apresento, detalhadamente, adiante. Após a discussão, os alunos são conduzidos a uma *vivência* por meio de um exercício sistêmico ou meditação guiada, que proporciona uma experiência prática relacionada ao assunto desenvolvido no encontro, de maneira a despertar os sentidos e sensações veiculadas pelo corpo em integração com as emoções, manifestando aspectos não cognitivos e, muitas vezes, inconscientes que podem se revelar por meio do sentir e serem traduzidos por meio de palavras.

Percebo que *vivências* são de grande importância para a integração teórico-prática, oferecendo espaço para que os participantes entrem em contato com suas emoções, sentimentos e crenças, permitindo-os acessar informações que transcendem a racionalidade e reconhecer aspectos que podem estar influenciando tanto positivamente, quanto negativamente, suas experiências entre línguas. Dessa maneira, o sentir pode ser traduzido em palavras, o que contribui para o tecer de reflexões e construção de sentido diante da natureza abstrata das sensações veiculadas pelo corpo.

No *feedback individual*, os alunos compartilham suas percepções pessoais sobre como foi a vivência realizada e, na sequência, ocorre a *reflexão compartilhada* entre todos os participantes, oportunizando o tecer de observações, trocas, conexões e a construção de conhecimento em conjunto, proporcionando um momento de integração e colaboração no processo de construção de sentidos, significados e (auto)compreensão. Dessa maneira, a *reflexão compartilhada* possibilita a manifestação da empatia e do senso de pertencimento existentes no grupo.

No momento de *encerramento*, solicito que os participantes escolham uma palavra, que nomeio como *palavra-síntese* (vide Quadro 3), para representar o que mais chamou sua atenção naquele encontro, seja uma palavra que identifique a descoberta de alguma informação presente em seu sistema familiar, um aprendizado, uma incerteza, um *insight* que surgiu pela fala de algum colega, entre outras possibilidades. O objetivo com a *palavra-síntese* é direcionar o foco do participante para um aspecto específico de seu

desenvolvimento no curso, motivando-o a se observar, atentamente, com relação à palavra escolhida e estabelecer possíveis conexões, sentidos e significados em meio ao contexto de suas experiências vividas durante a semana seguinte.

A proposta do curso, viabilizada por meio de sua *trilha de aprendizagem*, é de convidar os participantes a percorrerem um caminho por meio dos seguintes assuntos, em interconexão, que escolhi ao considerar sua pertinência e relevância para auxiliar nesta jornada investigativa de construção de conhecimento pelas identidades entre línguas:

- Encontro 1: Eu no mundo da aprendizagem de línguas
  - *Visão Tradicional & Visão Contemporânea*
- Encontro 2: Entre culturas
  - *Tipos de Consciência, Pertencimento, Cultura & Intercâmbio*
- Encontro 3: Entre línguas
  - *Línguas & Hierarquia*
- Encontro 4: Eu e o outro
  - *Dinâmica de tocas, Interação & Compreensão*
- Encontro 5: Quem sou eu?
  - *Identidade & Subjetividade*
- Encontro 6: Afinal, quem sou eu entre línguas e culturas?
  - *Reflexões sobre o caminho percorrido*

Esse percurso foi desenhado com a intenção de proporcionar uma trajetória que contemple ambos os aspectos objetivos e subjetivos do ser entre línguas por meio de reflexões, discussões, vivências, *feedback* e reflexões compartilhadas, a fim de que cada participante possa entrar em contato consigo mesmo, trabalhando seus aspectos cognitivos, bem como não cognitivos, por meio da identificação e reconhecimento de suas emoções, sentimentos, crenças, memórias e origem, (auto)percebendo-se por meio do sentir, traduzido em palavras.

O primeiro encontro, *Eu no mundo da aprendizagem de línguas*, proporcionou uma discussão a respeito da *Visão Tradicional* e da *Visão Contemporânea*, explorando os aspectos observados em sua articulação com a

aprendizagem de línguas, contemplando um panorama sócio-histórico e proporcionando um espaço para o resgate de informações e reflexões sobre a trajetória pessoal de experiências dos participantes em seu processo de aprendizagem de línguas.

A vivência realizada nesse encontro foi a meditação guiada que desenvolvi especialmente para este curso, nomeada *Eu no mundo*, com o objetivo de conduzir os participantes a acessarem suas memórias em seu percurso de experiências vividas entre línguas desde o útero materno, passando pela infância, adolescência até aquele momento pois, antes mesmo de nascer, ainda em processo de gestação, já somos expostos às línguas, aos sons e sensações, em intrínseca e visceral integração em meio ao contexto intrauterino.

Tal dinâmica trouxe uma experiência inédita para os participantes que puderam acessar informações sobre a raiz de suas experiências entre línguas, o que os surpreendeu. Destaco, em especial, o relato da participante Michele (mencionado no capítulo *Do rio ao oceano*), que se emocionou profundamente durante esse exercício ao manifestar sua dificuldade em acompanhar a vivência por questões pessoais que a impediram de acessar o útero materno, revelando sua dor com relação a esse assunto.

A atividade proposta para ser realizada após esse encontro, de modo assíncrono, foi a escrita da narrativa linguístico-biográfica, via *Moodle*, a fim de proporcionar um momento de autorreflexão sobre a trajetória de experiências entre línguas, resgatando as memórias e informações acessadas por meio, também, da meditação guiada, em conexão com as reflexões compartilhadas no grupo. As palavras-síntese destacadas pelos participantes no encerramento do primeiro encontro são: *memórias* e *conexão* (duas ocorrências cada), *felicidade*, *empatia* e *reencontro* (vide Quadro 3).

Na semana seguinte, o segundo encontro, intitulado *Entre culturas*, proporcionou reflexões sobre os *Tipos de consciência pessoal, coletiva e espiritual* em diálogo com a lei sistêmica do *Pertencimento*, concepções segundo Hellinger (2020), o que permeou a discussão sobre os *campos mórficos/morfogenéticos* (SHELDRAKE, 1981), também conhecidos como campos de informação, que se manifestam por meio da consciência coletiva e

são capazes de influenciar a organização de formas e comportamentos conforme descrito detalhadamente no capítulo *Que águas são essas?* Nesse encontro, também foram discutidas questões relativas à *Cultura*, reconhecendo-a como um campo sensível à consciência coletiva, que abarca os modos de ser, conhecer, pensar, sentir, (inter)agir, expressar-se, comunicar-se e viver em sociedade.

Questões relativas a experiências de *Intercâmbio* também foram desenvolvidas no segundo encontro, com base na apresentação de minhas descobertas a respeito das identidades entre línguas no contexto de intercâmbio (AIRES, 2017), em diálogo com as vivências pessoais dos participantes, assim como reflexões sobre *choque cultural* e como lidar com as diferenças.

A vivência proposta, nomeada *Origem*, proporcionou o acesso ao campo de informação relativo à cultura ancestral de cada participante por meio do uso de *post-its* que representaram cada um deles, seus pais, avós maternos e paternos, nomeados nessa ordem. Ao tocarem cada *post-it* por vez, com seus dedos indicador e médio, os participantes relataram as sensações, sentimentos, emoções e pensamentos que atravessaram seu corpo e se traduziram em palavras. Muitos se emocionaram por, de fato, terem acessado informações significativas que emergiram sobre sua cultura ancestral através por meio do sentir.

Como atividade assíncrona, solicitei aos alunos a escrita do diário, estimulando-os a tecer reflexões pessoais a respeito da experiência que vivenciaram naquele encontro. *Ancestralidade, descoberta, emoção, consciência, conexão, dúvida e alegria* são as palavras-síntese apresentadas pelos participantes no encerramento do segundo encontro (vide Quadro 3).

No terceiro encontro do curso, nomeado *Entre línguas*, estimei uma discussão a respeito das possíveis conexões existentes entre a segunda lei sistêmica: *hierarquia* (HELLINGER, 2020) e as *línguas*, ressaltando a importância do reconhecimento de que a ordem em que aprendemos cada idioma estabelece uma organização de acordo com a precedência das línguas, ou seja, seu tempo de pertencimento em nossas vidas e sistema familiar, o que

pode influenciar nossa performance na comunicação e aprendizagem de línguas conforme discutido anteriormente no capítulo *Que águas são essas?*

A vivência que desenvolvi para o encontro número três, chamada *Entre línguas*, foi uma prática realizada por meio de três folhas sulfite avulsas nomeadas e posicionadas no solo, utilizadas individualmente para representar os seguintes elementos: *eu*, *língua materna* e *língua estrangeira*. O campo de informação de cada um desses elementos foi acessado por meio do contato físico de cada aluno, que se posicionou sob uma folha sulfite por vez. A título de curiosidade, *post-its*, folhas sulfite entre outros objetos utilizados como representantes em vivências sistêmicas são conhecidos como âncoras na linguagem das Constelações Sistêmicas, isto é, são como pontos de referência que nos auxiliam a realizar descobertas dentro do mar de nossas experiências vividas e ancestrais.

No primeiro momento da vivência, os participantes acessaram o campo de informação que atravessou seu corpo por meio de sensações, emoções, sentimentos, pensamentos, memórias etc., traduzindo-o por meio de palavras em português. No segundo momento, conduzi uma visualização na qual os participantes foram convidados a sentir a presença de seus pais tocando seus ombros, posicionados atrás deles, e os demais ancestrais atrás de seus pais. Depois, ancorados pela força de sua ancestralidade, manifestada pela visualização, os participantes puderam acessar o campo de informação de cada elemento pela segunda vez e registrar suas percepções.

A escrita do diário foi a proposta de atividade para ser realizada durante aquela semana, estimulando o resgate de memórias, reflexão e autorreflexão sobre as questões discutidas e as informações que emergiram na vivência proporcionada naquele encontro. As palavras-síntese mencionadas pelos participantes no encerramento do terceiro encontro do curso são: *neutralidade*, “*se joga*”, *coragem*, *respeito*, *missão*, *procura* e *sentir* (vide Quadro 3).

No encontro número quatro: *Eu e o outro*, os assuntos desenvolvidos com o objetivo de estimular reflexões a respeito de aspectos que podem emergir nas relações interpessoais por meio de diferentes línguas foram: *dinâmica de trocas*, discussão que promovi inspirada na terceira lei sistêmica, o equilíbrio entre dar

e receber (HELLINGER, 2020), *interação* e *compreensão*, um dos saberes identificados por Morin (2000) como *necessário à educação do futuro*.

A vivência proposta para esse encontro foi um diálogo, em inglês, sobre um assunto livre, realizado em pares, com duração aproximada de dois minutos. No primeiro momento do exercício, os participantes receberam a instrução de se perceberem durante o diálogo e observarem seu colega, trazendo uma palavra para representar sua percepção sobre si e com relação ao outro ao final do diálogo. No segundo momento, conduzi uma visualização na qual os participantes imaginaram a presença de seus pais posicionados atrás deles, cada um tocando um lado de seus ombros, e seus demais ancestrais, em sequência, atrás deles.

Depois da visualização, os mesmos pares repetiram a exercício do diálogo livre, em inglês, e destacaram, por meio de uma palavra, suas percepções. A atividade proposta para ser realizada naquela semana foi a escrita do diário. *Autopercepção*, *soft* (palavra em inglês que, nesse contexto, pode ser traduzida como suave), *sabedoria*, *equilíbrio*, *expectativa* e *leveza* (duas ocorrências) são as palavras-síntese (vide Quadro 3) destacadas pelos participantes no encerramento do quarto encontro, no qual completamos um mês de curso.

O quinto encontro do curso, intitulado *Quem sou eu?*, foi destinado à discussão de concepções acerca da *identidade* nos âmbitos das Ciências Sociais, Linguística Aplicada e Educação, com o aprofundamento de reflexões a respeito da *subjetividade* e da noção de sujeito (MORIN, 2017), por meio dos princípios de autoprodução, autonomia/dependência, individualidade, egocentrismo, inclusão (eu/nós) e exclusão, que nos auxiliaram a refletir sobre questões como estas: *Quando eu falo, quem fala?*, *Quais são as vozes/crenças/culturas que se manifestam através por meio da minha fala e comportamento?* entre outras.

A subjetividade cerebral humana foi discutida por meio da “Teoria do Cérebro Trino/Triuno”, de MacLean (1990), com a finalidade de contribuir para a compreensão dos aspectos biológicos inerentes à natureza humana como, por exemplo, a existência do cérebro reptiliano, que armazena memórias ancestrais

e informações referentes ao instinto de sobrevivência, o cérebro límbico, relacionado às emoções, dentre elas, o medo de errar, e o neocórtex, região cerebral onde se desenvolve o pensamento simbólico, a linguagem, a racionalidade e a (auto)consciência.

Para esse encontro, desenvolvi duas vivências que foram propostas aos participantes. A primeira, foi acessar o campo de informação manifestado por meio de seu nome completo, utilizando *post-its* como representantes (âncoras). No primeiro momento, cada participante escreveu cada elemento de seu nome completo em um *post-it* diferente e os posicionou de maneira organizada, da esquerda para a direita, fixando-os em uma folha sulfite. Então, cada participante tocou um *post-it* por vez, acessando o campo de informação referente a cada nome por meio das sensações que emergiram através de seu corpo. No segundo momento, conduzidos a imaginarem a presença de seus pais e ancestrais atrás deles, os participantes tocaram novamente cada *post-it*, podendo acessar seu campo de informação e registrar suas percepções.

A segunda vivência realizada nesse encontro foi a meditação guiada *Quem sou eu?*, que desenvolvi para conduzir os participantes a uma jornada de autorreflexão e autopercepção, motivados pela respiração profunda e consciente. Por meio da identificação de seus pensamentos, sensações, emoções e sentimentos, incentivei os participantes do curso a buscar uma resposta em seu universo interior para a questão em foco naquele momento. A escrita do diário foi a atividade proposta a ser realizada para o encontro seguinte e as palavras-síntese que emergiram no encerramento do penúltimo encontro do curso são *origem, gratidão, descoberta, autoconhecimento, resposta e singularidade*.

O último encontro: *Afinal, quem sou eu entre línguas e culturas?* foi destinado a oferecer um espaço para o tecer de *reflexões sobre o caminho percorrido* pelos participantes em sua experiência neste curso. A vivência proposta foi a meditação guiada, nomeada *Do rio ao oceano*, que elaborei e conduzi com a finalidade de resgatar à memória dos participantes o percurso trilhado, por meio da metáfora do rio que segue seu fluxo em direção ao oceano.

Após a meditação guiada, em que retomei os assuntos e vivências desenvolvidas a cada encontro, seguimos para a conversa hermenêutica, em busca de compreensão a respeito da experiência vivida pelo grupo, negociando sentidos e significados, compartilhando percepções, sensações, dúvidas, incertezas, impressões, entre outros comentários e sugestões que emergiram, como por exemplo, a necessidade observada por duas participantes de se estender a duração do curso para turmas futuras, pela profundidade dos assuntos desenvolvidos, que, na percepção delas, demandavam maior tempo para serem processados.

No momento de encerramento do curso, o sentimento de saudade emergiu e foi manifestado por todos e todas. Pudemos senti-lo latente ao caminharmos em direção ao final daquela jornada naquele grupo, revelando o senso de pertencimento existente, construído pelo vínculo que estabelecemos em meio às experiências compartilhadas em grupo. A última atividade solicitada foi a escrita do diário, com reflexões finais sobre a experiência de participar do curso e a palavra-síntese destacada pelos participantes, no encerramento do curso, foi unânime: *gratidão* (vide Quadro 3).

Ressalto que, mais importante do que concluir essa trilha de aprendizagem, foi ter a oportunidade de vivenciar cada passo do caminho, valorizando cada *paisagem* como se apresentou, na expansão e no despertar da consciência para a singularidade da história ancestral de cada participante, em meio à multiplicidade de suas descobertas e aprendizados no contexto de suas experiências de vida entre línguas e culturas.

### **3.3 Feedback e avaliação**

O *feedback* é realizado a cada encontro desse curso, de maneira individual e coletiva, a partir de questões que podem emergir nos diários, reflexões compartilhadas e vivências, instrumentos também utilizados com o objetivo de motivar os participantes a ampliar sua consciência para observar conexões significativas em suas vivências e relações entre línguas.

A conversa hermenêutica, realizada no último encontro, também pode ser considerada como um espaço para *feedback*, pois promove o compartilhar de

reflexões sobre o caminho percorrido no curso e o processo de construção de (auto)conhecimento e expansão da consciência de cada participante.

Os critérios de avaliação foram considerados de modo contínuo no curso e compreendem os seguintes aspectos: presença nos encontros, engajamento nas atividades propostas e autopoicionamento com relação aos assuntos desenvolvidos.

### **3.4 Observações relevantes**

O curso desenvolvido também pode ser aplicado para a formação de professores de idiomas, uma vez que o ensino-aprendizagem de línguas é um processo no qual o ensinar e o aprender são aspectos indissociáveis. Sendo assim, o ampliar da consciência para a questão identitária nas relações entre línguas é importante para que os professores compreendam as questões de seus alunos, numa relação que é tecida em conjunto e em ressonância com aspectos de seu universo interior.

Os objetivos apresentados são de natureza subjetiva (autoconhecimento), valorativa (crenças) e comportamental (interação), bem como relacionados à expansão da consciência, por meio das vivências propostas e discussões com relação à articulação das leis sistêmicas com questões relativas às identidades e aprendizagem de línguas.

Trata-se, portanto, de um curso que não resgata e não aborta, pontualmente, aspectos cognitivos relativos à aprendizagem de línguas, pois se propõe a abarcar os universos uno e múltiplo (MORIN, 2005) tanto de professores, quanto de alunos, ao reconhecer aspectos emocionais, sistêmicos, ancestrais por meio da não fragmentação do conhecimento e a importância de sua construção objetiva e subjetiva, que se desenvolve por meio do ligar e religar de saberes, os quais estão relacionados aos universos de quem os estuda e vivencia em interconexão.

Nesse sentido, destaco o posicionamento dos alunos ao relatarem terem se sentido mais autoconfiantes e seguros diante da LE após entrarem em contato com os aspectos inerentes a sua origem ancestral em interconexão com sua própria história de vida e subjetividade, despertando sua consciência às forças que atuam em seu sistema os influenciam inconscientemente.

Após descrever o curso, objeto da presente investigação e o lócus da manifestação do fenômeno em questão, passo à interpretação dele, utilizando os procedimentos hermenêutico-fenomenológicos complexos e os referenciais teóricos que fundamentaram a pesquisa realizada.

## CAPÍTULO 4

### DO RIO AO OCEANO

*“Eu gostaria de saber de onde vem a chuva”. E o jovem, em desespero: Onde acharei uma escada para subir ao céu e contar tantas gotas de chuva? Como acompanharei as nuvens?”*

Hunter Beaumont

Eis que o rio continua seu fluxo, neste percurso singular de investigação, e alcança o momento da revelação da natureza do *movimento das identidades entre línguas em um curso sistêmico-complexo*, por meio da interpretação do material textual gerado pelos participantes desta pesquisa.

Felizmente, neste trabalho, não há necessidade de utilizar uma escada que chegue até o céu para contar cada *gota* que constitui o rio, como na epígrafe citada acima. Nesta pesquisa, cada *gota* destacada como *tema hermenêutico-fenomenológico complexo (gota-tema)* revela um aspecto constituinte do fenômeno investigado sob a orientação da AHFC (descrita na seção 2.1), tecida em conjunto com o aporte teórico utilizado nesta investigação: o Pensamento Complexo, a Visão Sistêmica, por meio da Constelação Sistêmica, e as Línguas & Identidades.

Ressalto que esta é uma interpretação *possível*, fruto da minha perspectiva enquanto pesquisadora, ancorada pela minha origem ancestral, bagagem vivencial, profissional, social, cultural e teórico-metodológica, que compõe o traço singular de minha percepção diante de como este fenômeno se apresenta ao meu olhar interpretativo, nesta investigação. Minha interpretação não esgota a compreensão de sua natureza complexa, portanto incompleta, aspecto que é representado nas ilustrações que apresento por meio das gotas menores, possivelmente existentes, porém não identificadas neste momento de estudo.

Nesta interpretação, as *gotas-tema* foram identificadas por meio do “mergulho interpretativo” (FREIRE, 2010, p. 24) que possibilitou a compreensão da essência do fenômeno investigado, que se revela por meio dos seguintes

temas **BUSCA, TRANSCENDÊNCIA, AUTOCONHECIMENTO, PERTENCIMENTO e DESCOBERTA** conforme ilustra a imagem a seguir:

**Figura 7: Representação gráfica do fenômeno**



**Fonte: Elaborada pela autora**

Por uma questão didática apenas, escolho descrever os temas e seus desdobramentos de maneira contextualizada, tecendo uma introdução e, na sequência, apresentando os excertos das falas literais dos participantes, com destaque meu, em **negrito**, de onde emergem as *gotas-tema*.

Com relação à organização textual, as *gotas-tema* são discutidas separadamente a fim de especificar suas singularidades e auxiliar no processo de compreensão, o que se torna um grande desafio, considerando suas conexões intrínsecas de natureza complexa, no sentido moriniano. Adiante, os temas estão apresentados em grafia maiúscula e **negrito**, os subtemas em grafia maiúscula, os sub-subtemas em grafia minúscula e **negrito**, os sub-sub-subtemas em grafia minúscula **negrito** e *itálico*, os sub-sub-sub-subtemas em grafia minúscula, *itálico* e sublinhado, os sub- sub-sub-sub-subtemas em grafia minúscula e *itálico* e os sub-sub- sub-sub-sub-subtemas em grafia minúscula e sublinhado.

#### **4.1 Busca**

**BUSCA** é uma das *gotas-tema* que revela a natureza do *movimento das identidades entre línguas em um curso sistêmico-complexo* e dela emergem os

subtemas EVOLUÇÃO, AUTOCONHECIMENTO, PREPARAÇÃO e SUPERAÇÃO.

O movimento de **BUSCA** das identidades entre línguas impulsiona a trajetória deste rio em investigação, bem como da humanidade, desde seus primórdios, pois desbravar diferentes caminhos a percorrer é inerente à natureza humana, que **BUSCA** por sua EVOLUÇÃO por meio de seu desenvolvimento pessoal e profissional, com o objetivo de melhorar suas condições de vida. Nesta pesquisa, os participantes buscam e exploram o desconhecido de si mesmos, na intenção de sair da condição em que a maioria da humanidade se encontra: “uma imensa ignorância sobre nossa própria identidade” (MORIN, 2020b, p. 66), vivendo na superfície de nós mesmos, como que sonâmbulos caminhando pela vida, que se deixam guiar pelas influências e construções do inconsciente (ibidem).

Dessa maneira, a **BUSCA** por EVOLUÇÃO e AUTOCONHECIMENTO é revelada pelos participantes como um movimento humano contínuo, como ilustram os excertos a seguir:

Excerto 1

Estamos nos conhecendo pouco a pouco. Sabemos que **somos buscadores**, senão não estaríamos aqui neste curso, nem vocês, nem eu. Somos buscadores. **Estamos buscando a nós mesmos, buscando nos conhecer, evoluir** em todos os aspectos da nossa vida (Daniela, conversa hermenêutica).

Excerto 2

Todo mundo **busca uma evolução**, neh, melhorar. Todo mundo quer isso, assim, neh... **progredir**, enfim, chegar em um lugar melhor, neh, seja lá o que o melhor significar, e **nem sempre você consegue isso pelos caminhos mais ortodoxos** (Fabiano, conversa hermenêutica).

Interessante ressaltar a fala de Fabiano, pois revela que nem sempre os caminhos tradicionais são capazes de nos conduzir à EVOLUÇÃO. Apesar de ainda serem os caminhos mais utilizados, eles trilham passos por meio da fragmentação do conhecimento, o que se distancia da complexidade inerente da vida real (MORIN, 2020b). Por outro lado, o caminho alternativo conduzido por meio desse curso sistêmico-complexo propõe a reintegração dos saberes, que é capaz de abarcar e reconhecer a complexidade do conhecimento e do sujeito, o que pode ser uma alternativa mais coerente com a realidade como se

apresenta e, assim, capaz de conduzir ao *movimento das identidades entre línguas* de maneira ampliada.

Desbravar o desconhecido de si mesmo requer coragem. Por isso, uso a metáfora *guerreiro de si* para me referir a cada participante do curso, pois cada um foi capaz de seguir seus instintos de **BUSCA** por EVOLUÇÃO, por meio de um processo de AUTOCONHECIMENTO, colocando-se em posição de vulnerabilidade e revelando suas questões pessoais com abertura e entrega a fim de identificar e vencer os seus próprios desafios internos conforme indica a transcrição a seguir:

Excerto 3

(...) cada um foi um **guerreiro de si**, vocês estão de parabéns, **desbravadores**, também, deram a mão e confiaram. “Eu não sei bem para onde ela está me levando, mas eu vou” (Daniela, conversa hermenêutica).

A **BUSCA** por AUTOCONHECIMENTO para a **compreensão** de *si mesmo* - ser em essência, nas relações entre *línguas* desenvolve-se, neste caminho, com comprometimento e consciência da necessidade do processo, que desperta o *questionamento* e a construção de *resposta* conforme as necessidades de cada participante, o qual é capaz de resgatar a leveza ao encontrar sentido em seu percurso sistêmico-complexo entre *línguas*, conforme destaque nos trechos a seguir:

Excerto 4

Eu busco mais um **autoconhecimento** e **entender** as possíveis **relações da língua com o eu** (Bianca, encontro 1).

Excerto 5

Eu fui vindo a cada encontro com **comprometimento comigo mesma**, assim, de tentar **entender** a próxima etapa, de dar liberdade para o processo, neh, da necessidade do processo, mas eu chegava com um **questionamento**, saía com três, voltava com mais 40, depois saía com mais um tanto. Então, isso, de uma certa forma, eu achei até bom, mas, assim, é aquele negócio que você fica: Oh meu Deus, **será que eu vou conseguir pelo menos achar um pouquinho de resposta?** E ao longo do processo isso **foi vindo**, sabe, **naturalmente**. É... **eu me sinto leve** hoje também (Michele, conversa hermenêutica).

As experiências entre línguas também podem despertar o movimento de **BUSCA** por AUTOCONHECIMENTO pela necessidade de **localização** de *si*

**mesmo** e da *harmonia* nas relações entre línguas, no sentido de estabelecer uma comunicação fluida, pois a troca de idiomas demanda alta atividade mental, concentração e revela sentimentos e crenças diversas com relação a cada idioma com o qual se tem contato. O português como língua materna pode despertar um espaço de conforto e familiaridade, pois se trata da primeira língua, do primeiro vínculo e base emocional para as experiências de vida. O inglês como língua estrangeira pode ocupar um espaço de desconforto e, até mesmo, de estranhamento, assumindo, muitas vezes, uma posição de confronto diante da língua materna.

Os participantes usam o termo “dualidade”, nos excertos abaixo, para descrever sua relação entre línguas, considerada como antagônica, perspectiva tradicional que pode contribuir para a construção e sedimentação de bloqueios e dificuldades na aprendizagem de línguas uma vez que se destaca sua oposição como ponto crucial para a geração de desconforto, até mesmo conflito, como se, inconscientemente, fosse necessário fazer uma escolha e, ao precisar utilizar a língua estrangeira, houvesse uma parte de si que temesse ser excluído de seu sistema familiar/sociocultural, como se lhe fosse negado o direito de pertencer, mesmo a segunda lei sistêmica - Pertencimento (HELLINGER, 2020) assegurando o contrário e o Pensamento Complexo (MORIN, 2015b) revelando que o conhecimento é construído em conjunto, percepção que observo aplicar-se também à comunicação e aprendizagem de línguas.

Ao resgatar o princípio da hierarquia (ibidem), penso que cada idioma ocupa um lugar diferente dentro de cada um de nós, o que revela sua relação de complementaridade, ao invés de oposição, pois as línguas integram o universo linguístico-cultural dos sujeitos em formação e interação, permitindo que naveguem entre elas com fluidez, por meio do reconhecimento e aceitação de suas diferenças. Nesse sentido, o processo de AUTOCONHECIMENTO pode contribuir, também, para a **localização** de **si mesmo**, na **BUSCA** por se situar entre línguas, bem como por perceber o lugar que cada idioma ocupa em seu universo interior conforme apresento nos excertos abaixo:

Excerto 6

(...) às vezes, assim, eu estou trabalhando, estou no português, estou no português e vem o inglês; essa **troca**, como você falou, **parece que você não pertence** a ... você está em tudo e não está em lugar nenhum. (...) isso **causa bastante a mente** da gente também (...). A nossa mente acaba nos levando muito

para o que a gente se sente **mais confortável**, que é o **português** e, aí, você tem que **virar a chave** para o inglês e você **não se sente mais à vontade no inglês**. E..., o autoconhecimento que você falou, eu acho que vai ser bem interessante para dar esse equilíbrio sabe. (...)essa **dualidade**, é... assim, é uma coisa que se você não tem um **autoconhecimento**, um **equilíbrio** legal você se perde. Então, eu acho que o curso talvez me ajude a **me encontrar um pouco, me localizar, me situar melhor nisso** (Fabiano, encontro 1).

#### Excerto 7

(...) eu acredito também, fielmente, nessa questão do **autoconhecimento**, eu acho que para um tudo, neh; quanto mais nos conhecemos, mais ferramentas sabemos quais usar para poder atingir determinado resultado e são ferramentas distintas porque são habilidades, bloqueios, enfim, diferentes, neh, entre os seres humanos. (...) o objetivo principal vai um pouco aí na fala do que o Fabiano comentou, que é essa **dualidade**, neh, você saber mudar isso, assim, no **Canadá**, obviamente, eu vou me deparar com todas as nacionalidades possíveis, mas **eles trocam** neh a... principalmente, a província que eu tô indo, **do inglês para o francês rapidamente** é...e eu gostaria muito de me **colocar à prova** para isso porque é... eu, de fato, concordo que isso é uma mudança interna que eu vou chamar de **mudança cultural interna** bem significativa que é **se redescobrir nesse cenário**, mas quanto mais **preparada** eu estiver para ele, também **mentalmente**, para mim é mais **saudável** neh... é... então é essa a minha expectativa, é, assim, como que eu o que eu vou aprender aqui eu vou poder trazer, aí, para esse **novo cenário** que eu vou descobrir (...) (Michele, encontro 1).

O contato com diferentes línguas e culturas pode despertar uma “mudança cultural interna”, conforme afirma Michele no trecho acima, movimento que pode estimular o emergir de sensações, sentimentos e crenças que atuam de modo inconsciente sobre cada um de nós, conduzindo a maneira como lidamos com as diferenças e influenciando a *harmonia* nas relações entre línguas. Em sua fala, Michele revela que o movimento das identidades entre línguas em um curso sistêmico-complexo também **BUSCA PREPARAÇÃO** para **intercâmbio**, destacando a importância desse desenvolvimento para sua saúde mental, uma vez que se “colocar à prova” na experiência entre línguas consiste em uma oportunidade desafiadora, também de AUTOCONHECIMENTO, ao se “redescobrir” em um cenário diferente.

Ressalto, ainda, a necessidade da **PREPARAÇÃO** para o **intercâmbio** ir além da aprendizagem do(s) idioma(s) falado(s) no local de destino e ser direcionada tanto à saúde mental, quanto à *saúde emocional* daquele que irá vivenciar uma experiência entre línguas, no desenvolvimento de sua

autoconfiança, autonomia, criatividade, AUTOCONHECIMENTO e noções de pertencimento, aspectos que podem auxiliá-lo a encontrar *harmonia* na experiência entre línguas, ao se deparar com um contexto de interação bilíngue e/ou multicultural, e, assim, poder vivenciar uma experiência linguístico-cultural proveitosa e prazerosa.

A gota-tema **BUSCA** também se conecta ao desejo de SUPERAÇÃO de **dificuldades** na **aprendizagem de línguas**, na possibilidade de vencer desafios, muitas vezes recorrentes, que podem se apresentar na trajetória entre línguas, segundo as transcrições a seguir:

Excerto 8

Nas situações em que eu tenho, sei lá, uma entrevista em inglês, alguma coisa me dá uma trava, um bloqueio, eu não consigo. Parece que eu esqueço tudo o que eu aprendi já... é... Então, assim, sei lá, tem coisas minhas, eu acho, que... do meu jeito neh que... e outras eu **quero descobrir**. Então, falando um pouco da minha expectativa de estar aqui, neh, eu quero **entender** quais são esses **bloqueios**, porque que eu **não consigo evoluir**, porque que **eu estudo tanto tempo e fico patinando**, assim, **não saio do lugar** e perdi já oportunidades boas (Cristina, encontro 1).

Excerto 9

Minha expectativa é que o curso me ajude a **destravar** um pouco mais, a **melhorar** tanto **vocabulário**, quanto melhorar **a forma como eu lido com o inglês** no dia a dia (Fabiano, encontro 1).

Nos excertos apresentados, Fabiano cita um aspecto linguístico, o vocabulário, e também um aspecto emocional que requer desenvolvimento pessoal para lidar com sua relação entre línguas e Cristina afirma que, mesmo tendo estudado inglês, quando se vê numa situação de certa pressão/autocobrança, ela sente que sua comunicação *trava*, revelando que existe algum tipo de bloqueio por trás da sua relação com o inglês, que a prejudica em sua performance, o que pode apontar para a existência de uma possível questão emocional que atua a partir de seu inconsciente, causando frustração e, até mesmo, fazendo com que desista de aprender inglês.

Dessa maneira, a **BUSCA** pela SUPERAÇÃO de **dificuldades** na **aprendizagem de línguas**, no sentido de conseguir se comunicar com naturalidade, também se relaciona à **BUSCA** pela EVOLUÇÃO pessoal e

profissional, no que tange à maturidade em se lidar com dificuldades e desafios que se apresentam em meio às experiências de vida.

Apresento, a seguir, a figura que ilustra a gota-tema **BUSCA** e seus desdobramentos conforme descritos anteriormente:

**Figura 8: Gota-tema BUSCA**



Fonte: Elaborada pela autora

## 4.2 Transcendência

A *gota-tema* **TRANSCENDÊNCIA** revela que o *movimento das identidades entre línguas em um curso sistêmico-complexo* passa entre, através e vai além dos IDIOMAS (seu subtema), ultrapassando seus limites e despertando uma percepção aprofundada sobre o **si mesmo** – ser em essência, e a **ancestralidade**, ao revelar suas possíveis influências na comunicação e aprendizagem de línguas.

Geralmente, compreendidos apenas como meios de comunicação em seu aspecto linguístico e estrutural (pronúncia, gramática e vocabulário), os idiomas podem ser percebidos também como representações da dimensão sistêmica e emocional do sujeito, ao oportunizar a emergência de aspectos conectados à sua **ancestralidade**, revelando a qualidade de suas relações e a influência que as crenças, emoções e sentimentos podem exercer sobre **si mesmo**.

Ao entrarem em contato com diferentes idiomas e culturas, os participantes revelam se perceberem em um processo de autoconhecimento, capaz de despertar *questionamento* e, até mesmo, uma “mudança cultural interna” (Michele, excerto 7), ou seja, a adoção de outros comportamentos, modos de pensar e interagir em sociedade, o que pode causar um impacto na (re)organização de seu sistema familiar e sociocultural, bem como influenciar gerações futuras, uma vez que novas informações passam a integrar o campo mórfico (SHELDRAKE, 1981/2016) dos sistemas de relacionamento humano.

A partir dessa reflexão, compreendo que o movimento de **TRANSCENDÊNCIA** das *identidades entre línguas* possibilita o resgate da história de vida de cada participante do curso, como também a história de seu sistema de origem, que contém informações importantes sobre as características do ser em essência, **si mesmo**, e sua **ancestralidade** conforme ilustram os trechos a seguir:

Excerto 10

Para mim, esta experiência de participar deste curso... muito mais do que... olhar **línguas**, eu consegui, é... foi uma ... um curso de...de **autoconhecimento**, e, para mim, a questão das **línguas** me trouxe a... a minha **origem**, a minha **ancestralidade** (Bianca, conversa hermenêutica).

Excerto 11

(...) Também gostei do exercício do dia, para mim ele foi, principalmente, um exercício de **autoconhecimento**. Ao me conectar com meus **pais e avós**, pude **entender e identificar** de onde vem minhas **forças, fraquezas, modelo mental etc.** Entendo agora que diante das situações que tiver que enfrentar, posso contar com o **recurso** de acessá-los com consciência, buscando a **força e sabedoria** que a situação exige (Fabiano, diário).

Excerto 12

(...) Por fim, ao retomar a atenção para mim novamente, eu me senti com **mais força** e tive a visão de estar **conectada** com todas as **forças** e campos dos meus **ancestrais**, cada um me conectando e trazendo a sua força para mim e eu **reconheci** em mim cada característica de cada um deles. Essa vivência foi bastante profunda e **me fortalece às minhas raízes** e, com isso, com a minha **essência** (Bianca, diário).

Excerto 13

Este curso tem sido muito especial para mim, e explico o porquê: O primeiro encontro foi um **reencontro** com a minha infância, **comigo mesma**. Fez eu enxergar **relações intrínsecas** entre a minha **língua materna** e a minha **infância**, e os outros **idiomas**

adquiridos, o inglês e o espanhol, com a minha adolescência e vida adulta (Clarissa, diário).

Ao transcender questões relacionadas aos IDIOMAS e alcançar maior conhecimento e compreensão sobre **si mesmo** (ser em essência) e a **ancestralidade**, o movimento das identidades entre línguas cria a oportunidade para a emergência de informações do oculto para a consciência dos participantes, trazendo força de vida e sabedoria para que lidem com as questões que surgem no momento presente e permitindo que reconheçam as emoções que permeiam suas relações entre línguas como ilustro com a seguinte transcrição:

Excerto 14

Quando falamos de culturas e origens, são aprendizados para nossa vida, quando interagimos por exemplo em outro país talvez passe o **medo da rejeição**, de ser mal interpretado, mas no meu caso fui bem feliz em aprender e entender como vivem outras pessoas, na minha opinião a **insegurança** de momento faz parte, até que vamos relaxando e vivendo, entendendo, um dos exemplos quando fiz meu intercâmbio na Inglaterra, de momento **senti uma população fria** perto de nós **brasileiros acolhedores** (Sandro, diário).

A esta altura do fluir *do rio ao oceano*, a relação entre os IDIOMAS, o ser em essência, nomeado como **si mesmo**, e a **ancestralidade** manifesta a intrínseca conexão de elementos aparentemente desconexos, os quais dialogam e interagem no movimento de **TRANSCENDÊNCIA** conforme ilustra a figura a seguir:

**Figura 9: Gota-tema TRANSCENDÊNCIA**



Fonte: Elaborada pela autora

### 4.3 Autoconhecimento

A interpretação segue seu fluxo natural, como o rio que se movimenta em direção ao oceano, e revela, neste momento, **AUTOCONHECIMENTO** como uma gota-tema, apesar desse substantivo ter sido escolhido para nomear o subtema de **BUSCA**. Retomando as intrínsecas conexões existentes entre os elementos que manifestam a natureza do fenômeno em estudo, utilizo a mesma palavra, porém, com conotações diferentes.

A **BUSCA** por AUTOCONHECIMENTO expressa a necessidade de **localização e compreensão** do ser entre línguas, ou seja, sua **BUSCA** por AUTOCONHECIMENTO para ajudá-lo a se situar e se compreender em meio às situações e relações entre línguas. **AUTOCONHECIMENTO** como gota-tema revela a expansão da CONSCIÊNCIA para o **si mesmo**, para a natureza essencial do ser, e para a **ancestralidade**, contribuindo para a compreensão do movimento das identidades entre línguas em um curso sistêmico-complexo.

Para Hellinger (2004, p. 205), “a consciência é o órgão que percebe o equilíbrio sistêmico e nos ajuda a saber se estamos ou não em harmonia com o nosso sistema de referência”. De acordo com esse raciocínio, ela nos adverte quando nossas atitudes e pensamentos podem ocasionar nossa exclusão do sistema ou nos garantir a permanência nele. A partir dessa percepção, seguem trechos que ilustram a expansão da CONSCIÊNCIA para a importância de olhar para **si mesmo**:

Excerto 15

(...) É... para mim também, é... pelo que a Bianca falou, foi **autoconhecimento**, aprendizado durante neh, esse período. É... saber **olhar um pouco para mim mesmo, atitudes, pensamentos** (Sandro, conversa hermenêutica).

Excerto 16

E, só para pegar um gancho nessa questão do evoluir também, porque que eu acho importante essa questão do curso, desse aprendizado de **olhar para dentro de si** (Michele, conversa hermenêutica).

A expansão da CONSCIÊNCIA para **si mesmo** desperta o reconhecimento da **singularidade**, ou seja, do caráter único e próprio de cada indivíduo. O aspecto individual de cada sujeito, enquanto parte de um todo maior,

coexiste com os demais membros de seu sistema familiar e traz consigo suas características em essência, genuínas, aquelas que lhe são próprias, fortalecendo o processo de AUTOCONHECIMENTO por meio da percepção de **si mesmo** diante da **ancestralidade** como revelam os excertos a seguir:

Excerto 17

(...) eu consegui identificar, *okay*, eu trago isso da minha **ancestralidade**, mas eu **trago isso** que também é **meu**, que é **próprio meu**. Então, acho que, para mim, foi o principal. Foi o que conectou todo... em todas as, em todos os encontros eu tinha *insights* disso (Bianca, conversa hermenêutica).

Excerto 18

(...) na verdade, o curso me trouxe isso de entender que eu sou, que eu tenho elementos deles (pais) e que essa Clarissa que ...que eu sou, não é do nada, neh, ela veio de um pai e de uma mãe e que claro, neh, tem as minhas...as partes fortes...o que... assim, os destaques, os meus destaques não são os mesmos destaques do meu pai, da personalidade dele, na vida dele, ...e nem da minha mãe, por isso que eu **sou única**, neh, por isso que eu sou diferente, que eu trago coisas, mas eu também desenvolvo (Clarissa, conversa hermenêutica).

Excerto 19

Você tem 50% dos seus genes do seu pai e 50% da sua mãe, mas eles se encontraram e criaram a Clarissa, só tem uma Clarissa no mundo... Sim! Não quer dizer que tudo, tudo dos 50% e tudo desse outro é o que você é... porque você é uma composição de tudo isso, e, quando a gente tem muitos elementos juntos, tem elementos que abafam o outro... tem elementos que so... se sobressaem, que se...que...se criam...então... Você não é exatamente a sua mãe, neeeem o seu pai! Você é uma mistura dos dois e **tem algo em você que lhe é próprio**, que é aquilo que a gente está tentando se tornar, que é o que a gente realmente é (Daniela, conversa hermenêutica).

O movimento de **AUTOCONHECIMENTO** desperta a ampliação da CONSCIÊNCIA para **si mesmo**, no reconhecimento de sua **singularidade**, bem como de sua **multiplicidade**, o que resgata o operador dialógico do Pensamento Complexo (MORIN, 2015b), revelando a existência de um diálogo de opostos complementares.

Nesse sentido, resgato o termo “*unitas multiplex*” (MORIN, 2008, p. 180) discutido no capítulo 1, *Que águas são essas?*, que pode auxiliar na compreensão da integração e coexistência de diferentes aspectos de **si mesmo**: uno e múltiplo. A **multiplicidade** é revelada, nesta pesquisa, por meio do reconhecimento das diversas características do ser em essência herdadas de

seus ancestrais diretos (pais), uma vez que, ao identificar e integrar o antagonismo existente nessa composição, aparentemente excludente, é possível ampliar o olhar para a **multiplicidade** que compõe sua **singularidade**, conforme apresento nos trechos a seguir:

Excerto 20

(...) essa foi a minha trajetória. Eu fui buscar... eu fiz formação em Constelação Sistêmica...eu estudo identidade desde 2010, no mestrado, e **me busco, e me busco e continuo me buscando** e eu... me parece que agora eu estou me encontrando... risos... **encontrei muitas partes de mim** perdidas por aí, pelo caminho... e isso tudo faz sentido para mim... e eu sinto que poderia fazer sentido e ajudar outras pessoas também (Daniela, conversa hermenêutica).

Excerto 21

(...) E, no dia aí depois eu fiquei mais em silêncio, mais quieta, mas não foi intencional...risos...foi mesmo porque parece que eu tinha chegado à exaustão daquele, sabe, “falei tudo?, falei!” fiquei mais quieta e aí fazendo o diário, é que... eu... entendi ...assim...essa **dicotomia e antagonismo** que apareceu para mim, e você até perguntou para mim “foi “e”, ou “ou”, é...capaz/incapaz na verdade não veio nada, foi assim, foram as duplinhas, sabe, **capaz/incapaz, destemida/temida teimosa/aberta**, só que aí depois eu falei, **dicotomia, antagonismo** (...) e, aí, fazendo o diário, eu falei assim: gente se tem essa coisa da morfogenética e eu sou **50/50**, (pausa) eu consigo ver, exatamente, 50% do meu pai e 50% da minha mãe em quem sou eu entre línguas e culturas (...) Então...**eles (pais) são completamente diferentes**, mas... **eu até agradei hoje, eu terminei agradecendo**, falando assim, que bom, eu sempre achei que eles serem tão diferentes foi até o...o...o motivo da separação, do divórcio, deles não terem resolvido bem como eles precisavam, mas hoje eu agradeço tanto de eles serem assim tão diferentes, porque **eu sou essas duas coisas...neh...do jeitinho...um pouquinho de cada um deles**, então eu fiquei grata que eu tenho a chance de ser essas duas coisas, que, talvez, se eles fossem muito parecidos, eu não sei quem eu seria, mas **o que eu sou hoje**, é...são essas duas coisas, **o que cada um deles me trouxe** e eu **gostei** tanto de eles serem tão **opostos** assim (Clarissa, conversa hermenêutica).

É relevante ressaltar que o fenômeno em foco ganhou um matiz nesta pesquisa, pelo fato de que o curso se desenvolveu durante a **pandemia** ocasionada pela COVID-19. Diante desse cenário que, a meu ver, motivou processos de autorreflexão, uma vez que a implementação de uma política de isolamento social proporcionou uma **parada** no ritmo de vida frenético de muitas pessoas, frente às suas atividades rotineiras que eram, muitas vezes, desempenhadas em modo automático, oferecendo uma **oportunidade** para o movimento de se voltar para dentro de **si mesmo** em **autorreflexão**, entrando em

contato e despertando a CONSCIÊNCIA para aspectos que necessitam de **transformação** em sua dinâmica de vida, conforme revelam os excertos a seguir:

Excerto 22

(...) tá, as coisas acontecem assim, mas... Ah... ah... bem nessa questão transitória, mesmo...de...de..de...trans..de **planetária** que a gente tá vivendo...realmente, *okay*...eu fui até aqui, mas vamos **parar, parar um pouco e olhar mais para a minha...para a Bianca, pro meu eu?! A**cho que ...que esse curso me ajuda...tem me ajudado, e está me ajudando muito nisso. E aí, é... eu me sinto...ao final desse processo, apesar de um cansaço físico...eu sinto uma **força maior** assim, para lidar com essas questões (Bianca, conversa hermenêutica).

Excerto 23

É pra você ver.... Exato, assim... foi...eu...me... toquei de que, ah, legal, eu tô num...eu estava num... **ambiente de home office**, mas eu estava mais presa do que se eu estivesse no escritório, entendeu, eu mesma! **Eu não me dava uma liberdade para fazer exatamente nada por mim...exa... nada!** Eu tava mais ...pior do que eu estaria se eu estivesse no...no escritório, ali, regrado naquele modelo que também já tá ultrapassado...Nossa, quando eu me liguei disso, assim, e faz muito pouco tempo, eu falei: gente, eu...eu posso na hora do meu almoço, sei lá, eu posso ir correr, andar na esteira, eu posso fazer várias outras coisas que antes eu não poderia! Foi para mim é...**um respiro...eu estou começando a respirar**...está sendo assim, uma consciência muito ...tá...e uma **força**, neh, porque... você vai **repetindo** uma coisa, você vira o **Charles Chaplin**...pra você **parar tudo** e.... **“Não, gente, isso aqui não tá legal!”** Olha só o meu ...Por que que eu estou me permitindo isso, neh? (...) Eu tinha..eu tinha uma ideia de que, “nossa, se eu respirar, alguém vai me mandar uma mensagem... que vai morrer, que vai acabar o mundo, sabe...e agora eu “gente, não é assim” (...) eu estou experienciando, neh, na vdd, então...e e e, e ai eu vejo que “nossa, gente o mundo não morreu....não caiu que eu fiz duas horas de almoço hoje, sabe, eu tô muito assim, ninguém vai ligar aqui me falando que... tá...tá ...tudo, sabe...alguém tá desesperado, ou alguma coisa assim ...Então, pra mim tá sendo...nossa!...é um **respiro**, é um **respiro** mesmo... (Bianca, conversa hermenêutica).

A CONSCIÊNCIA de **si mesmo** também proporcionou uma *oportunidade* de **transformação** no que diz respeito à mudança de *perspectiva* proposta pelo *conhecimento sistêmico*, a qual despertou nos participantes a sensação de que estavam entrando em contato com uma sabedoria “milena” conforme revela Clarissa no excerto a seguir. De fato, Hellinger (2020) apresenta as leis sistêmicas como princípios básicos da vida, leis naturais que tocam profundamente nas questões que permeiam as relações humanas, aspecto que

trouxe sentido para os participantes nesta experiência de investigação, conforme ilustro por meio dos trechos a seguir:

Excerto 24

Ah, e um ponto muito importante: é...eu **gostei muito** de como foi a **experiência de participar desse curso**, muito de como o curso foi elaborado, de como ele foi conduzido, das etapas pelas quais a gente passou. Parece que é assim... que já...é... para mim, **esse curso, é como se ele já existisse há tanto tempo** que você veio, pegou e nos apresentou e, na verdade, foi fruto da sua pesquisa, fruto do seu estudo...**parece que ele já é milenar**, sabe? **Parece que ele sempre existiu**, que ele tá tão assim... **coeso**, ele tá...é... permitindo se você ...vou falar para mim, **como eu senti** que eu super **me entreguei** para ele porque eu **confiei** nele, eu confiei nesse processo dele... ele me parecia muito **maduro** ...sabe? por isso que eu trouxe essa imagem do milenar, ele me parecia muito maduro, então eu confiei e me entreguei (Clarissa, conversa hermenêutica).

Excerto 25

É... para mim também, é... pelo que a Bianca falou, foi **autoconhecimento**, aprendizado durante neh, esse período. É... saber olhar um pouco para mim mesmo... atitudes, pensamentos...e... como posso falar?...é... **enxergar de outra forma**, aquilo que...**eu estava vendo antes do curso** e o que eu posso **fazer de diferente a partir de agora** (Sandro, conversa hermenêutica).

A **transformação** ocasionada pela mudança de perspectiva desperta a CONSCIÊNCIA para o que está em coerência com as leis sistêmicas, lembrando de que não se trata de juízos de valor, mas da observação da ordem/desordem nas relações humanas. A desordem num sistema costuma despertar sensações de desencaixe, inadequação, falta de coerência, raiva, insegurança, medo, entre outras; a ordem tende a se manifestar pela paz interior, tranquilidade, calma, fluidez, alegria, assertividade etc. Portanto, a **transformação** de postura dos participantes também se revela no que diz respeito à mudança de comportamento, sentimentos, emoções e sensações vivenciadas, como exemplificado pelos excertos a seguir:

Excerto 26

(...) Muitas das vezes, em algum encontro eu ficava um pouco mais tímido, um pouquinho mais calado, eu já tenho um jeito tímido é...na minha vida mesmo...é... e hoje, me vejo tipo, **mais calmo**, acho que quando você falou de oceano me veio, tipo, **em paz**, sabe, tipo... **mais tranquilo e... seguindo um caminho que realmente acho que é...com essas mudanças**, mais **correto** (Sandro, conversa hermenêutica).

## Excerto 27

(...) do idioma em si, eu ainda não percebi muita mudança, no meu **comportamento** eu já **percebi algumas mudanças**, e eu acredito que a questão do idioma vai vir naturalmente, assim, conforme eu for me expondo a ele neh, mas é...no meu comportamento... eu tô me... **mais tranquilo** com algumas questões...neh...que envolve assim o **autoconhecimento**, envolve o **eu**, o **meu lugar no sistema** e etc. Então, eu tô bem assim, eu comecei com uma expectativa e tô terminando com uma expectativa muito maior assim, uma realização muito maior porque além de **entender o contexto do inglês**, é... vai me **ajudar em outras questões da minha vida** também. Então, foi bem bacana (Fabiano, conversa hermenêutica).

O movimento de **AUTOCONHECIMENTO** experienciado pelos participantes do curso também pode despertar o ampliar da CONSCIÊNCIA ao oportunizar a **transformação** de **si mesmo** diante da autopercepção, possibilitando sua mudança de postura como trazido pela Clarissa no excerto a seguir.

Sua fala demonstra nitidamente que a **aceitação** e o **reconhecimento** perante seus pais e ancestrais trouxeram-lhe a sensação de leveza, o que vai ao encontro da lei sistêmica de hierarquia, pois ao se sentir cheia de si mesma, ou seja, com excesso de si mesma, sua dimensão egocêntrica se revela e não permite que enxergue a ordem de precedência que rege a harmonia de seu sistema, garantindo o lugar de direito a cada membro de seu sistema familiar.

Dessa maneira, apenas quando consegue ampliar a visão, percebe que é parte de um todo maior e sente a leveza de estar no seu próprio lugar de direito em seu sistema de origem:

## Excerto 28

Nossa, é... me identifiquei muito com o que a Bianca falou porque para mim foi completamente autoconhecimento. Eu acho que eu comentei isso no início...risos...agora, deste encontro, mas foi é... **autoconhecimento**...é... começando pela **infância**, indo... voltando ainda mais para a **ancestralidade**, olhando para uma parte que...que eu nunca tinha olhado dessa forma organizada (rs), dentro desse percurso. Então...**eu me sinto agora é.... tão mais leve. No início, cheia de mim mesma, e agora, mais leve. E... aceitando e reconhecendo os meus pais, os meus avós**...isso foi muito importante. Foi algo bem...assim... bem diferente...eu não sei em que momento da vida eu teria oportunidade de ter esse olhar, de...de fazer é...de fazer essa entrega (Clarissa, conversa hermenêutica).

Excerto 29

(...) fazendo o diário, eu falei assim: gente se tem essa coisa da **morfogenética** e eu sou 50/50, (pausa) eu consigo ver, exatamente, **50% do meu pai e 50% da minha mãe em quem sou eu entre línguas e culturas** (Clarissa, conversa hermenêutica).

Excerto 30

(...) eu trouxe muito para vocês sempre a coisa assim, quando eu falo de mim, eu trago egoísta, cheia de mim, então, isso já me era familiar, rs...então eu já tinha muito essa coisa assim de saber que eu era uma pessoa diferente do meu pai e da minha mãe, até eu querer me distanciar e, na verdade, o curso me trouxe isso de entender que eu sou, que eu tenho elementos deles e que **essa Clarissa que ...que eu sou, não é do nada, neh, ela veio de um pai e de uma mãe** e que claro, neh, tem as minhas...as partes fortes...o que... assim, os destaques, os meus destaques não são os mesmos destaques do meu pai, da personalidade dele, na vida dele, ...e nem da minha mãe, por isso que eu sou única, neh, por isso que eu sou diferente, que eu trago coisas, mas eu também desenvolvo (Clarissa, conversa hermenêutica).

O movimento de **AUTOCONHECIMENTO** das identidades entre línguas oportuniza, também, o despertar da CONSCIÊNCIA para o **reconhecimento** da **ancestralidade**, *postura* capaz de nutrir cada participante com a *força* necessária para questionar e desenvolver um novo olhar diante de suas relações familiares, navegando entre a dimensão individual/interior (o eu, seu espaço egocêntrico e subjetivo) e a dimensão coletiva/interior (o nós e seu pertencimento à cultura familiar, frente à consciência coletiva), permitindo que as participantes observem pontos em comum bem como sua **singularidade**, por meio de sua **diferenciação**, que pode levar ao distanciamento, conforme revelam os trechos a seguir:

Excerto 31

Eu gosto de assuntos que tratam sobre **autoconhecimento**, mas eu nunca tinha participado de alguma coisa assim, nunca dessa forma. Então, eu fico muito grata de ter tido essa oportunidade, porque...eu sinto que parece chavão, mas é verdade que **foi um divisor de águas** ...(risos)...olho para mim de uma forma...**olho para mim e para a minha família de uma forma diferente**. Parece que...**deu espaço para o novo** mesmo agora (Clarissa, conversa hermenêutica).

Excerto 32

(...) eu **consegui identificar**: *okay*, eu **trago isso** da minha **ancestralidade**, **mas eu trago isso que também é meu, que é próprio meu**. Então, acho que, para mim, foi o principal. Foi o que conectou todo... em todas as ... em todos os encontros, eu tinha insights disso (Bianca, conversa hermenêutica).

## Excerto 33

(...) eu trouxe muito para vocês sempre a coisa assim, quando eu falo de mim, eu trago egoísta, cheia de mim, então, isso já me era familiar, risos. Então, eu já tinha muito essa coisa assim de saber que eu era uma pessoa **diferente do meu pai e da minha mãe**, até eu querer me **distanciar** e, na verdade, o curso me trouxe isso de entender que eu sou, que eu tenho elementos deles e que essa Clarissa que ...que eu sou, não é do nada, neh, ela veio de um pai e de uma mãe e que claro, neh, tem as minhas...as partes fortes...o que... assim, os destaques, os meus destaques não são os mesmos destaques do meu pai, da personalidade dele, na vida dele, ...e nem da minha mãe, por isso que eu sou única, neh, por isso que eu **sou diferente**, que eu **trago coisas, mas eu também desenvolvo** (Clarissa, conversa hermenêutica).

## Excerto 34

(...) então, esse...esse...todo esse processo a cada encontro...essa, essa questão da **ancestralidade** me trouxe muita **força**, MAS, **a todo momento eu percebo o meu eu**, que foi o que você falou, *okay*, eu tenho, eu consigo ver, principalmente as minhas ancestralidades falando é... que falam línguas diferentes, neh. Eu tenho uma ancestralidade portuguesa, uma ancestralidade nordestina. Eu vivi nesses dois ambientes já, mas eu vejo que a Bianca é um **misto**, porém, com **uma pitada só dela**. Então, tudo isso me trouxe realmente, muita **força...força para questionar esse consciente coletivo** (aqui, ela se refere à consciência coletiva) (Bianca, conversa hermenêutica, comentário meu).

Entrar em contato com o sistema familiar, neste curso sistêmico-complexo, proporcionou o descortinar de informações referentes à **ancestralidade** de cada participante, o que oportunizou a ampliação da CONSCIÊNCIA para a **identificação** da dinâmica de repetição existente em seu comportamento e padrões de crenças. Clarissa revela, em seu depoimento a seguir, que assumiu uma postura de impostora em sua relação com a língua materna por repetição do comportamento e crença de sua mãe, atitude realizada inconscientemente, que pode minar sua força de vida, autonomia, e prosperidade, por deixar realizar suas próprias escolhas na vida e seguir seu próprio destino. A esse respeito, Sandro também manifesta sua CONSCIÊNCIA da repetição de comportamento observada entre ele e seus avós e sua emoção diante do **reconhecimento** dessa força que os aproxima, navegando na dimensão coletiva/interior, conforme exemplificado na sequência:

## Excerto 35

(...) no exercício que teve da... da gente acessar cada campo, eu, outro idioma...hum...a minha ancestralidade, minha neh...o que marcou muito foram duas coisas, eu acho ... que é a da

**síndrome do impostor**, que, depois no outro encontro, você falou da **relação com a mãe**, e aí eu falei: meu Deus!... porque **tinha sido isso da minha língua materna** (risos). Foi revelador (Clarissa, conversa hermenêutica).

Excerto 36

(...) alguma...às vezes tipo alguém, familiar mesmo, tipo, “ah, lembra...**seu jeito lembra o do seu avô, seu jeito lembra da sua avó**”. De alguma forma, alguma **atitude** que lá no passado, que eles conviviam e, hoje, acabam enxergando em mim. Então, isso acabou me **emocionando** bastante naquele ...naquele tempo e até agora, mesmo... a gente junto (Sandro, conversa hermenêutica).

A partir da discussão tecida a respeito da gota-tema **AUTOCONHECIMENTO**, compartilho, a seguir, a representação gráfica que elaborei para ilustrá-la, bem como a seus respectivos desdobramentos:

Figura 10: Gota-tema **AUTOCONHECIMENTO**



Fonte: Elaborada pela autora

#### 4.4 Pertencimento

A gota-tema **PERTENCIMENTO** revela os subtemas **CONEXÃO E RECONEXÃO** e sinaliza a primeira lei sistêmica observada por Hellinger (2020), um dos “princípios básicos da vida” (ibidem) que é capaz de organizar as relações humanas de modo a assegurar que todos os membros de um grupo têm o mesmo direito de pertencer.

Dessa maneira, essa gota-tema manifesta que as identidades entre línguas se movimentam, também, em fluxo de **PERTENCIMENTO**, por meio da **CONEXÃO** que se estabelece entre o **grupo**, revelando um senso de comunidade, sintonia de objetivos, experiências, aspirações e conhecimento. O vínculo construído pelo **grupo** oportunizou a **troca** de experiências que se desenvolveu de maneira natural e despertou em cada participante a construção de diferentes *aprendizados*, de acordo com sua **BUSCA** e necessidade, conforme apresento nos excertos a seguir:

Excerto 37

Logo no início, a Daniela solicitou que nos apresentássemos e à medida que ia escutando os **colegas**, me surgiu uma **vontade imensa de compartilhar deste momento deles**, engraçado que eram pessoas que eu nunca havia visto antes, mas **me senti muito à vontade** a tal ponto de me expressar sem pensar na forma ou nos julgamentos. A **conexão** desta turma girou em torno das **experiências** dos colegas, seja na vida **profissional ou pessoal**, e como se relacionaram com algum momento atual que vivo ou com um fato da minha jornada (Michele, narrativa linguístico-biográfica).

Excerto 38

(...) as **pessoas** que estão aqui também, para mim, fez toda a diferença porque é um **grupo** que... é... teve muita **abertura, relação de confiança**, a gente entrou em **questões muito pessoais e se expôs**, e... acho que houve muito **respeito** um com o outro (Cristina, conversa hermenêutica).

Excerto 39

(...) e é isso, acho que a experiência foi rica nesse sentido, assim...de ...de me entender mais, de me aceitar mais, é...de **conhecer as outras histórias** e ver como que elas se **relacionam com a minha** e como que eu **aprendo** com elas, neh...com...com o que foi dito aqui, algumas coisas que eu nunca olhei igual eu comentei da filosofia na semana passada, isso para mim foi até cômico (Michele, conversa hermenêutica).

Para ilustrar a dinâmica desse **grupo**, descrevo alguns pontos em comum que emergiram, além de partilhar o interesse de participar do curso sistêmico-complexo em **BUSCA** de **AUTOCONHECIMENTO** e de **SUPERAÇÃO** das **dificuldades** na *aprendizagem de línguas* (inglês), motivação inicial que nos uniu neste percurso *do rio ao oceano*, as afinidades revelaram-se, também, com relação à prática profissional da maioria dos participantes no âmbito da Administração e Gestão de Pessoas, bem como ao aspecto pessoal no que tange o relacionamento familiar.

Outro aspecto em comum que se apresentou foi o interesse pelo assunto relacionado ao **intercâmbio**, vivenciado por alguns dos participantes e um sonho aspirado por outros. Interessante destacar que o Canadá foi o país de interesse destacado por muitas das participantes, entre os quais me incluo: Cristina viveu uma experiência de **intercâmbio** que lhe traz memórias positivas no país, Michele planeja realizar seu mestrado lá em breve, eu tenho planos de conhecer a província do Quebec e Clarissa mora em Toronto há dois anos. A esse respeito, Hellinger (2004) afirma que, quando um **grupo** está coeso, com cada participante consciente e conectado a **si mesmo**, o **grupo** assume uma força maior que o pode auxiliar, impulsionando a todos para a conquista de seus objetivos.

Em meio à CONEXÃO presente no **grupo** em muitos aspectos, foi notável a existência de uma **egrégora**, “força espiritual gerada a partir da soma de energias coletivas (físicas, emocionais e mentais) de duas ou mais pessoas reunidas em grupo”, do grego *egrégorein*: velar, vigiar, segundo o Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa (2022). Dessa maneira, percebo a **egrégora** como um campo de energia que navega pela dimensão coletiva/interior de maneira inconsciente, zelando pelo **grupo** e seus integrantes, criando um senso de comunidade, **PERTENCIMENTO** e uma atmosfera que oferece sustentação, profundidade, apoio e força ao **grupo** em suas **trocas**, discussões e no trabalho realizado conforme destaque nos excertos abaixo:

Excerto 40

Cada um de vocês, com a sua contribuição, trouxe uma parte de si que conectou comigo, que conectou com os demais, e, assim, formamos a **egrégora** desse curso (Daniela, conversa hermenêutica).

Excerto 41

É, mas **o tanto que a gente evolui assim quando a gente, de fato, está em conjunto**, neh? **Tanto que eu evolui de cinco semanas atrás pra cá, sabe?! Então**, isso para mim foi beeem... relevante nessa experiência desse curso, mas ainda acho o tempo pouco, só queria finalizar assim (Michele, conversa hermenêutica).

O movimento de **PERTENCIMENTO**, revelado por meio da interpretação do fenômeno investigado nesta pesquisa, também pode promover a RECONEXÃO com do ser com **si mesmo**, ou seja, sua natureza essencial, de

maneira a oportunizar o resgate de informações importantes como memórias, emoções e sensações provenientes do campo mórfico e manifestadas pelo sentir de cada participante, as quais emergiram por meio dos **exercícios** práticos realizados durante o curso, como a narrativa linguístico-biográfica, o diário, as dinâmicas e meditações conduzidas como meios para promover o despertar da CONSCIÊNCIA do ser para **si mesmo**, sua natureza essencial, conforme ilustro por meio dos excertos a seguir:

Excerto 42

É... (pausa), eu **vou pelos exercícios** do... **pra que eu me lembre dos encontros...** O do primeiro exercício, eu lembro que eu me emocionei muito porque lembrei de uma parte da minha infância com o meu pai e, aí, fui fazer a... **narrativa linguístico-biográfica** e aquilo foi... foi avassalador...(risos) então, marcou muito isso, assim é...é... esse gatilho, aí, do meu pai e, aí, trouxe muitas, muitas, abriu muitos ah...ah... campos na minha vida (Clarissa, conversa hermenêutica).

Excerto 43

(...) Então, foi me vindo, nessa **meditação**, as **lembranças dos exercícios e as sensações** que eu tinha em cada um deles, isso ficou bem forte e, aí, **no final**, agora, **desse processo** nele...quando eu olhei para aquele mar...**eu me senti leve**, é...me senti...eu me sentia **voando** assim, eu estava voando em cima dele com uma...uma **roupa branca**, leve, assim...e **girava** e olhava e **via um monte de perspectivas**, assim, uma... era uma **sensação muito boa** e...e tinha uma **energia** também porque, ao mesmo tempo que era leve, tinha uns giros, uma energia e um olhar para ou...para um monte de perspectivas pela frente, foi essa a minha sensação no final com o mar, foi muito bom (Cristina, conversa hermenêutica).

Excerto 44

(...) fazendo o **diário**, eu falei assim: gente, se tem essa coisa da morfogenética e eu sou 50/50... eu consigo ver exatamente 50% do meu pai e 50% da minha mãe em quem sou eu entre línguas e culturas (Clarissa, conversa hermenêutica).

A partir dessas observações, percebo que o *corpo* pode ser considerado como um importante canal de RECONEXÃO com o **si mesmo**, ou seja, do sujeito com sua essência manifesta, pois possibilita o acesso ao campo mórfico, que revela informações sobre seu sistema familiar, cultura, língua e padrões de comportamento, expressando-se pelas sensações registradas por meio do *corpo*, capaz de captar aquilo que se passa no universo interior do sujeito e sinalizar a existência de algum tipo de desordem em seu sistema de relações conforme revela o trecho abaixo:

## Excerto 45

(...) a **meditação** foi um pouco mais **difícil** para mim, essa, eu **sentia** mui.... meu **cansaço** tá... assim, eu sou uma pessoa cansada (tomou fôlego), minhas costas... um **peso nas minhas costas**, um cansaço...eu...eu vi assim, eu me vi muito (conexão da Internet falhando) no... no...**várias coisas verdes** assim, mas, no final eu tava **quase dormindo**, foi muito **difícil**. Eu tô num momento assim de tipo... **apesar do cansaço, eu tava num relaxamento** que... foi **difícil de voltar**, eu tava quase, realmente, dormindo (Bianca, conversa hermenêutica).

A RECONEXÃO vivenciada por meio dos **exercícios** que estimulam o sentir através do corpo pode revelar o lugar ocupado por cada participante em seu próprio sistema familiar e social. De acordo com a lei de pertencimento (HELLINGER, 2020), cada membro de um sistema/grupo possui seu lugar de direito, que representa seu lugar de força na vida: espaço singular que pode lhe proporcionar paz interior, fluidez, leveza, *insights*, criatividade, autonomia, liberdade para ser quem é, vitalidade, disposição etc.; lugar onde há tempo para o contemplar, aprender, descobrir e criar.

Ocupar seu lugar de direito nos sistemas dos quais se é membro pode repercutir na harmonia vivenciada nas relações bem como no sucesso na comunicação e aprendizagem. Dessa maneira, faz-se necessário estar e se manter em seu lugar de força, também, para o fluir em meio às experiências de vida entre línguas e culturas e, para encontrar esse lugar de **PERTENCIMENTO**, é necessário resgatar as memórias, crenças e referências, a partir do berço cultural em língua materna, recuperando e se apropriando de seu lugar de origem no mundo. Com a base de origem ancorada com sustentação, torna-se possível seguir adiante na construção de (auto)conhecimento, expandindo horizontes de possibilidades e oportunidades de conexões, como, por exemplo, ao se dedicar à aprendizagem de outros idiomas conforme ilustram os excertos a seguir:

## Excerto 46

(...) como esses **exercícios** que a gente fez, não tem muita fala, a gente vai **sentir** o que o **campo** de cada coisa, cada pessoa, cada situação diz. Aí que a gente vai **ampliar**, sair da **consciência pessoal**, restrita, que só enxerga o eu, o umbigo, aquele eu subjetivo do “eu quero e o mundo gira ao...ao meu redor”, a gente sai dele... **para poder ampliar e enxergar onde está a desordem e restabelecer a ordem**, mas não é na mente, não é uma equação matemática que você faz, deu o resultado esperado, ok. Não! A gente vai **olhar para o que emerge, restabelecer a ordem**. Como? **Sentindo o nosso campo**,

tomando nosso **lugar** no nosso sistema, aceitando que tudo foi como foi (...) (Daniela, conversa hermenêutica).

Excerto 47

Eu tô me... **mais tranquilo** com algumas questões...neh...que envolve assim o autoconhecimento, envolve o **eu**, o **meu lugar no sistema** e etc (Fabiano, conversa hermenêutica).

Excerto 48

(...) **olhar para dentro, olhar para trás para conseguir olhar para frente**. Se reconectar, se colocar no seu **lugar**, assumir o seu **lugar** (...) (Daniela, conversa hermenêutica).

O movimento de RECONEXÃO com a **ancestralidade** pode contribuir para o ampliar da CONSCIÊNCIA no resgate e integração ao berço cultural de origem de cada participante, no reconhecimento de seu lugar de **PERTENCIMENTO**, com relação a seus **pais, avós** e língua materna:

Excerto 49

É...eu vou pelos exercícios do...pra que eu me lembre dos encontros...O do **primeiro exercício**, eu lembro que eu me **emocionei** muito porque (pausa) **lembrei** de uma parte da minha infância com o meu **pai** e, aí, fui fazer a... **narrativa linguístico-biográfica** e aquilo foi... foi avassalador...(risos) Então, marcou muito isso, assim é...é esse gatilho, aí, do meu pai e aí trouxe muitas,... muitas, abriu muitos a...a...**campos** na minha vida. Depois..., naquele...naquela atividade do... dos avós, dos pais e minha, eu tive um olhar para os meus **avós**, principalmente os paternos...é... e principalmente o meu **avô paterno** que fazia **aniversário no mesmo dia que eu faço** e olhei para ele...de...o **descobri**, sabe, “**oi, vô...(risos)... o senhor existiu**” ... (risos), **tanto existiu que aqui estou... (respirou fundo)** (Clarissa, conversa hermenêutica).

Excerto 50

É... um dos encontros que ...bom a Clarissa até comentou, foi...quando falou do...do lado paterno, materno, dos avós, então, aquilo...foi uma **mistura de saudade e de aprendizado** para mim, de lem...é... **lembrança, princípio, valores** e... daquilo que... que **veio comigo**, neh, por mais que eles (avós) não estão aqui hoje, é aquilo que tá junto aqui comigo (Sandro, conversa hermenêutica).

Interessante destacar a respiração profunda manifestada pela Clarissa no Excerto 49, quando reconhece seu **avô** paterno e identifica uma conexão importante com ele pela sua data de aniversário. Sua respiração profunda pode revelar que tal informação tocou fundo em seu ser, trazendo-lhe sentido em sua compreensão prática da Visão Sistêmica pelas leis de hierarquia/precedência e **PERTENCIMENTO**, ao reconhecer a precedência de seu **avô** e, assim, expandir

sua consciência para a integração do seu sistema familiar, restabelecendo a ordem em suas relações, as quais podem ter efeitos nas suas relações entre línguas também por ressonância.

A seguir, apresento a gota-tema **PERTENCIMENTO** com a emergência de seus respectivos desdobramentos por meio da representação gráfica que elaborei para ilustrar a discussão tecida anteriormente:

Figura 11: Gota-tema PERTENCIMENTO



Fonte: Elaborada pela autora

#### 4.5 Descoberta

A gota-tema **DESCOBERTA** emerge, neste percurso investigativo, e manifesta o último elemento identificado que descrevo conforme segue:

Excerto 51

(...) todo mundo quer isso, assim, neh... progredir, enfim, chegar em um lugar melhor, neh, seja lá o que o melhor significar, e... e nem sempre você consegue isso pelos caminhos mais ortodoxos, neh. E aí, você traz temas, assim, super diferentes, super...é... fora neh, fora do... (risos) que tá todo mundo acostumado, neh, que é acordar, tomar banho, tomar café e ir trabalhar; voltar, comer, dormir e tal... é... e acho que...**tem muita descoberta para fazer nesse caminho (pausa) diferente, alternativo** (ele se refere à trilha do curso) (Fabiano, conversa hermenêutica).

O movimento de **DESCOBERTA** é parte das experiências da vida. No entanto, nem sempre é possível alcançá-lo em profundidade, sem atingir o nível

de consciência necessário para reconhecê-lo como tal. No excerto acima, Fabiano reconhece que o caminho percorrido no curso sistêmico-complexo pode proporcionar esse descortinar, destacando que se trata de um “caminho diferente, alternativo”.

Realmente, o curso oferece uma vivência que foge dos parâmetros do tradicional, pois, partindo da integração dos saberes, busca resgatar a dimensão do sentir e, assim, revelar nuances das identidades entre línguas que não costumam ser observadas nem discutidas, uma vez que podem manifestar aspectos do SI MESMO, ou seja, do ser em essência, que demandam conhecimento e uma visão ampliada para sua condução e compreensão.

Nesse sentido, a **DESCOBERTA** de aspectos de SI MESMO pode gerar certo desconforto ao acessar informações, muitas vezes, ainda ocultas para a dimensão racional do sujeito, que podem revelar a natureza de dificuldades ou bloqueios em sua comunicação e aprendizagem de línguas, entre outras áreas de sua vida. Dessa maneira, é natural que esse movimento cause certa **inquietação** frente ao que se descortina, o que pode indicar alguma desordem ou desarmonia no sistema de relações do sujeito, que manifesta a **necessidade** de tempo para a construção de *sentido* diante das informações reveladas conforme destaque nos trechos a seguir:

Excerto 52

(...) ...é... e, aí, para mim assim, participar foi algo novo...uma **experiência de descoberta**... é... de entrar em contato com coisas que eu não tinha entrado em contato antes ainda, em outros momentos, é... como a Michele falou, ainda não tenho respostas também pra...pra muitas dessas coisas, mas o fato de... de... olhar para isso me trouxe **inquietações**, me trouxe que... exat... é isso... tô inquieta, tô com... **mexendo em coisas que eu... que eu nem sabia que tinha**, na verdade, neh... é... e que agora estão **vindo à tona** (Cristina, conversa hermenêutica).

Excerto 53

Eu também estou com **algumas respostas ainda por... por vir**, mas eu...eu tô bem (Fabiano, conversa hermenêutica)

Excerto 54

(...) o tanto que eu **evolui** de cinco semanas pra atrás para cá, sabe? Então, isso para mim foi beeem... relevante nessa experiência desse curso, mas **ainda acho o tempo pouco**, só queria finalizar assim (Michele, conversa hermenêutica).

A sensação de **inquietação** também pode revelar a **necessidade** de autoaceitação, introspecção e expressão para a construção de *sentido* diante das **DESCOBERTAS** realizadas. Cada participante manifesta sua individualidade por meio da **necessidade** que se revela para que consiga restabelecer sua paz interior, ou seja, sua compreensão, coerência interna conforme revelam os excertos abaixo:

Excerto 55

(...) e é isso, acho que a **experiência foi rica** nesse sentido, assim...de ...de **me entender mais, de me aceitar mais** (...) (Michele, conversa hermenêutica).

Excerto 56

Assim, muitos temas abordados, para mim, eram temas novos, então, eu confesso que...de algo... em alguns encontros, eu saí meio...é... assim meio..... **quieto** assim, eu precisava ficar mais **introspectivo** para poder **entender, digerir**... digerir assim.... o que que rolou, neh... para que tudo fizesse **sentido**, eu precisava de um **tempo** maior neh, pra... pra que tudo fizesse sentido. No primeiro dia, eu fiz o... o... o *report* (aqui, ele se refere ao diário) é... na sequência assim, aí depois comecei até a demorar uns dois dias, três dia para fazer, justamente para poder.... **sentir** melhor o que que tava rolando (...) (Fabiano, conversa hermenêutica).

Excerto 57

(...) **no começo**, parece que você tem mais **necessidade de falar**, de ver alguma coisa, de ficar assim, **a cabeça girando** para poder fazer **sentido** e **depois** as coisas começaram a se acalmar, se encaixar...e chega agora no final,... com uma **paz** maior, neh, com uma **tranquilidade** maior de que você não precisa mais...ou ficar falando, falando, falando para poder encaixar tudo, ou ficar quieto, ali um pouco, para poder encaixar tudo, neh...as coisas estão fluindo de uma maneira mais natural...e...é isso (Fabiano, conversa hermenêutica).

Excerto 58

(...) E, no dia, aí... depois, eu fiquei mais em silêncio, mais quieta, mas não foi intencional... (risos) ... foi mesmo porque parece que eu tinha chegado à **exaustão** daquele, sabe, **“falei tudo? Falei!”** Fiquei mais **quieta** e, aí, fazendo o diário, é que... eu... entendi ...assim... essa dicotomia e antagonismo que apareceu para mim (Clarissa, conversa hermenêutica).

A **DESCOBERTA** de aspectos de SI MESMO, da natureza essencial do ser/sujeito, também pode proporcionar a oportunidade para a **compreensão** da visão **sistêmica**, que se manifesta em meio às experiências de vida como um todo, nos movimentos das identidades entre línguas bem como nas relações permeadas por diferentes culturas, apresentando-se, não apenas como um conhecimento capaz de auxiliar na superação de dificuldades na aprendizagem

de línguas, mas também como um *benefício* para a *vida*, em processo de evolução, conforme destaque nos trechos a seguir:

Excerto 59

Então, eu tô bem assim... eu comecei com uma expectativa e tô terminando com uma expectativa muito maior, assim, uma realização muito maior porque **além de entender o contexto do inglês, é... vai me ajudar em outras questões da minha vida também!** Então, foi bem bacana (Fabiano, conversa hermenêutica).

Excerto 60

(...) pra falar a verdade, foi uma **baita experiência pra mim, pra minha vida**. Isso eu vou carregar comigo, então...é...eu também poder passar um pouquinho disso para o próximo também, poder ajudar também de alguma forma, da mesma forma que você me ajudou (Sandro, conversa hermenêutica).

Excerto 61

(...) pegando na lógica das línguas, **se eu não aprendo uma língua**, é... sou um ser humano, passível de aprendizagem, tenho tempo igual todo mundo, me dedico, sei lá, sento do lado de uma pessoa e estudo igual ela, qual... o que que tem de diferente, então, **tem algum bloqueio, ou alguma outra coisa por trás**...é...que não seja necessariamente um bloqueio, pode ser só...sei lá...uma pequena, um pequeno método, mas tem alguma coisa por trás... (Michele).- Uma **desordem!** (Daniela)  
- ...Uma...é, boa palavra! é... tem... tem algo, assim, **as coisas não se conectam por alguma razão e... e se dar o direito de entender isso**, mesmo que você não saia daqui com a resposta de tudo, é **benéfico pra vida**, sabe, é benéfico para...para as pessoas que entendem a **necessidade de evoluir no contexto humano, no contexto psicológico** enfim (Michele e Daniela, conversa hermenêutica).

Excerto 62

Acho que **para todos que se abrirem de verdade a esse exercício, o benefício será gigantesco**. Ao meu caso, especificamente, ainda adiciono o fator: estudante eterna das Letras, militante sociolinguista e amante desse universo das línguas (Clarissa, narrativa linguístico-biográfica).

A gota-tema **DESCOBERTA** também pode manifestar o ampliar da **compreensão** para questões referentes à qualidade da **relação materna** de cada participante, na medida em que se trata do primeiro **vínculo** estabelecido a partir de sua vida intrauterina, tornando-se uma *base* de referência emocional que o conecta intrinsecamente ao universo de experiências construídas por meio da **língua materna**, proporcionando a criação de um **vínculo** de pertencimento,

no qual cada sujeito experimenta as primeiras sensações, emoções, sons e palavras, como ilustro por meio dos trechos a seguir:

Excerto 63

(...) a **língua** tem a ver com a **comunicação**, é a nossa primeira comunicação... o **bebê** quando mama está olhando para a mãe...comunicação, nossa expressão... é essa **troca**, que não são apenas por palavras...é...org... orgânica, está no nosso **instinto**, está no nosso **campo emocional**, é muito forte (Daniela, conversa hermenêutica).

Excerto 64

Muito bom, Michele. Hum,  **você.... tem trazido neh, dificuldade de sentir, dificuldade de sentir, e isso está muito relacionado com essa...não construção de ... de relação materna...porque é o nosso, a nossa primeira experiência do sentir**. Então, enquanto você esteve ali, X meses sendo gestada, você estava sentindo tudo, estava latente, mas dependendo... é da forma, não sei como... como se desenvolveu a história, mas houve uma história e.... acredito que houve um distanciamento e aí, pode ter bloqueado o sentir (Daniela, conversa hermenêutica).

Excerto 65

Eu acho que a experiência... ela foi muito rica, assim, como a Clarissa comentou, eu... eu tenho uma pegada forte nessas coisas do **autoconhecimento**. É...eu acho que eu me descobri muito quando eu comecei a... a entender que isso era importante para mim, neh, pelo menos, me descobri, me entendi em muita coisa, me aceitei mais ainda. É... acho que a experiência desse curso, ele traz um pouco mais de propriedade nesse assunto para mim, nas outras esferas em que eu ainda não tinha me entendido, um pouco nessa **relação materna**... enfim, que a gente, que ele tem a total **conexão** com...com a **questão das línguas**, neh que você deixou claro para a gente. **Ainda não tenho todas as respostas, não sei quando terei, mas eu acho que eu... eu já tenho um caminho mais claro do que eu tinha** (Michele, conversa hermenêutica).

Excerto 66

Enfim, estou vendo o quanto minha **narrativa linguístico-biográfica** é tão (ênfase) permeada da minha **história** com os meus **país**, com a minha **infância** (Clarissa, narrativa linguístico-biográfica).

Diante da interpretação do material textual gerado pelos participantes desta pesquisa, o movimento de **DESCOBERTA** de SI MESMO pode estimular a **compreensão** da **relação materna**, construída em integração, como um fator que pode ocasionar certa *facilidade* no desenvolvimento do sentir, uma vez que a **relação materna** é a primeira experiência do bebê com a linguagem do sentir, o que pode influenciar a qualidade de seus relacionamentos, assim como de sua

aprendizagem de línguas. Para ilustrar esse aspecto, destaco os depoimentos das participantes Clarissa e Bianca que revelam *facilidade* na comunicação e aprendizagem de línguas em seus relatos.

Conforme descrito anteriormente, Clarissa é tradutora e intérprete (português/inglês) e revela que estendeu sua facilidade e paixão pelos idiomas à sua atividade profissional. Bianca, apesar de já ter trabalhado como professora de inglês no início de sua vida profissional, não seguiu adiante na área; porém, também revela ter *facilidade* na comunicação e aprendizagem de línguas, até mesmo daquelas que não conhece como, por exemplo, quando compartilha sua experiência de viagem à Europa, onde se sentiu à vontade com o português de Portugal e com o idioma francês, mesmo sem ter estudado essas línguas anteriormente. Ambas compartilham em suas histórias de vida a *integração* experienciada em sua **relação materna**, na qual existe algum tipo de identificação e/ou proximidade por afinidade com a figura materna, o que pode ser um fator de influência em sua *facilidade* na aprendizagem de línguas, conforme segue:

Excerto 67

Foi por causa do meu **português**, do meu **espanhol** e do meu **inglês que cheguei aonde cheguei, que conquistei o que conquistei**. Das poucas certezas profissionais que eu tinha, uma era que seria algo relacionado a **idiomas**, fosse o meu materno, fossem os outros. Os **destaques da minha vida** sempre estiveram relacionados aos **sucessos com essas línguas** (...) (Clarissa, narrativa linguístico-biográfica).

Excerto 68

**Sempre tive bastante facilidade para aprender e me expressar através das línguas**. Meu primeiro contato com a língua foi através da minha língua materna, o português. Sempre tive facilidade para aprender e me expressar. Lembro-me das aulas de português, matéria que eu me destacava. Na época da **alfabetização**, me recordo de uma cena da minha **mãe me orientando**, fazendo o alfabeto pontilhado para que eu escrevesse em cima. Desde pequena, expressar-me através da língua era bastante natural para mim, eu era bastante extrovertida (Bianca, narrativa linguístico-biográfica).

No entanto, o movimento de **DESCOBERTA** de SI MESMO também se revela pela **compreensão** da **relação materna** que se manifesta em *ruptura*, o que pode ocasionar alguma *dificuldade* no desenvolvimento e expressão da linguagem do sentir bem como na construção de relacionamentos e

aprendizagem de línguas conforme ilustro por meio dos relatos de Michele, descritos adiante:

Excerto 69

Durante a atividade prática, proposta pela Daniela, de **retornar ao ventre materno, não consegui chegar lá** quando a Dani falou do ventre materno, me senti caminhando em direção, **mas** quando citou o ventre, eu **não consegui continuar a atividade**. Mantive o processo de respiração até o final da aula, mas não consegui mais me concentrar. **Ao expressar o fato, me emocionei**. E normalmente controlo bem minhas emoções quando não tenho intimidade com as pessoas, mas desde quando entrei na sala online, senti que tínhamos algum tipo de conexão, que neste momento não consigo explicar. Outro fator diferente nesta aula, **havia uma semana que eu havia perdido minha avó materna, fui criada pelos meus avós paternos pois minha... (ela se refere à mãe) saiu, optou por sair de casa quando eu tinha um ano**, tive contato com ela aos 15 anos, durante 7 meses, vivendo com ela, mas de fato foi um dos momentos mais difíceis da minha vida, até hoje, não conseguindo compreender por que entre nós **não havia o amor entre mãe-filha**. E desde esta época, tive poucos contatos com ela. Optei por interromper pois eles me faziam muito mal (Michele, narrativa linguístico-biográfica).

Excerto 70

**Meu processo de aprendizagem iniciou na escola e foi apoiado pela minha família**, que apesar de meus avós não terem finalizado o ensino fundamental, tinham uma consciência da necessidade de estudarmos. Meu pai finalizou apenas o ensino médio e na época estudou um curso técnico em contabilidade durante o ensino médio e fornecido pela própria instituição. Desde pequena me lembro que antes de podermos brincar, tínhamos que fazer uma resenha (termo utilizado por ela) de um determinado livro infantil. Após a conclusão, líamos para **minha avó**, que falava se estava bom ou não (Michele, narrativa linguístico-biográfica)

Excerto 71

(...) pegando na lógica das **línguas**, se eu não aprendo uma língua, é... sou um ser humano, passível de aprendizagem, tenho tempo igual todo mundo, me dedico, sei lá, sento do lado de uma pessoa e estudo igual ela, qual... o que que tem de diferente, então, tem algum **bloqueio**, ou **alguma outra coisa por trás**...é...que não seja necessariamente um bloqueio, pode ser só...sei lá...uma pequena, um pequeno método, mas tem alguma coisa por trás... (Michele)

- Uma desordem! (Daniela)

- ...Uma...é! boa palavra, é... tem... tem algo, assim, as coisas não se conectam por alguma razão e... e se dar o direito de entender isso, mesmo que você não saia daqui com a resposta de tudo, é benéfico pra vida, sabe, é benéfico para...para as pessoas que entendem a necessidade de evoluir no contexto humano, no contexto psicológico enfim (Michele e Daniela, conversa hermenêutica).

## Excerto 72

(...) eu não sei por cau...por qual motivo que **eu não tô conseguindo**, desde da... acho que das últimas três... dos últimos três encontros, é...é... **sentir** ou...ou ou ver alguma coisa na **meditação**, eu não sei se eu **tô esperando alguma coisa que não é** ou que eu não tô sabendo interpretar. Hoje, foi a mesma coisa, eu me senti muito leve, mas só o ato da leveza (...) é... então, eu tô me sentindo muito leve com isso tudo, mas...eu não tô conseguindo interpretar essa...esses sentimentos durante a meditação, sabe, **eu não tô conseguindo interpretar o que que de fato eu tô sentindo**...e aí eu não sei porque há um tempo atrás eu conseguia até participar dessa...desse tipo de dinâmica, tem muito tempo que eu não faço também, mas eu... **eu me perdi**, eu não...eu não ... **não consigo sentir nada**, sabe, mas senti essa leveza agora no final quando você abordou a questão do mar...é...só, mas só uma leveza assim, de corpo, mas eu também não sei se é porque eu tô me sentindo assim hoje depois que eu falei tudo o que eu falei, sabe?! Então, eu também não sei separar o que é A do que é B... então foi isso. (Michele, conversa hermenêutica).

## Excerto 73

Muito bom, Michele. Hum, você... tem trazido neh, dificuldade de sentir, **dificuldade de sentir**, e isso está muito relacionado com essa...não construção de ...de **relação materna**...porque é o nosso, a nossa **primeira experiência do sentir**. Então, enquanto você esteve ali, X meses sendo **gestada**, você estava sentindo tudo, estava latente, mas depend...é da forma não sei como, como se desenvolveu a história, mas houve uma história e... acredito que houve um **distanciamento e aí, bloqueou**. Então, minha percepção, talvez você possa estar buscando nesta meditação, o que você não vai encontrar na meditação, você precisa de uma **outra prática** para você tratar essa questão (Daniela, conversa hermenêutica).

A **DESCOBERTA** a respeito da *dificuldade* na aprendizagem de línguas que pode se apresentar em casos de ruptura na **relação materna** também é revelada em trechos dos depoimentos de Cristina, ao ocultar a presença da figura materna em suas experiências de vida e descrever algumas questões emocionais, relacionadas à linguagem do sentir, que percebe diante de sua *dificuldade* em experiências com o idioma inglês, conforme segue:

## Excerto 74

Minhas lembranças em relação à **língua materna** são positivas. Quando lembro de mim bebê **lembro do meu pai**, na infância lembro dele, da minha **avó materna, tias, madrinha, primos e amigos de infância**. Me lembro de afeto, carinho, brincadeiras, leveza (Cristina, narrativa linguístico-biográfica).

## Excerto 75

Durante as aulas, seja em escola ou particular, sempre vou bem no curso, nas provas e exercícios. Contudo, nas **situações reais**

que preciso me comunicar sinto vergonha, insegurança, medo e me sinto despreparada. Por medo de errar, passar vergonha, ser julgada e mal avaliada, prefiro não me expor ou travo na exposição. Já recusei entrevista e declinei de processo seletivo porque não quis nem tentar fazer a entrevista em inglês. É um sentimento de incapacidade (Cristina, narrativa linguístico-biográfica).

Excerto 76

Então, assim...é... é uma experiência de ...de algo que veio para agregar nessa coisa...nesse processo mesmo do...do meu autoconhecimento, de eu entender qual é o meu lugar no meu sistema é... de eu entender como isso tudo impacta na minha dificuldade em aprender um outro idioma, é ...então, assim, é isso...acho que assim descoberta para mim é a palavra e muita gratidão também (Cristina, conversa hermenêutica).

Ressalto que as **dificuldades** na **aprendizagem de línguas** nem sempre estarão relacionadas à **ruptura** na **relação materna**, pois não se trata de uma compreensão linear (causa -> efeito), mas complexa, no sentido moriniano, a fim de apresentar uma perspectiva que revela a possibilidade da influência desse aspecto como contribuição na busca de soluções para questões de **dificuldades** na comunicação e **aprendizagem de línguas**.

A gota-tema **DESCOBERTA** manifesta também o subtema CONEXÃO, revelando a aproximação de aspectos que, antes do início do curso, pareciam distantes para alguns participantes, mas que culminaram na revelação de uma profunda CONEXÃO entre o **autoconhecimento**, as **línguas** e **culturas**, como uma tríade capaz de despertar aspectos importantes da natureza do movimento das identidades entre línguas no curso em foco nesta pesquisa. O processo de **autoconhecimento** é capaz de resgatar informações essenciais que permeiam as relações com diferentes **línguas** e suas **culturas**, percepção a ser considerada na comunicação e ensino-aprendizagem de línguas, bem como em experiências de intercâmbio, conforme apresento nos trechos abaixo:

Excerto 77

(...) como eu falei no início deste encontro, que...foi a oportunidade que eu tive, vou usar a palavra do (risos), do Fabiano, “não ortodoxa”, de....é... autoconhecimento, assim, eu...eu acho...eu não conheço nenhum curso que...que faça isso, essa relação de...línguas, culturas e autoconhecimento, por mais óbvio que, agora, depois de ter passado pelo curso, pareça (Clarissa, conversa hermenêutica).

Excerto 78

Minhas principais reflexões giraram em torno do ponto chave do **autoconhecimento**, sobre a questão de **pertencimento**, pois muito em breve estarei vivendo em uma outra cultura e em um país que possui dois **idiomas** principais (inglês e francês) e ainda é super **multicultural**, pois possui alto número de imigrantes de todas as partes do mundo (Michele, narrativa linguístico-biográfica).

A fim de ilustrar a discussão dos elementos que constituem a gota-tema **DESCOBERTA**, apresento a imagem a seguir:

Figura 12: Gota-tema DESCOBERTA



Fonte: Elaborada pela autora

Importante ressaltar que esta pesquisa não esgota a compreensão do *movimento das identidades entre línguas em um curso sistêmico-complexo*, pois reconhece a impossibilidade de se abarcar o conhecimento em sua totalidade, uma vez que o fenômeno se desenvolve em continuidade, manifestando, a todo instante, inúmeras interações, conexões e emergências.

Eis que o rio em fluxo, nesta investigação, alcança o momento de desaguar no *Oceano* após a apresentação das gotas-tema: **BUSCA**, **TRANSCENDÊNCIA**, **AUTOCONHECIMENTO**, **PERTENCIMENTO** e **DESCOBERTA**, pelas quais navego em minha interpretação do fenômeno em questão nesta pesquisa.

## O OCEANO

*“Nade, sinta a corrente, deixe que o rio o leve.  
Ele quer voltar para casa, fluir para sua fonte.”*

Hunter Beaumont

Apresento, neste *oceano* em fluxo contínuo, as considerações finais provenientes da realização desta pesquisa, dedicando-me a retomar o percurso investigativo do *rio pelas identidades entre línguas*, tecer reflexões sobre esta experiência e sugerir possibilidades para pesquisas futuras.

A epígrafe apresentada na abertura desta tese, “tudo sempre começa na origem e para ela retorna” (ARANY, 2008, p. 13), destaca o movimento natural de ir e vir presente nos fenômenos da vida, o que me inspira a ser em continuidade na busca pela construção de conhecimento, para o aprofundamento de minha compreensão das identidades entre línguas, motivada pela minha própria bagagem de experiências como pesquisadora, tradutora, intercambista, eterna aprendiz e mentora sistêmica de idiomas.

Conforme a epígrafe descrita no início destas considerações, a abertura à experiência do sentir pode proporcionar o ampliar da percepção por meio da entrega ao fluxo natural da vida, que é capaz de nos conduzir à fonte, à nossa origem, abastecendo-nos para que possamos seguir nosso próprio destino, mediante a singularidade de nossas atitudes e escolhas de vida, sustentadas pela origem que somos em essência.

Diante da importância de se resgatar o sentir nas experiências entre línguas, retomo a finalidade desta tese, que consiste em promover o despertar da consciência e a sensibilização para aspectos não cognitivos que permeiam a comunicação e aprendizagem de línguas estrangeiras, podendo contribuir para a superação de dificuldades nessas áreas do conhecimento.

A metáfora escolhida para apresentar este trabalho, *o fluir das águas do rio em direção ao oceano*, tem como origem minhas experiências prévias entre línguas e uma certa conexão, em especial, com o elemento água, por sua potência de fluidez, adaptabilidade, força de (auto)condução e superação de obstáculos em continuidade, características que se revelaram como força motriz

para a realização desta pesquisa. Essa sabedoria natural do elemento água revela a importância de se reconhecer o caminho de um rio, desde sua nascente, manifestando sua origem de dentro para fora, conforme afirma Shanaytá (2008, p. 153): “a natureza ensina com o rio que tudo nasce de dentro para fora, como as águas da nascente, que saem do interior da terra e brotam na superfície”.

De maneira análoga, percebo que a *fluência* tão sonhada pelos aprendizes de idiomas pode ser compreendida como uma capacidade de expressão e comunicação com naturalidade, de maneira fluida, espontânea. Essa é uma performance que precisa ser construída, também, de dentro para fora, a partir das características singulares de cada ser, ou seja, de seu universo interior de crenças, emoções, sentimentos, comportamentos e referências ancestrais, informações contidas em seu sistema familiar, social e cultural, por extensão e em interconexão, que podem influenciar a qualidade de sua performance na comunicação e aprendizagem de línguas.

Ao estabelecer um diálogo com o mistério da vida pelo movimento das identidades entre línguas, investiguei o fenômeno em foco na fronteira do conhecimento tangível, tal como se revelou ao alcance de meu olhar neste momento de vida (entre línguas). As reflexões tecidas a partir da questão que orientou esta investigação: *Qual a natureza do movimento das identidades entre línguas em um curso sistêmico-complexo?* navegaram pelas experiências dos participantes e minha no contexto do curso remoto: *Quem sou eu entre línguas e culturas? Um percurso sistêmico.*

O caminho investigativo trilhado nesta pesquisa me permitiu alcançar o reconhecimento das seguintes *gotas-tema*: **BUSCA, TRANSCENDÊNCIA, AUTOCONHECIMENTO, PERTENCIMENTO e DESCOBERTA**, reveladas por meio da interpretação orientada pela AHFC, que me possibilitou identificar conexões significativas que ofereceram a sustentação e o ampliar de minha compreensão diante do fenômeno em investigação.

Em movimento natural de fusão com o oceano, o rio alcança seu destino sem mapas (FRANKE-BRYSON, 2016), seguindo sempre adiante e, aparentemente, desaparecendo no oceano. No entanto, por meio de uma visão ampliada, é possível reconhecer que ele se torna oceano por extensão de suas

águas, que também se transformam durante o percurso, em movimento cíclico e contínuo de renovação. Em analogia, esta pesquisa seguiu seu percurso sem mapas, nem categorias pré-estabelecidas, porém ancorada no Pensamento Complexo, na Visão Sistêmica pela via da Constelação Sistêmica e nas identidades entre línguas, concepções que orientaram meu olhar para a compreensão do fenômeno investigado como se revelou para mim, reconhecendo que a totalidade do conhecimento é inalcançável conforme destaca Morin (2008), por meio do Pensamento Complexo.

Neste encerramento de ciclo, sou grata pela experiência trilhada até aqui, na expectativa de ter contribuído por meio das reflexões tecidas e registradas neste trabalho. Em contribuição para a extensão da construção de conhecimento em fluxo contínuo por meio de pesquisas futuras, sugiro algumas questões e caminhos que considero relevantes para o desenvolvimento da aprendizagem de línguas e, também, para a formação de professores: o senso de pertencimento que pode ser despertado por meio das línguas; a natureza do fenômeno troca de idiomas (*language switch*) e como ele pode impactar a comunicação de falantes bi/multilíngues; a influência exercida pela primeira LE sobre as línguas estrangeiras aprendidas posteriormente e a preparação para a experiência do estranhamento diante de línguas e culturas estrangeiras.

*Afinal, quem sou eu entre línguas?* Eu sou este instante! Sou em busca, continuidade, profundidade, entrega, expansão, recolhimento, comunicação, expressão e, também, silêncio... Sou essência espiritual, fruto da gestação, de entrecruzamentos, interconexões, memórias que me atravessam por meio de minhas experiências vividas e ancestrais, os campos das línguas, suas culturas e o caminho que trilho na construção de meu próprio destino a cada movimento que direciono pelas minhas escolhas de vida no momento presente, e, também, pela ausência delas, de maneira consciente e inconsciente, coerente e incoerente... Enfim, eu sou... *I am... Je suis...*

Sigo adiante como eterna aprendiz da vida, aberta a um novo ciclo de vivências, realizações e aprendizados, levando comigo a compreensão de que as incertezas que ainda me fazem companhia podem oferecer infinitas possibilidades no horizonte de minhas experiências entre línguas.

## O LEITO DO RIO

AIRES, D. S. *Em busca da essência do self: um espetáculo da vivência de estudos de professores no exterior sob a perspectiva da complexidade*. Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

AIRES, D. S. *Quem sou eu entre línguas? Identidade, intercâmbio e complexidade em cena*. Curitiba: Editora CRV, 2017.

AMANTI-MEHLER, J.; ARGENTIERI, S.; CANESTRI, J. *A Babel do inconsciente: língua materna e línguas estrangeiras na dimensão psicanalítica*. Tradução de Cláudia Bachi. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2005.

ARANY, R. *Visão Gestadora: a visão em teia*. São Paulo: Editora KVT, 2008.

BEAUMONT, H. *A fonte*. In: HELLINGER, B. *A simetria oculta do amor: porque o amor faz os relacionamentos darem certo* / com Gunthard Weber e Hunter Beaumont. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. 9ª edição. São Paulo: Cultrix, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação)*. Brasília: MEC, 2019.

CAPRA, F.; LUISI, P. L. 2014. *A visão sistêmica da vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas*. Trad. Newton R. Eichenberg. São Paulo: Editora Cultrix.

CELANI, M. A. A. Afinal, o que é Linguística Aplicada? In PASCHOAL, M. S. Z. & CELANI M. A. A. (Orgs.). *Linguística Aplicada: da Aplicação da Linguística à Linguística Transdisciplinar*. São Paulo: EDUC, 1992.

CERBONE, D. R. *Fenomenologia*. Série Pensamento Moderno. Tradução de Caesar Souza. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CHNAIDERMAN, M. Língua(s) - language(ns) - identidade(s) - movimento(s): uma abordagem psicanalítica. In: SIGNORINI, I. (Org). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2001, p. 47-68.

COSTA, S. L. V. *Oficina on-line complexa como extensão da sala de aula de inglês: percepções e construções*. Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

DEWEY, J. *Experiência e educação*. Tradução de Anísio Teixeira. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.

EGRÉGORA. In: Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora, 2022. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/egrégora>. Acesso em 20/03/2022.

EMOTO, M. *As mensagens da água*. São Paulo: Ed. Isis, 1999.

FRANKE-BRYSON, U. *O rio nunca olha para trás: Fundações históricas e práticas das Constelações Familiares segundo Bert Hellinger*. São Paulo: Editora Conexão Sistêmica, 2016.

FRANKE-GRICKSCH, M. *Você é um de nós: percepções e soluções sistêmicas para professores, pais e alunos*. Trad. Décio Fábio de Oliveira Júnior e Tsuyuko Jinno-Spelter. Patos de Minas/MG: Atman, 2005.

FREIRE, M. M. A Abordagem Hermenêutico-Fenomenológica como orientação de pesquisa. In M. M. Freire (org.), *A pesquisa qualitativa sob múltiplos olhares: estabelecendo interlocuções em Linguística Aplicada*. Publicação do GPeAHF, Grupo de Pesquisa sobre a Abordagem Hermenêutico-Fenomenológica. São Paulo, SP, 2010.

\_\_\_\_\_. Da aparência à essência: a abordagem hermenêutico-fenomenológica como orientação qualitativa de pesquisa. In Rojas, J; Mello, L. S. (Org.). *Educação, pesquisa e prática docente em diferentes contextos*. 1ed. Campo Grande / MS: Life editora, v. 1, p. 181 – 199, 2012.

\_\_\_\_\_. Uma abordagem metodológica e uma teoria do conhecimento: relato de um encontro e a emergência de uma tessitura. In *Vias para a pesquisa: reflexões e mediações*. (Org.) M. M. Freire, K. C. N. Brauer, G. Aguilar. E-book. São Paulo: Cruzeiro do Sul Educacional. Campus Virtual, 2017.

GADAMER, H. G. *Truth and method*. Continuum, 1996.

HALL, S. A. *A identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7ª edição. DP&A, 2003.

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Tradução e revisão: Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2006.

HELLINGER, B. *Para que o amor dê certo*. Palestra proferida em São Paulo, agosto de 1999, em original manuscrito não publicado. Tradução Aand Udbuddha (Newton Queiroz), Rio de Janeiro, 2000.

\_\_\_\_\_. *Ordens do Amor: um guia para o trabalho com Constelações Familiares*. 12ª ed. Tradução Newton de Araújo Queiroz. São Paulo: Cultrix, 2010.

\_\_\_\_\_. *Pensamentos a caminho*. Tradução Newton de Araújo Queiroz, Rio de Janeiro. Patos de Minas: Atman, 2005.

\_\_\_\_\_. *A simetria oculta do amor: porque o amor faz os relacionamentos darem certo / com Gunthard Weber e Hunter Beaumont*. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. 9ª edição. São Paulo: Cultrix, 2004.

\_\_\_\_\_. *Bert Hellinger: Meu trabalho. Minha vida*. A autobiografia do criador da Constelação Familiar / com Hanne-Lore Heilmann. Tradução Karina Jannini. São Paulo: Cultrix, 2020.

MACLEAN, P. D. *The triune brain in evolution: role in paleocerebral functions*. California: Springer, 1990.

MATURANA, H. & VARELA, F. *A árvore do conhecimento*. Campinas/SP.: Editorial Psy, 1972/1995.

MELLO, F. *Constelações Pedagógicas segundo a Abordagem Sistêmica de Bert Hellinger*. São Paulo: Editora Leader, 2018.

MELO, A. M. *Pela estrada do pensamento complexo na rota das tecnologias digitais: o aluno e o professor, o piloto e o navegador*. Tese de Doutorado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

MOLLOY, S. *Viver entre línguas*. Tradução Julia Tomasini e Mariana Sanchez. Coleção Nos Outras. Relicário, 2018.

MORAES, M. C. VALENTE, J. A. *Como pesquisar em educação a partir da complexidade e da transdisciplinaridade?* São Paulo: Paulus, 2008.

MORIN E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

\_\_\_\_\_. *Ciência com consciência*. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 8.ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

\_\_\_\_\_. *O método 5: a humanidade da humanidade*. Tradução de Juremir M. da Silva. 5ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.

\_\_\_\_\_. *O método 2: a vida da vida*. Tradução de Marina Lobo, Simone Ceré e Tânia do Valle Tschiedel. 5ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2015a.

\_\_\_\_\_. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Tradução de Eliane Lisboa. 5ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2015b.

\_\_\_\_\_. Entender o mundo que nos espera. In MORIN, E.; VIVERET, P. *Como viver em tempo de crise?* Trad. Clóvis Marques. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015c.

\_\_\_\_\_. *Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação*. Tradução Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015d.

\_\_\_\_\_. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Trad. Eloá Jacobina 23.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. p. 117-128, 2017.

\_\_\_\_\_. *Fraternidade: para resistir à crueldade do mundo*. Tradução: Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Palas Athena, 2019.

\_\_\_\_\_. *A aventura de O Método e Para uma racionalidade aberta*. Tradução: Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perraci Bosco. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2020a.

\_\_\_\_\_. *Conhecimento, ignorância, mistério*. Trad. Clóvis Marques. 1<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020b.

MURIANA, M. B. *O percurso da lagarta: tradição e complexidade no ensino de língua inglesa em escolas de idiomas*. Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

OLIVEIRA, P. M. B. de et al. *Palavras de cura: um guia prático de frases sistêmicas para constelações familiares*. Desenhos de Júlia Otero. São Paulo: Editora Baraúna, 2020.

PENNYCOOK, A. Uma Linguística Aplicada Transgressiva. In Moita Lopes, L.P. (org.). *Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2001, p. 213-230.

SCHMIDT, L. K. *Hermenêutica*. Trad. Fábio Ribeiro. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SERRANI-INFANTE, S. Identidade e segundas línguas: as identificações no discurso. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2001.

SHANAYTÁ, R. *A natureza ensina: a conexão com a luz da cura*. São Paulo: Editora KVT, 2008.

SHELDRAKE, R. *Uma nova ciência da vida: A hipótese da formação causativa e os problemas não resolvidos da biologia*. São Paulo: Cultrix, 1981/2016.

SIGNORINI, I. *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. (Org.). Campinas, São Paulo: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2001.

SILVA, R. R. D. *Second language identity and study abroad: Brazilian experiences in the science without borders program*. Dissertação de Mestrado.

Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura. Universidade Federal da Bahia. Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Reitor Macedo Costa. Salvador, 2017.

SILVA, S. P. *Saberes em movimento: a tessitura complexa emergente de práticas de professores do Ensino Superior*. Tese de Doutorado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

VAN MANEN, M. *Researching lived experience: human science for an action sensitive pedagogy*. The Althouse Press, 1990.

VIEIRA, J. L. T. *Introdução à Pedagogia Sistêmica: uma nova postura para pais e educadores*. São Paulo: Life Editora, 2018.

VIEIRA, V. S. R. *Identidade revelando crenças na sala de aula de formação de professores de línguas*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. Universidade de Brasília. Biblioteca Depositária: BCE, Brasília, 2016.

VIVERET, P. O que faremos com a nossa vida? In MORIN, E.; VIVERET, P. *Como viver em tempo de crise?* Trad. Clóvis Marques. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.